

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Juan Francisco Xavier Alvez

MEIOS E MEDOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE MENORES
INFRATORES NOS TELEJORNAIS URUGUAIOS

Dissertação de mestrado

Santa Maria, RS.

2016

Juan Francisco Xavier Alvez

**MEIOS E MEDOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE MENORES
INFRADORES NOS TELEJORNAIS URUGUAIOS**

Trabalho de dissertação apresentado ao curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Área de concentração: Comunicação Midiática Linha de Pesquisa Mídia e identidades contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Ada Cristina Machado Silveira

Coorientadora: Profa. Dra. Clarissa Schwartz

Santa Maria, RS,
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Xavier Alvez, Juan Francisco
MEIOS E MEDOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE MENORES INFRATORES
NOS TELEJORNALIS URUGUAIOS. / Juan Francisco Xavier
Alvez.- 2016.
121 f.; 30 cm

Orientador: Ada Cristina Machado Silveira
Coorientador: Clarissa Schwartz
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2016

1. Meios de Comunicação 2. Minoridade 3. Representações
Sociais I. Machado Silveira, Ada Cristina II. Schwartz,
Clarissa III. Título.

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**MEIOS E MEDOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE MENORES INFRATORES NOS
TELEJORNALIS URUGUAIOS**

elaborada por
Juan Francisco Xavier Alvez

Como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ada Cristina Machado Silveira (UFSM)
Presidente/Orientadora

Prof. Dr. Valdir José Morigi (UFRGS)

Profa. Dra. Veneza Veloso Mayora Ronsini (UFSM)

Santa Maria, 01 de dezembro de 2016

Aos meus amados netos, Joaquin e Gabriel e a minha mulher, Ana,
por estarem sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Nestes dois anos em que elaborei meu projeto de mestrado, realizei minha pesquisa e preparei minha dissertação, inúmeras pessoas contribuíram para que o trabalho crescesse e caminhasse, dando sugestões, apoiando ou suportando em forma paciente os momentos de tensão, nervosismo ou mau humor. Apesar de ser uruguaio, em nenhum momento me senti ou me fizeram sentir um estrangeiro nos diversos lugares que frequentei para a realização das tarefas concernentes à pós-graduação,

Em primeiro lugar, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, ao Núcleo Comunicação Midiática-Linha de Pesquisa: Mídia e identidades contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), especialmente à Professora Ada Cristina Machado da Silveira, a quem devo agradecer por ter-me permitido conhecer esta universidade e logo, ter incentivado a realizar o curso de Pós-Graduação, também pelas preciosas orientações, pela atenção, pela disponibilidade e por saber reconhecer e aceitar o meu tempo para o cumprimento de cada etapa deste trabalho e por ir civilizando um bárbaro acadêmico, mas, sobretudo, muito obrigado pela confiança em mim depositada.

Agradeço a todos os professores que fizeram meu caminho mais seguro, entre os quais destaco a Liliane Brignol, Viviane Borelli, Flavi Lisboa, Clarissa Schwartz e, em especial, a Profa. Veneza Ronsini, pelos momentos agradáveis que me fez passar no seu curso e, principalmente, por ter aceitado integrar a banca examinadora, desde o primeiro momento que solicitei. Faço extensivo este agradecimento à Profa. Clarissa e, especialmente, ao Prof. Valdir Morigi já que teve se trasladar do seu lugar de residência para estar presente na instância da defesa da dissertação, mas, principalmente, pelas indicações, sugestões, correções e considerações enriquecedoras feitas ao texto apresentado à qualificação.

Muito obrigado à colega e amiga Helyna Dewes, como também a Phillip Grip pela colaboração inestimável para comigo. Um muito obrigado ao amigo Maurício, da Secretaria de Pós-Graduação em Comunicação. Obrigado à diretora do Ce.R.P., Profa. Karina Nossar, e à colega e amiga Cristina Rodríguez por incentivarem este trabalho.

Por último, desejo expressar a minha gratidão aos meus familiares que souberam entender as minhas ausências, distanciamentos e meus silêncios, já que sem eles esta caminhada não teria este destino.

RESUMO

MEIOS E MEDOS: REPRESENTAÇÕES SOBRE MENORES INFRATORES NOS TELEJORNALIS URUGUAIOS.

AUTOR: Juan Francisco Xavier Alvez

ORIENTADORA: Ada Cristina Machado Silveira

COORIENTADORA: Clarissa Schwartz

O trabalho estuda a cobertura que os telejornais uruguaiois realizaram de atos de violência protagonizados por adolescentes e sua incidência nas representações sociais do menor infrator. O entorno dos meios de comunicação desenvolve-se rapidamente no Uruguai devido a vários fatores, entre os quais se encontram a sua reduzida população, um crescimento sustentável, as políticas focadas em metas de cobertura universal e um importante legado de movimentos sociais e instituições da sociedade civil. Apesar deste cenário, há uma alta percepção de insegurança por parte do povo uruguaio com respeito aos delitos cometidos por menores de idade. Em 26 de outubro de 2014, o cidadão uruguaio foi convocado a um plebiscito com vistas a alterar a Constituição Nacional com a finalidade de reduzir a idade de responsabilidade penal e que resultou reprovado. Este estudo pretende investigar em que medida os telejornais colaboraram para chegar-se a essa instância. Utiliza-se o enfoque teórico das representações sociais e a abordagem metodológica dos estudos de narrativa para estabelecer, como a mídia, primordialmente, através da ideologia, colaborou na construção de representações sociais que visam construir a identidade do menor infrator como um monstro perigoso.

Palavras chave: Meios de Comunicação. Minoridade. Representações Sociais.

ABSTRACT

MEANS AND FEARS: REPRESENTATIONS ON MINOR INFRINGEMENTS IN URUGUAY NEWCASTS.

AUTHOR: Juan Francisco Xavier Alvez

ADVISOR: Ada Cristina Machado Silveira

COORDINATOR: Clarissa Schwartz

The work's subject is the coverage that the media, through Uruguayan TV newscasts, made over the acts of violence perpetrated by adolescents and its impact on social representations of the child. The surroundings of the media are developing rapidly in Uruguay due to several factors, among which are their small populations, sustainable growth, policies focused on universal coverage goals and an important legacy of social movements and institutions of civil society. Despite this scenario, there is a high perception of insecurity by Uruguayan people with regard to offenses committed by minors. On October 26, 2014 the Uruguayan citizen was summoned to a plebiscite in order to change the Constitution in order to reduce the age of criminal responsibility, which resulted disapproved. This study aims to investigate to what extent news programs helped to get to that instance. It uses the methodological approach of the narrative to establish, as the media, primarily through ideology, collaborated in the construction of social representations that aim to construct the identity of the juvenile offender as a dangerous monster.

Key words: Media. Minority. Social Representations.

LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS, FIGURAS E QUADROS

Figura 1. Modelo mediatizado das representações sociais.....	43
Tabela 1. Lares que possuem aparelhos de televisão e computadores.....	48
Figura 2. Propriedade dos meios de comunicação uruguaios.....	49
Figura 3. Agendamento dos meios de comunicação sobre a infância/adolescência no Uruguai.....	50
Quadro 1. Corpus de análise.....	72
Quadro 2. Análise da reportagem A.....	73
Quadro 3. Análise da reportagem B.....	75
Quadro 4. Análise da reportagem C.....	76
Quadro 5. Análise da reportagem D.....	77
Quadro 6. Análise da reportagem E.....	78
Quadro 7. Análise da reportagem F.....	79
Quadro 8. Análise da reportagem G.....	80
Quadro 9: Análise da reportagem H.....	81
Gráfico 1. % da população uruguaia maior de 18 anos que se percebe insegura.	105
Figura 4. Resultado do plebiscito sobre a reforma constitucional.....	106

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE.....	18
2.1 UMA INTRODUÇÃO ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	18
2.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO ORGANIZADORAS DA REALIDADE...20	
2.3 PROCESSOS DE OBJETIVAÇÃO E DE ANCORAGEM.....	23
2.3.1 A themata: o senso comum pendurado com prendedores de roupa.....	24
2.4 A IDENTIDADE COMO PRODUTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:.....	25
2.4.1 Os meios de comunicação como produtores de identidade mediante representações.....	27
2.5 IDEOLOGIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O MENOR E OS MEIOS NO URUGUAI, UM CASAL EM CONFLITO.....	32
2.5.1 Aterrissagem da ideologia na prática.....	35
2.5.2 A distorção como técnica midiática para construir a identidade do outro.....	38
2.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MÍDIA/TIZAÇÃO: UMA NOVA RELAÇÃO.....	40
2.6.1 Breve cartografia dos meios de comunicação no Uruguai.....	47
3 ABORDAGEM METODOLOGICA.....	53
3.1 TELEJORNALISMO: A QUE FAZEMOS REFERÊNCIA?.....	57
3.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA METODOLOGIA UTILIZADA.....	64
3.3 DIMENSÃO ESPAÇO-TEMPORAL DO ESTUDO.....	67
4 ANÁLISES E RESULTADOS.....	82
4.1 ASSASSINATO DO EMPREGADO DA PIZZARIA LA PASIVA.....	82
4.2 POLÍCIAS DE INVESTIGACIONES DE LA JEFATURA DE POLÍCIA DE MONTEVIDEO, DETUVIERON ESTA MAÑANA A CUATRO JÓVENES POR EL ASALTO DE LA PASIVA.....	90
4.3 MENORES MATAM A PAULADAS UMA CADELINHA.....	91
4.4 DECLARAÇÕES DO MINISTRO DO INTERIOR.....	93
4.5 ATIVISTAS EM N. PALMIRA PEDEM JUSTIÇA PELA MORTE DO CÃO	94
4.6 MORRE JOVEM ENVOLVIDO NA MORTE DA CADELA	95
4.7 ESTUDANTES DO SECUNDÁRIO AGRIDEM POLICIAL PELA MORTE DE UM ADOLESCENTE AMIGO QUE TENTOU ROUBAR COM VIOLÊNCIA.....	97
4.8 COMERCIANTE QUE MATOU UM ADOLESCENTE DE 16 ANOS EM UM ROUBO, FOI LIBERADO PELO JUIZ.....	98
4.9 INTERPRETAÇÃO GERAL.....	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	115

1 INTRODUÇÃO

No dia 26 de outubro de 2014, o cidadão uruguaio foi convocado para resolver nas urnas, se a Constituição Nacional seria modificada com a finalidade de reduzir a idade de responsabilidade penal, devido à alta percepção de insegurança que o povo uruguaio tinha com respeito aos delitos cometidos por menores de idade. Em maio de 2012, 65 por cento da população do país se sentia insegura, segundo a consultora CIFRA (2014, p. 218).

Complementando esta informação, o sociólogo Rafael Paternain, ex-diretor do Observatório Nacional sobre Violência e Criminalidade do Uruguai, sustentou que a porcentagem de percepção de insegurança que o povo uruguaio tinha já era muito elevada na década de 90, quando o fenômeno da criminalidade não havia se expandido. Segundo Paternain, o tema da segurança está na agenda política dos últimos 20 anos. Na atualidade, a percepção de insegurança é alta, mas hoje se cumpre com o pressuposto de que ela se alimenta da maior quantidade de eventos delitivos. Porém, existem vários fatores que contribuem para que aumente a percepção de insegurança: primeiro, o nível de confiança institucional - se no Uruguai a média é alta, igualmente há uma forte desconfiança - e, em segundo lugar, o papel dos meios de comunicação. Para Paternain:

[...] não há possibilidade de compreender de forma clara e acabadamente a centralidade que o fator “mídia” tem como fenômeno da opinião pública, uma vez que a cobertura dos fatos policiais e a politização da questão da insegurança é muito grande (PLAN URUGUAY 2015-2020, 2012, p. 218, tradução nossa).¹

No lugar de buscar as causas pelas quais os menores são impelidos a cometer crimes, o uruguaio optou por uma ação prática: baixar a idade de imputabilidade. Se bem os partidários da reforma constitucional não triunfaram, o resultado mostrou que quase cinquenta por cento do eleitorado esteve a favor da baixa da idade de imputabilidade.

Este estudo pretende investigar em que medida os meios de comunicação, a televisão, precisamente os telejornais, colaboraram para chegar a essa instância.

¹No original: “no hay posibilidad de entender claramente y acabadamente la centralidad que el factor ‘medios de comunicación’ tiene como fenómeno de opinión pública, puesto que la cobertura de los hechos policiales y la politización del tema de la inseguridad es demasiado grande”

Para isso, utilizando a análise narrativa e o enfoque teórico das representações sociais, este estudo estabelece como hipótese central que a mídia, entre outros fatores, contribui para construir a identidade do menor infrator como um monstro perigoso.

O estudo busca estabelecer a relação entre a percepção do menor infrator como um fator de insegurança por parte de uma porção significativa da população uruguaia e a influência da mídia, mais precisamente dos telejornais, contribuindo, não em forma determinante, mas circundante, na construção dessas representações sociais. Mesmo reconhecendo-se que é um fenômeno multidimensional, acredita-se que a incidência da mídia foi um fator que condicionou essa construção, sem descartar a incidência de outros fatores.

Este trabalho tem a convicção de que a democracia se assenta no fato de estimular a discussão com os seus concidadãos sobre os temas da ordem do dia, permitindo dessa maneira, no exercício da argumentação e da persuasão, atividades em si potencialmente transformadoras das posições confrontadas, e, portanto, enquadráveis na abertura ao outro. Em sociedades como as que vivemos atualmente, caracterizadas pela multiplicidade de identidades, as oportunidades e atividades de comunicação interpessoal são essenciais.

A globalização e as transformações na estrutura social incidem nas novas dinâmicas da inclusão e da exclusão social, questionando a própria ideia de cidadania social. Em seu lugar surge um fenômeno complexo e multicultural apesar de que as relações de poder destaquem uma hegemonia cultural, invisibilizando a multiplicidade de vozes díspares, impondo-se, segundo Foucault, a verdade que opera como ficção convincente fundamentada mediante o “*discurso del poder* [que pressupõe] *relaciones de poder*” (HARRIS, MARVIN, 1889, p. 155) que privilegiam a autoridade.

A pretensão de construir a realidade desde o pensamento único impede distinguir que toda sociedade é heteroglóssica (JAMESON; ZIZEK, 1998), pois isto somente ocorre porque os discursos existem sob a hegemonia da classe dominante, aparecendo a realidade como monoglóssica, portanto, é possível afirmar que a realidade é produto de uma certa relação de forças e não tanto de um consenso. Mas essa relação de forças deixa resquícios para a resistência, principalmente dos adolescentes e jovens que se manifestam sob uma aparente harmonia consensual, mas que, na verdade, despe uma *polifonia subterrânea*, que deve conter todo espaço público.

O que se percebe, e é o que este trabalho pretende transmitir, é que nesta nova modernidade recolonizada pela incerteza, pelo medo, pelo controle, há uma democracia

de indivíduos “a secas” e não de cidadãos, portadores de direitos e obrigações. Há um avanço do indivíduo consumidor, não somente de bens materiais, mas também de bens simbólicos, entre os quais se encontram a televisão e o telejornalismo, o que pode estar associado à deterioração do espaço público. Observa-se uma cidadania de baixa intensidade, ou seja, os indivíduos são cidadãos em seus direitos políticos, mas não o são em seus direitos civis e sociais. Em uma sociedade como a uruguaia, na qual o discurso predominante do super-eu trata de deglutir as diferenças e o Outro é construído como idêntico ao olhar que o vigia, a voz que o xinga para corrigi-lo, dizendo-lhe: “seja assim!”, considera o adolescente, no discurso midiático, um subversivo na medida em que não aceita ser submetido ao objeto de gozo do super-eu.

A presente dissertação que tem como título: “Meios e medos: representações sobre menores infratores nos telejornais uruguaiois” aborda a cobertura que os meios de comunicação, através dos telejornais do Uruguai, fizeram dos atos de violência protagonizados por adolescentes e sua incidência na representação social do menor.

O entorno dos meios de comunicação digitais no Uruguai está se desenvolvendo rapidamente devido a sua reduzida população, um crescimento sustentável, políticas focadas em metas de cobertura universal e um importante legado de movimentos sociais e instituições da sociedade civil neste país. Contudo, a propriedade dos meios de comunicação privados permanece concentrada significativamente nas mãos de um oligopólio de grupos familiares.

Com referência a sua população, nota-se um lento, mas progressivo envelhecimento, já que a faixa etária a partir de 65 anos passou de 7,6 por cento no censo de 1963 para 14,1 por cento no censo de 2011. Já no período 1963-2011 se verifica um importante descenso da porcentagem de população menor de 15 anos, que passou de 28,2 por cento da população em 1963 para 21,8 por cento em 2011 (INE, 2011), o que sugere que o Uruguai é considerado um país com uma população significativamente envelhecida, e, possivelmente, também com valores sustentados, preponderantemente, por esta faixa etária.

O pressuposto geral do qual partiu o projeto que conduziu a dissertação considera que:

[...] os meios de comunicação desempenham um papel chave no domínio público, devido ao peso exercido sobre a formação da opinião pública. Em suas várias formas, os meios de comunicação tornam-se, em parte, responsáveis pela forma como são estruturados e são construídas as imagens

que a sociedade tem de si mesma (MORIGI et al., 2005, p. 98, tradução nossa)²

Nesse jogo comunicativo constante, em especial nas sociedades modernas e de modernidade tardia, a mídia – aqui entendida na forma televisiva – é protagonista na construção de sentidos, influenciando posições e opiniões sobre os mais diversos assuntos. Considerar-se-á a relação existente entre mídia – telejornais - e a exposição midiática dos menores infratores e suas representações sociais.

O *corpus* selecionado está composto por acontecimentos de telejornais uruguaios, veiculados entre março de 2012 e outubro de 2014, data que a Justiça Eleitoral fixou para a realização do plebiscito constitucional sobre a redução da idade de responsabilidade criminal de 18 para 16 anos. Também a data é coincidente com a campanha eleitoral para a presidência do Uruguai. Os vídeos selecionados são oriundos dos principais telejornais de três canais privados: Subrayado, do Canal Dez Saeta, Telenoche, de Montecarlo TV do Canal Quatro e Teledoce, do canal Doze La Tele. Os três canais operam em sistema televisão aberta, abrangendo diferentes estratos sociais, propiciando assim uma maior disseminação da atividade representacional.

Como problema de pesquisa, este projeto parte do conceito de que a identidade depende de um sujeito individual ou coletivo para ser reconhecida, portanto a identidade se constrói no diálogo e no intercâmbio, porém, os meios de comunicação, através de uma mensagem ideológica, não somente constroem, senão produzem identidade. Faz parte do problema explicar em que medida o contexto histórico-sócio-cultural e político incidiu para a aprovação do processo plebiscitário da Constituição Nacional para decidir a redução da idade de responsabilidade penal.

No Uruguai de hoje parece estar instalada uma hegemonia imagética que representa o menor infrator com uma subjetividade fraturada e descentrada que agrava a integração.

Portanto, cabe perguntar em que medida a mídia *contribui* para a construção da identidade do menor infrator como um monstro perigoso e uma ameaça para sociedade, resultando no agendamento da aprovação da lei de maioria penal, ou seja, que este

² No original: “los medios desempeñan un papel fundamental en la esfera pública, debido al peso que ejercen en la formación de la opinión pública. En sus diferentes modalidades, los medios se tornan en parte responsables por la forma en cómo se estructuran y son construidas las imágenes que la sociedad tiene de sí misma”.

trabalho não desconhece a influência de outros fatores, mas acredita que a mídia cumpre um papel fundamental que explicaria esta relação.

A integração que já é “parcial e precária” (MARTIN BARBERO, 2008, p. 60) devido à segmentação socioeconômica e à segregação territorial, aprofunda-se através das brechas simbólicas em quanto é uma sociedade com um componente alto de população envelhecida.

Na última década, ocorreu no Uruguai uma ofensiva midiática e política nada favorecedora da identidade do menor infrator, portanto, este estudo tem como pergunta orientadora a seguinte: *em que medida a narrativa dos meios de comunicação colaborou na construção das representações do jovem infrator como um problema para a sociedade?*

Este questionamento servirá para entender a possível relação entre a mídia e as representações dos menores infratores. Até que ponto essa relação explicita a fragilização daquilo que se supunha fixo, é dizer, da identidade enraizada, conformando atualmente uma imagem das *moving roots* (MARTIN BARBERO, 2008, p. 60-61) do adolescente.

O trabalho tem como objetivo geral investigar os significados e representações que circulam nos telejornais uruguaios em torno da temática da violência envolvendo o menor infrator e como objetivos específicos foram propostos os seguintes: caracterizar o contexto histórico sociocultural do Uruguai onde a problemática do menor infrator está inserida; identificar quais atos de violência cometidos pelos jovens são destacados nas coberturas dos telejornais uruguaios; analisar como são construídas as identidades dos jovens infratores nas narrativas dos telejornais; e identificar as estratégias da narrativa telejornalística (enquadramento das imagens, sons, etc.) utilizadas para noticiar os atos de violências cometidos pelos jovens.

Buscamos manifestar que o projeto de pesquisa visa investigar em que medida a mídia *contribui* para construir o jovem infrator como um problema para a sociedade, como também, verificar se os meios de comunicação podem construir a identidade social do adolescente infrator, e foi dessa maneira que se procedeu a realizar o estado da arte sobre esta temática, tratando de encontrar trabalhos que contribuíssem ao foco da investigação. Os critérios usados para a busca foram, em princípio, o tema e as palavras chave: comunicação, identidade e representações sociais.

Durante a construção do Estado da Arte³ desta pesquisa, ampliamos nossa busca para discurso jornalístico, menor infrator e mídia, eixo no qual estão situados vários dos teóricos citados neste trabalho, ainda que nossa discussão central seja o telejornalismo e as representações sociais do menor infrator. A maioria dos estudos mapeados utiliza veículos jornalísticos e seus produtos como objeto de análise, a partir do qual se dão as problematizações, de acordo com a área de investigação em que estão inseridas.

Entre os estudos encontrados, reconhecemos trabalhos como de Deise Mancebo (2013), Anelise Schutz Dias (2016), Fabiano Rocha Flores (2015), Valdir Morigi (2005), Bader Sawaia (2001), Muniz Sodré (1999), Rosario Sánchez Vilela (2016), Rafael Patternain (2012) e José P. Barrán (1990) que se aproximam às questões da mídia ou do menor infrator, mas não tratam os dois conceitos desde as representações sociais. No entanto, aportam elementos centrais para dar clareza à temática, como a questão da identidade na sociedade pós-moderna, da exclusão social, os meios operando como aparato da ideologia e disciplinamento.

A busca visou em uma metodologia qualitativa, por tal motivo apontou-se o interesse em procurar materiais que tivessem semelhança com o tema do projeto. Ao parecer, ainda que seja um tema que está na atualidade, não foi fácil encontrar um trabalho que, em certo aspecto, fosse semelhante com o tema de estudo.

Como metodologia qualitativa se escolheu a análise da narrativa porque é uma forma de conhecimento e organização do mundo, já que tenta fazer inteligível e comunicável a experiência, pois a narrativa é produtora de sentidos e significados.

O interesse por este estudo surgiu a partir da participação como estudante de mestrado em Comunicação na Linha de Pesquisa Mídia e Identidades Contemporâneas, na área de interesse Representação midiática.

Justifica-se a pesquisa na medida em que se interessa pela cobertura que os meios fazem com referência a atos de violência protagonizados por adolescentes, por tal motivo, pretende-se analisar e refletir sobre a construção da identidade do menor infrator pela ágora midiática. Acredita-se que a investigação contribuirá na área de Comunicação Midiática desde o momento em que a reflexão sobre a representação projetada pelos meios de comunicação permitirá estabelecer uma relação entre tal

³ A pesquisa foi realizada dentre os trabalhos disponíveis online e de livre acesso em plataformas como da Universidade da República do Uruguai (UDELAR), da Universidade Católica do Uruguai (UCUDAL), o Banco de Tese da Capes, nos *sites* dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de diferentes universidades do país, como UFRGS, UFSM, USP e nos sites da Universidade de Buenos Aires (UBA) e da Universidade de México (UNAM). Também na, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPjor) e em livros eletrônicos ou digitalizados e em formato papel.

mensagem e a percepção de outros grupos sociais na construção da imagem do adolescente e do jovem como os monstros perigosos, aumentando assim o sentimento de insegurança. Também é importante porque no Uruguai não é abundante o estudo do impacto da mídia nos diferentes grupos e estratos sociais e se acredita que este trabalho contribuirá para que a sociedade, ou setores da mesma, discutam sobre a temática.

Portanto, buscamos conhecer quais são as representações do adolescente infrator que circulam na mídia e também qual é a visibilidade adquirida através das narrativas do telejornalismo. Estas são algumas das questões que serviram como guia na elaboração do trabalho. É oportuno assinalar que a interrogante que sobressai no fundo daquelas questões é: de que modo nas representações que se produzem e circulam na mídia, a fala do adolescente infrator é ouvida? Em outros termos, não há uma construção subalterna do outro-menor infrator?

Por último, explicitaremos como está estruturado este trabalho: a Introdução é seguida pelo capítulo dois intitulado “Representação e identidade” que trata os conceitos de identidade, representação social e ideologia, fazendo ainda uma abordagem teórica das representações sociais, e como ordenadora da realidade, analisa os processos de objetivação, de ancoragem e themata, é dizer, o senso comum pendurado com prendedores de roupa e as representações sociais.

No capítulo três “Abordagem metodológica” trabalhamos com a relação entre representações sociais e ideologia e aspectos da cartografia de meios do Uruguai. A metodologia que se adota é qualitativa, pois se acredita que a narrativa é a mais adequada para a análise do texto. Ela está no capítulo quatro “Análises e resultados”, partindo da pergunta: por que interessa analisar a realidade social do menor infrator desde a perspectiva das representações sociais? Trata-se de explicar esta questão. No capítulo cinco “Considerações finais” buscamos retomar a análise dos acontecimentos e explicar como o telejornalismo opera ideologicamente ao ao mediar na construção das representações sociais.

2 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE

2.1 UMA INTRODUÇÃO ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Dar conta da noção das representações sociais não é uma tarefa fácil, já que o conceito se prestou, por um lado, para muitas interpretações e também é um conceito que atravessa diversos campos disciplinares, inclusive, com diferentes sentidos.

Portanto, podemos caracterizar as representações sociais como construções simbólicas, tanto individuais como coletivas que os sujeitos apelam para interpretar o mundo e, conseqüentemente, agir sobre ele de tal maneira que o sujeito outorga significações à realidade ao manter relações de simbolização com essa realidade. Como explicamos anteriormente, essas relações de simbolização funcionam como guias para a ação, é dizer, tem efeitos práticos.

Entende-se aqui a representação como uma imagem mental que um indivíduo ou um grupo tem sobre um evento, processo que é percebido de alguma forma e segundo Lacolla (2005) são construções mentais que atuam como motores do pensamento. O anterior está acorde ao sinalizado por Sá (1998) ao referir-se à construção e à identificação do acontecimento objeto da representação social, pois “a existência ou não do fenômeno não é algo sempre evidente” (1998, p. 47), tanto para o pesquisador quanto para o grupo considerado para estudo, o que faz ter em conta a observação de Jodelet (1986), quanto à necessidade de “evitar trabalhar sobre o discurso social flutuante, sem assento nem referência sobre a prática, e apresentando, sobretudo o risco de ser falacioso” (p. 173-4), já que deve existir uma correspondência entre o pensamento social- as representações- e as práticas sociais da população estudada, ao que se adiciona a “relevância cultural” (SÁ, 1998, p. 50) em termos de práticas socioculturais.

Como assinala Arruda (2009), o estudo da representação social persegue a transformação do pensamento social e os seus desdobramentos, segundo o grupo que fala. Ou seja, como todo tipo de saber especializado, uma vez posto em debate na esfera pública, tornava-se objeto de representação, migrando do seu universo específico para o do senso comum, entrelaçando registros do social e do individual, dissolvendo assim a dicotomia indivíduo-sociedade, o que significa que o ser humano não pensa desligado do social, ao contrário, pensa atravessado por este, carregando

[...] no seu pensar a marca dos grupos que incidem sobre a sua experiência, sobre a sua identidade, bem como a marca da história, da política, das divisões sociais e tantas outras, e isso não se configura como uma simples retradução na linguagem daquele grupo. A invenção do pensamento no dia a dia mistura, portanto, elementos que envolvem interesses, exercício do poder, desejo de aceitação, eventuais questões circunstanciais, compondo um novo desenho traçado pelos diversos atravessamentos do social – os mais próximos, os mais distantes – que vão da experiência vivida à necessidade de comunicação, de reconhecimento, passando pela presença ou pertença aos grupos sociais, valores e interesses do grupo, bem como pelo momento histórico, a posição sociocultural, geográfica, étnica, religiosa, até a situação política mais próxima e mais geral – não obrigatoriamente nesta ordem. [...]. Do ponto de vista psicossocial, elas trazem para o registro do cotidiano: relações, concepções, crenças, imagens e afetos que a sociedade abriga e veicula por períodos longos – e outros não tão longos – vertendo-os na construção deste cotidiano. Elas trabalham não apenas o que provoca o conhecimento, o objeto que instiga a (re)construção, mas os diversos fios que tecem a organização social, a urdidura das culturas, os andaimes do simbólico, para acolher na rede pré-existente de significados o objeto ou a situação que se apresenta (ARRUDA, 2009, p. 746-747).

Este tipo de bagagem se torna uma ciência popular que age sobre o modo de ver e atuar no mundo, constituindo uma espécie de "óculos" com os que temos um modo de ver alguns eventos.

Deve-se levar em consideração que nas representações sociais busca-se entender os modos de conhecimento e os processos simbólicos em relação com a conduta, é dizer, que o objeto da representação seja “detectado em comportamentos e comunicações que de fato ocorram sistematicamente” (SÁ, 1998, p. 50), ou seja, que a partir do informado pela mídia, as pessoas, não todas ao mesmo tempo, conversam do objeto representado – neste caso, dos menores em infração com a lei penal - mas em inumeráveis e diferentes contatos interpessoais, em pequenos ou grandes grupos, no bar, na rua, na casa, no bairro, no chat, no *Facebook*, cobrindo diversas categorias socioculturais, idade, sexo, ocupação, partido político, capital educativo, etc. Uma condição inerente aos estudos de representação social é a identificação do contexto social em que as pessoas que fazem as representações sociais estão inseridas, pois se tenta detectar a ideologia, as normas e valores dos indivíduos, instituições e grupos de filiação e referência. Enfatiza-se no coletivo e na compreensão da realidade social a partir de sua construção social, pois são elementos centrais na teoria de Moscovici.

Não se deve esquecer que as representações sociais são “alguma coisa que emerge das práticas em vigor na sociedade e na cultural e que as alimenta, perpetuando-as ou contribuindo para a sua própria transformação” (SÁ, 1998, p. 50), como também, e segundo Guimelli (2004) cabem às representações sociais a interpretação da realidade, relacionando-se com esta através da criação de símbolos e significados.

As representações sociais podem também ser consideradas, como “a transformação do não familiar em familiar” (LACOLLA, 2005, p. 5, tradução nossa)⁴, isto é, o sentido comum, infestado de concepções e teorias implícitas, um conhecimento ingênuo, natural e espontâneo, fundamentado nada mais que no perceptivo, desde seus diferentes mecanismos, como, por exemplo, informações recebidas mediante experiências particulares ou através dos meios de comunicação sem uma análise adequada e profunda da situação. São relatos que desvirtuam as experiências vividas por terceiros, que ao final, todas contribuem, de uma maneira ou outra, na sedimentação da realidade social, incidindo sobre a maneira de “ver” as coisas, e inclusive, de formar um juízo e agir nessa realidade, é dizer, atuam como mediadores em nosso comportamento, em nossas interações sociais e relacionamentos, permitindo dar significado e sentido às nossas ações e às ações dos outros.

2.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO ORGANIZADORAS DA REALIDADE

Como foi dito, as representações sociais se consolidam através de sua circulação “nas palavras, nas mensagens, nos meios de comunicação, cristalizadas nas condutas e nas disposições materiais ou espaciais” (GUNTHER, 2002, p. 7, tradução nossa)⁵, desempenhando um papel importante na comunicação desse conhecimento aos sujeitos, em quanto as informações fornecidas pelas imagens, atitudes, crenças, expressões socialmente compartilhadas, diretamente ou herdadas, se apresentam como uma “modelagem” linguística ou objeto visível.

Conforme o pensamento de Ada Machado Silveira (2002, p. 16), as representações, ao ser desenhadas nas dimensões espaciais e temporais, forjam um marco para organizar o caos, dotando de sentido ao mundo, tanto pessoal, familiar como coletivo. Esse dotar de sentido é uma tentativa de criar categorias estáveis no espaço-tempo (p. 16), substituindo a presença na ausência, pois como sustenta Lefebvre (1982), “*las palabras, los signos, representan la presencia en la ausencia*”

Projetadas no espaço-tempo, as representações forjam um quadro para organizar o caos e dar sentido ao mundo pessoal, familiar e coletivo. Contemporaneamente, as conceituamos como uma tentativa de criar categorias estáveis no espaço-tempo, em um triunfo da concepção hegeliana.

⁴ No original: “*la transformación de lo no familiar en familiar*”

⁵ No original: “*en las palabras, en los mensajes, en los medios de comunicación, cristalizadas en las conductas y las disposiciones materiales o espaciales*”.

Portanto, as representações tentam substituir a presença na ausência e ao mesmo tempo, recuperar e estabelecer uma ordem vinda do passado, o que tem implicações na representação futura. (SILVEIRA, 2002, p. 16, tradução nossa)⁶

Toda representação então, é uma informação que se dirige à nossa sensibilidade, conectando-a na memória, designando o objeto ausente, incorporando as dimensões espaciais e temporais. E recordando a Jacques Aumont (1992, p. 262 apud SILVEIRA, 2002, 108, tradução nossa)⁷: “Toda representação é referida pelo seu espectador-ou mais bem, pelos seus espectadores históricos e sucesivos– a enunciados ideológicos, culturais, em todo caso simbólicos, sem os quais não tem sentido”

Pode-se perceber que na representação social, o sujeito ganha um papel primordial ao recair nele o reconhecimento ou não do representado e conferir sentido, pois permite ao espectador “*ver por delegación una realidad ausente, que se le ofrece tras la forma de un representante*” (AUMONT, 1992, p.108) e, neste caso, desde a imagem televisiva.

Este processo tem como principal característica, segundo Couchot, reforçar o sentido de representação como correspondência entre o objeto e sua imagem, conferindo-lhe uma capacidade de autonomia:

A morfogênese por projeção envolve sempre a presença de um objeto real anterior à imagem. É criada uma relação de mão dupla entre o real e sua imagem. Ela se vira, então, enquanto uma representação da realidade (COUCHOT, 1993:39, apud SILVEIRA, 2002, p. 115, tradução nossa).⁸

A aderência televisiva teve a fortuna de chegar ao ponto em que o espectador já não tem a certeza de distinguir os limites entre o real e a sua representação televisada, é como diz Couchot “*más que representar, la televisión sobre representa*” (COUCHOT, 1993, apud SILVEIRA, 2002, p. 117) Esta sobrerrepresentação é mais profunda ao considerar as qualidades das representações, em especial se seus mecanismos “*son evidentes u ocultos [Lefebvre afirma] que las representaciones tienen un contenido práctico*

⁶ No original: “*Diseñadas en el espacio tiempo, las representaciones fraguan un marco para ordenar el caos y dotar de sentido al mundo personal, familiar y colectivo. Contemporáneamente, las conceptuamos como una tentativa de crear categorías estables en el espacio tiempo, en un triunfo de la concepción hegeliana. Por lo tanto, las representaciones intentan tanto reemplazar la presencia en la ausencia como recuperar e instaurar un orden venido del pasado, lo cual tiene implicaciones en la representación del porvenir*”.

⁷ No original: “*Toda representación es, pues, referida por su espectador –o más bien, por sus espectadores históricos y sucesivos– a enunciados ideológicos, culturales, en todo caso simbólicos, sin los cuales no tiene sentido*”.

⁸ No original: “*La morfogénesis por proyección implica siempre la presencia de un objeto real que preexiste a la imagen. Se crea una relación biunívoca entre lo real y su imagen. Ella se da, de esta manera, en tanto que una representación de lo real*”.

irreductible puesto que ellas se hacen presentes em lo cotidiano [as toma] como hechos de palabra o discurso y de práctica social” (SILVEIRA, A. 2002, p. 116).

Os tradicionalismos se valem de representações que se apoderam do passado pitoresco e tiram rentabilidade dos ressentimentos. Assim, uma representação da identidade coleta as vibrações dispersas do passado, projetando-se a partir de suas sobrevivências imaginárias a uma comunidade determinada de interpretação. (SILVEIRA, 2002, p. 117, tradução nossa). (A tradução é minha).

Nesse sentido, na atualidade, as condições técnicas da televisão permitem que as representações percebidas sensorialmente tenham a possibilidade de salvar fronteiras locais, brechas culturais e sociais, incidindo na memória coletiva, emergindo um processo de homogeneidade ou de padronização, utilizando para tal fim a tradução de um universo conceptual próprio da cultura dominante às demais subculturas periféricas através da difusão, expandindo-se a uma determinada população, limando o ainda desigual das imagens semelhantes, ao subsumir a intuição singular e concreta na imagem universal já interiorizada por abstração, como bem assinala Hegel (1997, p. 497 apud SILVEIRA, 2002, p. 17)⁹, convocando uma reminiscência.

2.3 PROCESSOS DE OBJETIVAÇÃO E DE ANCORAGEM

Para que seja mais claro o conceito, a representação social abrange um processo de objetivação e de ancoragem (JODELET, 1993). Pelo o primeiro, o objeto pode ser apreendido na medida em que a objetivação está incrustada, alojada e edificada em um saber comum, compartilhado por um grupo ou uma coletividade. Em definitiva, é “[...] *reproducir un concepto en una imagen*”.

Sá (1998, p. 69-71) seria explícito ao referir-se à objetivação como exigência original quanto aos processos formadores das representações, bastante atenuada atualmente, no sentido que a pesquisa deve ser feita, porque talvez seja mais viável evidenciá-la nos meios de comunicação de massa, já que além de constituírem fontes de formação das representações na contemporaneidade, é especialmente na televisão que “melhor se configura a tendência à concretização das ideias em imagens” (SÁ, 1998, p. 71). Deve considerar-se que, pelo processo de ancoragem, Jodelet salienta que:

[...] a representação e seu objeto estão enraizados na sociedade, ou seja, há uma integração cognitiva-ao quadro de referência conhecido pelos sujeitos e, por sua vez, as representações tornaram-se ferramentas socialmente úteis para a

⁹ Hegel, G. W. F. (1997): Enciclopedia de las ciencias filosóficas en compendio. Para uso de sus classes. Alianza, Madrid. In: SILVEIRA et al. Comunicação Midiática. Santa Maria: FACOS-UFSM. 2002, p. 17.

comunicação e compreensão. Simplifique-mos, ancorar uma representação é conectar às suas raízes no espaço e no contexto social, ou seja, vincula-lo, enraizar-lo aos seus valores, crenças, costumes preexistentes ao grupo social de onde a representação social saiu, articulando, em cada representação feita por um grupo social, o novo com o velho. (JODELET, 1993, p. 381, tradução nossa).¹⁰

Deve-se adicionar que a ancoragem aporta ao sujeito a segurança de pertencer a um grupo e, porém, de encontrar seu lugar, portanto, as representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligados à inserção social dos sujeitos e grupos intermediados por relações sociais que “organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (SÁ, 1998, p. 75), ou seja, a ancoragem se encontra diretamente relacionada à classe social que age em um campo social, o que permite afirmar o proposto por Sá (1998, p. 76) que “nós não compramos um jornal (não vemos um telejornal), mas um princípio gerador de tomadas de posição”.

No processo de ancoragem, o social emerge na escolha das categorias que serão escolhidas para apresentar o novo aparentando com o velho, ao ponto que Castro (2004, p. 300) considera a ancoragem um “princípio de conservação” assegurando a continuidade das reações dos públicos aos acontecimentos que se lhes vão apresentando.

Na difusão, o discurso do telejornal adota uma estratégia flexível, portanto, não supõe que sua audiência seja um grupo homogêneo nem pretende equalizar os comportamentos, admitindo a expressão de uma variedade de pontos de vista sobre, neste caso, a minoridade infratora, e mesmo as contradições de ideias não precisam ser conciliadas, pois parece, e isto faz parte da estratégia, que todas têm o mesmo valor. No entanto,

[...] as categorias de ancoragem que são escolhidas para os vários argumentos serão obviamente diferentes, e algumas serão socialmente mais valorizadas e mais positivas do que outras, o que constitui um indicador para o fato de uma comunicação aparentemente neutra poder estar a veicular também avaliações – o que implica que seria necessário sermos capazes de desenvolver instrumentos para entender esses padrões (CASTRO, 2004, p. 300).

Sintetizando, a objetivação é o processo pelo qual a informação se transforma e conecta a uma imagem-representação e a ancoragem é o processo pelo qual se atualiza a

¹⁰ No original: “*la representación y su objeto se enraízan en la sociedad, o sea, hay una integración cognitiva al marco de referencia conocido por los sujetos y a su vez, las representaciones se convierten en instrumentos socialmente útiles para la comunicación y la comprensión. Simplifiquemos, anclar una representación consiste en conectarla a sus raíces en el espacio y en el contexto social, es decir, vincularlo, enraizarlo a sus valores, creencias, costumbres preexistentes al grupo social de donde la representación social salió, articulando, en cada representación realizada por un grupo social, lo nuevo con lo antiguo*”.

objetivação. Esta atualização é social já que supõe enraizamento cultural, político, econômico, social e ideológico, mas em benefício de um grupo, aquele grupo hegemônico em algumas destas dimensões, ou seja, que se produziu uma “conversão” com respeito ao pensamento de origem.

2.3.1 A themata: o senso comum pendurado com prendedores de roupa

As representações sociais estão "socialmente determinadas" (RODRIGUEZ e GARCIA, 2007, p 52) e, portanto, desempenha um papel fundamental a posição social e ideológica daqueles que a usam, o que nos leva a crer que as práticas sociais que são externalizadas através de comportamentos desejáveis facilitam a comunicação entre os membros, proporcionando-lhes um código com o qual nomeiam e classificam aspectos do mundo da vida. A este respeito, é importante deixar claro que a representação social não é um sistema fechado, mas uma configuração dinâmica, indicando que está em processo de estabilidade e transformação, uma vez que é guiada por sistemas de comunicação que são parte de um sistema cultural e social, que sempre está apoiado por um grupo de indivíduos que expressam aspectos emocionais que estão ligados às diferentes posições sociais e suas distintas práticas sociais, como liberal, autoritário, liberal, conservador, reacionárias, conformista, etc.

Por exemplo, expressões como: *“baja de la edad de imputabilidad”*, *“enrejamiento como salida a la inseguridad”*, *“dispositivo saturación”*, *“que los militares patrullen”*, *“no voy a delinquir más”*, só podem ser entendidas na medida em que estão ligadas a sistemas de filiação, de habitus de classe, poder e meios de comunicação que transmitem e reproduzem no conteúdo de suas mensagens, modelos sociais, estereótipos, destinadas a assegurar a ordem social através de um esquema de controle social.

Em suma, estamos de acordo com o pensamento de Abric (RODRÍGUEZ SALAZAR, 2007, p. 166) ao expressar que uma *“representación social consiste em um cuerpo de información, creencias, opiniones, y actitudes sobre un objeto dado.”* Como tal, opera como themata, pois segundo Gerald Holton são *“aquellos prejuicios fundamentales de una índole estable y sumamente difundida que no son directamente resolubles ni derivables a partir de la observación y del raciocinio analítico”* (RODRÍGUEZ SALAZAR, 2007, p. 172-73) ou seja, eles são algo que não se vê, mas sim se sente ou se inventa e que se colocará como se fosse verdade, formando parte da

realidade na construção do conhecimento. Segundo Moscovici, são "prendedores de roupa" onde está pendurado o senso comum para representar conteúdos não familiares, tornando-se uma representação para um grupo ou para uma comunidade, ao ser ancorado em uma rede de significados.

Pertinente também é a noção proposta por Silveira (2002, p. 11-13), ao falar especificamente de *representações midiáticas*, quando introduz a noção de representação no interior do campo midiático, caracterizando as representações como uma forma atual de difundir e fixar a memória. O termo midiático indica que está acessível a todos, em função da grande inserção que os meios de comunicação de larga escala possuem. A origem da representação está na ação transitiva de um sujeito que, ao perceber um objeto, dele constrói uma imagem.

2.4 A IDENTIDADE COMO PRODUTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Falar de identidade é referir-se a construções simbólicas, a pertencimento em relação a um referente-nação, classe social, gênero, grupo étnico, etc.-, estão imbricadas com a vida cotidiana e com a estrutura social.

O termo identidade, conforme ressaltou Ada Machado Silveira (2015), deve responder as seguintes perguntas: os atores, quem são? Quem eles acreditam que são?

Estamos em condições de afirmar que a identidade é um objeto comunicacional e relacional porque somente pode construir-se em comunicação e em relação ao alter.

Manoel Castells (2006), entende a identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados” (2006, p. 22-23). O autor espanhol acrescenta que as identidades “constituem fontes de significados para os próprios atores, [são] por eles originadas, e constituídas por um processo de individuação”.

Como toda identidade é construída, portanto, afirma que:

A construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de espaço/tempo (CASTELLS, 2006, p. 23).

Nos tempos atuais, não podemos desconhecer que há uma crescente importância da mídia na construção da identidade, a tal ponto que pode estar substituindo aqueles referenciais mais tradicionais.

Ancorando-nos no pensamento de Veneza Ronsini (2007, p. 66), as identidades são circunstanciais, elas são utilizadas “pelo grupo ou pelo indivíduo nas relações sociais de modo a preservar certos interesses em jogo”; e, as identidades são discursivas, elas envolvem “um conjunto de representações, ideologias e estigmas que são narrados e imaginados”.

Como já foi mencionado, a constituição da identidade necessariamente envolve um outro-diferente e a comunicação é uma relação no jogo de encontro com a alteridade; então, a comunicação é uma condição necessária à constituição de toda e qualquer identidade, pois é através da relação de comunicação que o próprio processo de diferenciação ocorre. Dessa forma, na base da constituição de uma identidade está a comunicação.

Conjuntamente com a comunicação, as identidades são comunicáveis midiaticamente, significando que há um processo de mediação, ou seja, uma ordem de mediações sociais, onde a comunicação é entendida como processo informacional, influenciada pelo mercado, que tem como principal tipo de interação a tecno-interação, ou tecno-mediações “caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada medium” (SODRÉ, 2008, p. 20-21).

Argumenta o autor:

Medium, tomado como prótese (extensão), [...] não designa algo separado do sujeito, à maneira de um instrumento manipulável, e sim a forma tecnointeracional resultante de uma extensão especular ou espectral que se habita, como um novo mundo, com nova ambiência, código próprio e sugestões de conduta. (SODRÉ, 2008, p. 21).

Dessa forma, as próteses midiáticas devem ser agora tomadas como uma “metáfora intelectual” de uma nova ordenação cultural da sociedade, onde não mais são “reflexos e máscaras de uma realidade referencial”; são agora “simulacros auto-referentes, embora política e economicamente a serviço de um novo tipo de gestão da vida social”. (SODRÉ, 2002, p. 22).

A canalização que “implica a prótese midiática tem, [...] um potencial de transformação da realidade vivida” (SODRÉ, 2008, p. 21). As formas de vida tradicionais passam a ser afetadas por uma qualificação de natureza informacional.

Sodré (2008) acrescenta que da mídia para o público há uma influência normativa, mas também

emocional e sensorial, com o pano de fundo de uma estetização generalizada da vida social, onde identidades pessoais, comportamentos e até mesmo juízos de natureza supostamente ética passam pelo crivo de uma invisível comunidade do gosto, na realidade o gosto “*médio*” estatisticamente determinado (SODRÉ, 2008, p. 23, grifo do autor).

Isto aumenta quando o contato midiaticamente é permanente em qualquer tempo e lugar, produzindo-se o que Raymond Williams (1975, p.26) denominou a “privatização móvel”, porque a mídia está presente no lar, no local de trabalho, no lazer, no transporte, tornando-nos “dependentes de uma gama de serviços tecnológicos que impõem a ligação constante” (MORAES, 2008, p. 35).

Por outro lado, Hall (2006, p. 2), com referência à identidade, diz que sujeito sociológico “não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com «outras pessoas importantes para ele», que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava”.

Desde este ponto de vista, a identidade, sutura o sujeito à estrutura: “Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis”, é uma identidade estável. Mas estas coisas estão mudando porque a identidade desse sujeito sociológico está se tornando fragmentada, composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas, diz Hall (2006). Portanto,

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2006, p. 4).

A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente. O sujeito hodierno é pós-moralista, vive em uma sociedade que exalta “mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, do que o ideal de abnegação”. Nossa cultura não está mais dominada pelos imperativos do “dever sacrificial e difícil, mas pela felicidade, pelo sucesso pessoal, pelos direitos do indivíduo, não mais pelos seus deveres”. Os imperativos deixaram de ser deveres absolutos do homem para consigo e transformaram-se em opiniões livres. “A cultura dos deveres relativos a si mesmo foi substituída pela dos direitos individualistas e da gestão funcional de si em nome do máximo bem-estar” (LIPOVETSKY, 2004, p. 27).

Lipovetsky (2001, p. 68-70) é taxativo ao afirmar que é difícil contestar que “a mídia exerce um poder social em matéria de transformações dos modos de vida, dos gostos e dos comportamentos”. Para ele, a dinâmica individualista dos comportamentos e dos modos de vida de nossa época tem a mídia como uma de suas forças. Seus veículos espalham no corpo social as regras “da felicidade e do consumo privados, da liberdade individual, do lazer e das viagens e do prazer erótico: a realização íntima e a satisfação individual tornam-se ideais de massa exaustivamente valorizados”. Procedendo dessa maneira a mídia dissolve as “forças das tradições e das barreiras de classe, das morais rigoristas e das grandes ideologias políticas”. Impõe-se viver conforme as próprias vontades, aqui e agora, emancipando-se das autoridades e das coerções identitárias. O paradoxo do império da comunicação e do consumo produziu um indivíduo “desinstitucionalizado e opcional, disposto, em todos os planos, a ter o direito a dirigir a si mesmo”, mas que cada vez mais é dirigido pela mídia.

Por sua vez, Sodré (2002) afirma que a linguagem não tem como única função designar a realidade, ela principalmente a produz. E, a mídia, a exemplo da antiga retórica, é uma técnica política de linguagem, politizada para requalificar a vida social, atingindo desde atitudes e costumes até crenças religiosas, a serviço da tecnologia e do mercado. A tecnocultura, constituída por mercado e meios de comunicação,

[...] implica uma transformação das formas tradicionais de sociabilização, além de uma nova tecnologia perceptiva e mental. Implica, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas ou com o que se tem convencido chamar de verdade, ou seja, uma outra condição antropológica (SODRÉ, 2002, p. 27).

Mas, longe da mídia determinar a realidade social e cultural, acreditamos que ela a ilumina. E, “à luz dessa iluminação estetizante, que leva ao agendamento eticista, pode-se entender as flutuações da opinião pública “diante de situações conjeturais” (SODRÉ, 2002, p. 61), no caso concreto, dos menores de idade e sua imputabilidade.

2.4.1 Os meios de comunicação como produtores de identidade mediante representações

Considerando o pensamento de Sawaia (2001), identificam-se perante uma visão aparential, duas concepções antagônicas de identidade, por um lado a identidade transformação/multiplicidade e por outro lado a identidade permanência/unicidade, é dizer, um é o modelo de normalidade e o outro de patologia, uma representa a

volatilidade e a outra o fundamentalismo ou “*identità segregata*” (MELUCCI, 1991, apud SAWAIA, 2001, p. 122, grifo do autor)¹¹, referindo-se a esta qualidade discriminadora que transforma a luta pelo direito à diferença em condenação, tanto coletiva como individual, impondo um modelo rígido de pensar. Este trabalho está em condições de afirmar e coincidir com Sawaia (2001), que a identidade oculta negociações de sentido, processos de diferenciação, hierarquização das diferenças e, por conseguinte, regulação das relações de poder, tanto numa posição de resistência à dominação, ou reforçando-a.

Nesta negociação de sentido e orientando-nos pelo pensamento de Leser de Mello (2001, p. 135-136), ao reconhecer no Outro um semelhante, conferimos os mesmos atributos de humanidade que encontramos em nós, caso contrário não o reconhecemos como um semelhante. No caso dos excluídos da sociedade do consumo, na representação social construída pela mídia televisiva, reconhece-o como diferente, como desigual, como inferior e como um desconhecido que gera temor. Ou seja, não são portadores da mesma humanidade que reconheço em mim e nos meus iguais. São, por definição, portadores de características desabonadoras, de traços de caráter indesejáveis, de um potencial de violência que os torna pouco humanos (LESER DE MELLO, 2001, p. 135).

Considera-se a representação como produto que recolhe a identidade desde o tema que a define, enquanto representação no sujeito, que por sua vez, confere sentido à identidade.

A mensagem promovida pela mídia televisiva se alinha ideologicamente ao conceito esgrimido por Robert Farr (1998 apud GUARESCHI, 2001, p. 154-155)¹², e que o chama de "individualismo como representação coletiva" que traz como consequência, entre outras, a atribuição do sucesso e do fracasso exclusivamente a pessoas particulares, é dizer, o ser humano é o único responsável pelo seu êxito ou seu fracasso, depende de sua individualidade, o sistema não é culpado da exclusão. O individualismo como representação coletiva se esquece de causalidades históricas e sociais. Há uma "individualização" do social, e um endeusamento do individual.

¹¹ MELUCCI, A, *Ilgiocco del Io*. Milão, Saggi/ Feltrinelli, 1992, p.41. In: SAWAIA, B. (Org.) *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade sócio*. Petrópolis: Vozes. 2001.

¹² FARR, R. *As raízes da moderna psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 1998, In GUARESCHI, P. *Representações sociais e ideologia*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: Ed. Esp. 2000. p.154/155.

As sociedades atuais, caracterizadas pela velocidade vertiginosa da informação, pelo império do efêmero (LIPOTVESKY, 1990) obrigam a um processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização de tradições. Nelas, a representação social passa a ser não uma imagem fotográfica da realidade, mas sim uma tradução, uma versão desta, portanto é dinâmica, móvel, ancorada na realidade construída socialmente, mas também na subjetividade das experiências vividas o que, vai constituindo uma sociedade de sábios amadores “na qual o importante é falar do que todo o mundo fala, uma vez que a comunicação é berço e desaguadouro das representações” (MOSCOVICI, 1961 apud ARRUDA, 2002, p. 133/134)¹³.

Neste sentido, Moscovici (1978) lança uma definição de representação social como “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos” (ALEXANDRE, 2004, p. 126), significando que relaciona a representação ao seu contexto sócio-cultural e histórico, portanto, abrange valores, motivações e normas. É um conhecimento que aplicamos cotidianamente através do senso comum, elaborado socialmente e que permite dar sentido ao interpretar, pensar e agir sobre a realidade.

As condições de produção das representações afirmam com veemência a marca social das representações, assim como seu estatuto epistemológico marca a sua função simbólica, e os processos e estados, o seu caráter prático. Vemos dessa forma como a representação social encadeia ação, pensamento e linguagem nas suas funções primordiais de tornar o não familiar em conhecido, possibilitar a comunicação e obter controle sobre o meio em que se vive, compreender o mundo e as relações que nele se estabelecem. Moscovici afirma:

[...] a representação social é um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam a realidade física e social inteligível, se inserem num grupo ou numa relação cotidiana de trocas, liberam o poder da sua imaginação (MOSCOVICI, 1961, p.27-28).

Em resumo, ao ser produção simbólica destinada a compreender e balizar o mundo, ela provém de um sujeito ativo e criativo, tem um caráter cognitivo e autônomo e configura a construção social da realidade. A ação e a comunicação são seu berço e chão: delas provém e a elas retorna a representação social (ARRUDA, 2002, p. 141-42).

¹³ Moscovici, S., 1961 In ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. Cadernos de Pesquisa, n. 117, p. 127-147. São Paulo: Autores Associados. Fundação Carlos Chagas. Novembro/2002.

Acreditamos que a imagem do menor infrator como um problema para a segurança na sociedade uruguaia, se bem não é uma questão que inquieta agora, pois se arrasta de tempos do século XIX, emergiu com certa virulência desde o momento que os meios de comunicação o colocaram na agenda pública. Segundo Hannigau (2002, p. 121), para que isso aconteça, é necessário que exista visibilidade midiática, pois “sem a cobertura da mídia, as possibilidades que um problema prévio possa [...] se tornar parte de processo político são bastante reduzidas”.

Os telejornais *Teledoce*, do Canal 12, *La Tele*, *Subrayado* do Canal 10, *Saeta e Telenochedo* Canal 4, *Montecarlo TV*, apresentam notícias variadas- políticas, internacionais, científicas, esportivas, policiais, culturais- o que lhes permitem ocultar as suas linhas editoriais, portanto a análise enfatizará como a TV pensa o menor infrator. Portanto, este trabalho considera que o telejornalismo é uma prática social com a capacidade de interpretar o mundo e a realidade por meio de “recursos correspondentes a lógicas institucionalizadas e legitimadas de apreensão do cotidiano” (BEZERRA, 2016, p. 34), produzindo “um” conhecimento sobre a realidade, porque no processo em que a mensagem jornalística constrói a notícia, enfatiza, detalha, afirma ou apaga outros dizeres, outras vozes.

Pois como assinala van Dijk, “a notícia tem o que podemos chamar de ‘estrutura de relevância’, que indica ao leitor qual informação é mais importante ou proeminente no texto” (2004, p. 123), embora nunca seja o resultado de um consenso coletivo, mas de uma postura que interpreta interessadamente os fatos noticiados, como salienta Machado (2000, p. 109).

Por outro lado, Roland Barthes, em referência à estrutura da notícia, aponta como característica dela, justamente sua estrutura fechada sobre si mesma, ao dizer:

No nível da leitura, tudo é dado num *fait divers*, suas circunstâncias, suas causas, seu passado, seu desenlace: sem duração e sem contexto, ele constitui um ser imediato, total, que não remete, pelo menos formalmente, a nada de implícito (1999, p. 59, grifo do autor).

O telejornalismo como gênero e estratégia de comunicação, participa na construção da agenda, da realidade e dos valores que circulam socialmente. Sua autoridade descansa a partir do reconhecimento pela sociedade de sua competência para gerar confiança na veracidade da informação brindada, porque ele é elevado à categoria de “sistema experto”¹⁴.

¹⁴ Os ‘sistemas expertos’ são todos aqueles conjuntos de práticas sustentadas em um saber técnico altamente especializado, que atravessam e condicionam toda a nossa vida cotidiana em uma sociedade de

Se bem este estudo reconhece que o noticiário é uma coleção de histórias selecionadas e organizadas de modo a serem vistas integralmente por todo espectador, coincide com Beatriz Becker (2005), em que o telejornal precisa seduzir e conquistar a audiência o tempo todo. E esta característica da narrativa corresponde a outro efeito de sentido do telejornal: o efeito “de relaxação”, que contraditoriamente significa manter-se “ligado”. O discurso do telejornal é intencionalmente tenso, provocando o interesse constante do telespectador, que não tem chance de relaxar (BECKER, 2005, p. 78).

Entendemos que investigar a prática do telejornalismo relacionada às questões do menor infrator e a redução da idade de imputabilidade penal, é antes de tudo, pensar sobre os sentidos e as representações sociais que ele constrói e que ressoarão em outros significados que estão sendo moldados a partir de sua mediação, é contribuir com a construção de uma sociedade mais informada, mais crítica e mais reflexiva.

2.5 IDEOLOGIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O MENOR E OS MEIOS NO URUGUAI, UM CASAL EM CONFLITO

A teoria das representações sociais permite reconhecer que as manifestações da linguagem cotidiana, habitual, com as quais construímos a realidade do mundo, da vida, não são transparentes, ao contrário, são opacas e repletas de camadas que se sobrepõem e que possuem a característica de que não podem ser neutras. A teoria das representações sociais, necessariamente, faz referência à ideologia. Nesse sentido, e em termos formulados por Thompson (1995, p.16), ideologia são “as maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas”, ou nas palavras mais categóricas do próprio autor, “relações de dominação”. “Ideologia [...] é sentido a serviço do poder”.

As formas simbólicas, a partir das quais as pessoas constroem sentidos e sua percepção da realidade, são concebidas sob “condições sociais e históricas específicas”

tipo “post-tradicional”: a medicina, a engenharia, a electrónica, a informática, o direito, etc.. Eles constituem estes sistemas expertos de cuja operação específica a grande maioria da população permanece em um estado de semi-ignorância ou compreensão difusa, mas da qual não poderíamos prescindir para viver. Todas estas tecnologias incorporadas em nossa vida cotidiana “pós-tradicional”, com cuja operação regular contamos para projetar nossos planos de vida, induzem aos cidadãos de este tipo de sociedades “modernidade radicalizada” a adotar uma atitude de “confiança” altamente impessoal e abstrata, tanto nessas formas de conhecimento técnico altamente sofisticado, como os seus portadores legítimos: os especialistas do “Know-how” (perícia pela prática) e a “expertise” que se requer para desenhá-los e controlá-los, assim como para legitimá-los, científica e socialmente. (GIDDENS, 1993).

(THOMPSON, 1995, p. 365), é dizer, em uma temporalidade e em uma espacialidade ancorada a determinadas redes de relações políticas, econômicas, filosóficas, culturais e comunicacionais. Em definitiva, devê-la sentidos ocultos, mas também propõe sentidos viáveis.

Thompson (2002, p. 89) acrescenta que o significado que interessa para estabelecer e sustentar as relações de dominação é o significado das formas simbólicas inseridas em contextos sociais e que circulam no mundo social. Por formas simbólicas o autor entende:

Ampla gama de ações e linguagens, imagens e textos, que são produzidos pelos sujeitos e reconhecidos por eles e por outros como construções significativas. Os enunciados e expressões linguísticas, sejam faladas ou escritas, são cruciais a este respeito, mas as formas simbólicas também podem ter natureza não linguística ou cuasilinguística (por exemplo, a imagem visual ou um construto que combina imagens e palavras). THOMPSON, 2002, p. 89, tradução nossa).¹⁵

Afirma-se então que os efeitos de sentidos que se produzem com as representações sociais, acontecem no vácuo, no vazio, ao contrário, estão ligadas e condicionadas a certas condições históricas, políticas, econômicas, filosóficas, sociais, culturais, tecnológicas, portanto é relevante para compreender as representações do menor infrator, entender que as margens do texto também o constituem.

Os indivíduos localizados em contextos socialmente estruturados têm, em virtude da sua localização, diferentes quantidades e graus de acesso aos recursos disponíveis. A localização social dos indivíduos e creditações relacionadas com as suas posições em um campo ou instituição social, dão-lhes diferentes graus de "poder" entendido neste nível como uma capacidade concedida pela sociedade ou instituições que permite ou autoriza alguns indivíduos para tomar decisões, buscar objetivos ou consumir interesses. (THOMPSON, 2002, p. 89-90, tradução nossa).¹⁶

Segundo Thompson (2002), as formas simbólicas se expressam em aspectos típicos, entre eles, encontra-se o aspecto contextual, que indica que as formas simbólicas sempre estão inseridas em contextos e processos socialmente estruturados,

¹⁵ No original: “Amplia gama de acciones y lenguajes, imágenes y textos, que son producidos por los sujetos y reconocidos por ellos y por otros como constructos significativos. Los enunciados y expresiones lingüísticos, ya sean hablados o escritos, son cruciales en este sentido, pero las formas simbólicas pueden poseer también una naturaleza no lingüística o cuasilingüística (por ejemplo la imagen visual o un constructo que combine imágenes y palabras)”.

¹⁶ No original: “Los individuos situados en los contextos socialmente estructurados tienen, em virtud de su ubicación, diferentes cantidades y grados de acceso a los recursos disponibles. La ubicación social de los individuos, y las acreditaciones asociadas con sus posiciones en un campo o institución social, les otorgan diversos grados de “poder”, entendido en este nivel como una capacidad otorgada por la sociedad o las instituciones que permite o faculta a algunos individuos a tomar decisiones, perseguir objetivos o consumir intereses”.

ou seja, que existem índices diferenciais sistemáticos em termos da distribuição e do acesso aos recursos de diversos tipos.

A mensagem promovida pela mídia televisiva se alinha ideologicamente ao conceito esgrimido por Robert Farr (1991 apud GUARESCHI, 2001, p.154-155)¹⁷ que o chama de "individualismo como representação coletiva".

Segundo Farr, essa representação traz como consequência, entre outras, a atribuição do sucesso e do fracasso exclusivamente a pessoas particulares, é dizer, o ser humano é o único responsável pelo seu êxito ou seu fracasso, depende de sua individualidade, o sistema não é culpado da exclusão. O individualismo como representação coletiva se esquece de causalidades históricas e sociais. Há uma "individualização" do social, e um endeusamento do individual.

Complementando, acreditamos que o pensamento de Moscovici (1976) poderá nos orientar no impacto que têm as representações sociais televisivas sobre a produção, construção e a visibilidade que parte da população uruguaia faz do menor infrator. Moscovici estabelece que a representação configura-se ao longo de três dimensões: informação, atitude e campo de representação ou imagem. Por informação, o autor se refere:

[...] à organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social, [...] o campo de representação “remete a ideia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições acerca de um aspecto preciso do objeto de representação, [...] a atitude termina por focalizar a orientação global em relação ao objeto da representação social” (SÁ, 1996, p. 31, grifo do autor).

Moscovici confere uma importância crucial à dimensão da atitude na formação das representações, ao afirmar que das três dimensões, aquela é a mais frequente, portanto é razoável “concluir que as pessoas se informam e representam alguma coisa somente depois de terem tomado uma posição e em função da posição tomada” (MOSCOVICI, 1976, p. 72 apud SÁ, 1996, p. 32)¹⁸.

Enquanto construções culturais, as concepções que uma sociedade possui sobre os adolescentes, como assinalam Maronna e Sánchez Vilela (2004, p. 24), não permanecem fixas e guardam relação com a forma em que essa sociedade considera outras dimensões da vida, da família, do Estado e da concepção de seu papel respeito às

¹⁷ FARR, R. As raízes da moderna psicologia social. Petrópolis: Vozes, 1998, In GUARESCHI, P. Representações sociais e ideologia. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: Ed. Esp. 2000. p.154/155.

¹⁸ MOSCOVICI, S., 1976, p. 72, apud SÁ. C. P. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 1998.

fronteiras entre o âmbito público e o privado. A mídia é um espaço privilegiado de circulação dos discursos portadores de representações sobre o menor infrator, pois expõe, reafirma e legitima as percepções dominantes, apesar de que não se desconhece que é um campo de luta não somente pela produção de sentido, mas também pela reprodução de sentido. Por tal motivo, encontrou-se pertinente aplicar a metodologia narrativa com a finalidade de conhecer e interpretar a circularidade do discurso da mídia uruguaia sobre a minoridade infratora. Mediante o termo circularidade pretendemos dizer que os meios não inventam um imaginário do menor infrator, pois seus insumos provêm do entorno sociocultural ao qual devolvem estereótipos e modelos com a força que tem sua capacidade amplificadora, no entanto, é importante advertir que a análise dos textos midiáticos não habilita derivar das estruturas textuais efeitos ideológicos automaticamente, pois como afirma David Morley *“El texto puede ofrecer al sujeto posiciones de inteligibilidad específicas, inclinarlo a ciertas lecturas, pero lo que el texto no puede hacer es garantizarlas: esta cuestión siempre será empírica”* (MORLEY, 1996, p. 108).

2.5.1 Aterrissagem da ideologia na prática

Acredita-se que é o momento de harmonizar a teoria com a práxis, portanto, tratar-se-á de analisar o que recorrentemente a mídia tenta transmitir: “a realidade”.

Frequentemente, aparecem na imprensa relatórios sobre atos violentos cometidos por menores e jovens, e são manchetes habituais que se referem ao aumento da violência juvenil e ao fato de que a violência manifestada por essas crianças tem uma natureza muito mais grave do que em outras épocas. A imagem de menores associados a infrações se foi consolidando como uma construção social reconhecível entre as questões que moldam a percepção social no Uruguai contemporâneo. A seguinte notícia do Diário *El País*, de Montevideu (09 de maio de 2014) é bastante ilustrativa:

*un niño de 10 años implicado en rapiña. La policía confirmó ayer que un niño de 10 años fue partícipe de una violenta rapiña a una distribuidora del barrio Villa Muñoz. El pequeño ingresó al local y preguntó si en el comercio vendían alfajores. Los empleados le contestaron que no y tras la respuesta, aparecieron tres individuos armados que maniataron a los trabajadores.*¹⁹

¹⁹ “Um menino de 10 anos envolvido num furto com violência. A polícia confirmou ontem que um menino de 10 anos foi um dos participantes de um assalto violento a uma distribuidora do bairro de Villa Muñoz. O pequeno entrou na casa e perguntou se no comércio vendiam alfajores. Os empregados

À esta imagem e a seus protagonistas foram atribuídas avaliações negativas, sendo os meios de comunicação um dos fatores que tem incidência na construção desta perspectiva, magnificando os delitos cometidos por adolescente, mobilizando as associações de vítimas. Uma das primeiras preocupações e consequência da política midiática é o mantimento da autoridade, dos valores tradicionais, confiando em que governos fortes controlarão melhor para que esta perspectiva se cristalize.

A oferta para alcançar o bem-estar através de tecnologia não se tornou realidade, os meios de comunicação oferecem inúmeras vantagens oferecidas pela tecnologia que estão disponíveis apenas para aqueles que podem adquirir e a globalização diminui cada vez mais estas possibilidades a amplos setores da população que o mesmo modelo econômico tem deixado de lado ou a margem.

O ele “é socialmente incluído” tem vários significados, e também detecta alterações hoje dramáticas. Em primeiro lugar, isso implica o acesso ao bem-estar mínimo e protecção como o nível de desenvolvimento da sociedade (CEPAL, 2006). Em sentido mais amplo, a inclusão refere-se ao usufruto da cidadania política, civil e social, o que implica a participação em discussões, o acesso a bens, a afirmação da identidade e a possibilidade de ter redes de relacionamentos que ajudam a desenvolver projeto de vida. Finalmente, a partir da perspectiva do desenvolvimento humano, a inclusão social pode ser entendida como a capacidade para o exercício das liberdades (SEN, 1999), o que é especialmente relevante na vida dos jovens, mas também adultos.

É neste contexto que se percebe o surgimento de novos modelos culturais, entre os quais está incluído o individualismo expressado em estilos de vida que enfatizam a auto expressão, o culto da liberdade interior que supõe a expansão da personalidade, ao contrário da liberdade restrita e mediada pela política e a economia. Mas esta liberdade não é geral e sim seletiva, pois há setores que podem tomar esse tipo de atitude ante o mundo, mas há grandes setores da sociedade que percebem como é negada esta possibilidade, porque, embora o sujeito tenha mais "emancipação subjetiva" não ocorre da mesma forma com a autonomia material, já que somente não persiste, mas sim aumenta a dependência material, principalmente nos sectores mais perimidos, aumentando a probabilidade de estar exposto a situações de vulnerabilidade social.

responderam que não e, ato seguido, apareceram três indivíduos armados que amarraram os empregados”. (EL PAÍS, 09/05/2014, tradução nossa).

Concomitantemente aumentam as situações de risco, mas com a agravante que essa emancipação cultural ocorre sem dramas nos setores incluídos socialmente, nos setores em situação de pobreza, é visto pela sociedade como uma negação ou uma situação ridícula ao não ter a autonomia econômica, portanto não podem adotar um estilo de vida “impróprio” para a sua “condição social” e, se o abraçam, são identificados como "anormais" ou perigosos, já que são considerados estilos de vida específicos de situações e vida social que não são deles, por exemplo o movimento “plancha”, ou a adoção de uma cultura "gótica" em contextos próprios da pobreza. Na gíria uruguaia, denomina-se como movimento “plancha” uma tribo urbana da periferia composta por membros dos setores marginalizados da sociedade que provocam temor e recusa em outros setores da população. “Plancha” é uma forma de vestir, de ser, de atuar e de relacionar-se, sobretudo com a autoridade, com a polícia.

Identificam-se usando boné sobre o rosto, um linguajar idêntico, tênis importados, cantando músicas tropicais, principalmente a “cumbia” que enfatiza nas suas letras a vida rigorosa nos assentamentos.²⁰ Vivem o presente sem pensar no amanhã, este presente envolve o desejo de autonomia transitória e virtual, expandida pelos meios de comunicação através da emergência da "cultura da celebridade e o espetáculo", portanto conectando, informando ou desinformando, mas também, idiotizando, panoptizando, vigiando e controlando mais ao sujeito. Porém, se bem se massificou a cultura pós-moderna, não alcança a todos por igual, enquanto alguns são célebres e “espectacularizam” com suas aparições midiáticas, outros, os “nadies” (GALEANO, 1996, p. 59) são aqueles que somente figuram na crônica vermelha do telejornalismo local. Também se caracterizam por um abandono precoce do sistema educativo e, portanto, têm um capital cultural desvalorizado.

A “cumbia” como gênero musical combate as exclusões simbólicas e materiais que a cultura e a ideologia hegemônica geram para os grupos de adolescentes e jovens, ou seja, este imaginário quer alcançar o que lhes é negado: liberdade de se locomover, autoestima, inclusão, portanto, é considerada um grupo com um estilo contracultural²¹ rebelde, desviante ou anormal.

Esta realidade se agrava através do novo desenho urbano das cidades do Uruguai ao gerar "um novo regime de marginalização urbana" (LOIC WACQUANT, 2010),

²⁰ Espaço territorial ocupado por várias famílias sem consentimento pelo Estado, caracterizado pela reprodução da pobreza e a marginalização.

²¹ É uma forma global de vida que se opõe aos mecanismos opressivos. (RONSINI, 2007, p. 28).

entanto, uma tendência para a desigualdade é consolidada na medida em que ocorre uma concentração e “estigmatização” espacial da pobreza, paralela a uma "entropia social", caracterizada porque não há nenhuma coesão social, e sim um “salve-se quem puder”. Nestes bairros desfavorecidos, observa-se o processo de “desobrerización” (DUBET, 2011) das categorias populares, agudizando o fenômeno de desafiliação.

Acreditamos que estudar os processos identitários no Uruguai e seus vínculos com a mídia é estar vigilante ao pressuposto de uma cultura adolescente e juvenil universal, partilhada por todos (RONSINI, 2007, p. 54-55).

Os índices apontam que uma parte dos adolescentes e jovens uruguaios vive na pobreza, 14 por cento da população entre 15 e 19 anos é pobre (ROSSEL e GELBER, 2012).

Por outra parte, Moscovici considera que as ideologias e as representações sociais encontram-se em uma relação de inclusão. Uma ideologia é, desde esta perspectiva, o sistema constituído por um conjunto de representações sociais e a relação entre ambas pertence, portanto, ao tipo de relação que vincula as partes com o todo.

O estudo de cada um destes fenômenos é relevante para a compreensão do outro... (e) nos informa sobre a ideologia que está por trás da representação social. É preciso estudar as representações sociais para esclarecer os fenômenos ideológicos. ((IBÁÑEZ, 1988, p. 60, tradução nossa).²²

Definitivamente, pode-se considerar que as ideologias e as representações sociais são objetos distintos, mas estreitamente vinculados entre si por relações de causalidade de tipo circular.

2.5.2 A distorção como técnica midiática para construir a identidade do outro

Entanto, nos lembra Kathryn Woodward (2000), que essa identidade não é rígida binariamente na dicotomia nós/eles, sugerindo que, apesar de ser construída por meio da diferença, o significado não é fixo, remetendo-se ao conceito de *différance* de Jacques Derrida, ou seja, o significado é sempre diferido, postergado, ele não é completamente fixo, ao contrário, sempre existe um deslizamento, e o que parece determinado em verdade, é fluido, inseguro, sem nenhum ponto de fecho, em lugar de rigidez e fecho, o

²² No original: “*El estudio de cada uno de estos dos fenómenos es relevante para la comprensión del otro...(y) nos informa sobre la ideología que subyace a la representación social. Es preciso estudiar las representaciones sociales para esclarecer los fenómenos ideológicos*”.

que existe é uma contingência e a identidade se consome no mercado ficcional da mídia. A ficção televisiva é, para as pessoas mais humildes, o principal contato com a realidade e os relatos sobre si mesmo, impactando nos seus saberes, pois são, segundo Martín Barbero (2006), saberes-mosaicos, feito de pedaços, de fragmentos, produzindo-se a desativação da rigidez nos pertencimentos, possibilitando fidelidades mais fluidas, coletividades mais abertas, uma sorte de “*moving roots*”.

Estas mudanças culturais estão relacionadas com as novas tecnologias da informação que, além de produzir bens e serviços, impactaram significativamente nas relações sociais, surgindo a “*cultura de la celebridad y el espectáculo*” (TEDESCO, 2002).

Estes dispositivos, a imprensa, a televisão, entre outros, a partir da circulação de mensagens dirigidas a um público e a uma audiência específica, geram uma complexa produção de sentidos que tem como finalidade legitimar o papel de outros campos, entre os quais encontram-se o jurídico, o político e o repressivo. A sociedade midiaticizada não só visibiliza, mas também, legitima a ação de tais campos através do processo de publicização (Cf. BAUMAN, 2009), gerando pontos de referência e fiabilidade. A palavra e a imagem técnica, transparente da mídia, oculta a subjetividade midiática da câmera – tanto da lente do fotógrafo, como da televisão -, já que magicamente a televisão tecnoproduz, orientando os sentimentos e as emoções, incitando e excitando ao mesmo tempo.

A mídia apresenta para o indivíduo, de forma incontestável, o estado-de-ser dos outros referenciais. Ela assumiu a posição de maior propagador da cultura para a esmagadora maioria dos sujeitos, nos dias de hoje, em função de sua inserção no cotidiano de todos.

Afirma Ronsini (2007), ao tratar da identidade coletiva, grupal, que se pode dizer que as identidades têm um modo de operar, o qual pode ser entendido através do conhecimento de quatro de suas características: (1) As identidades são políticas,

[...] os processos sociais envolvidos na formação e manutenção da[s] identidade[s] são determinados pela estrutura social (BERGER E LUCKMANN, 1994, p. 228), de forma que quanto mais subalterno é o grupo, maior é a dificuldade em legitimar ou expressar sua[s] identidade[s]”; (2) as identidades são contrastivas, elas “não pode[m] ser definida[s] em termos absolutos, mas pela relação contrastiva com outros grupos, a definição de um „nós” implica o contraste com outros” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 5); (3) as identidades são circunstanciais, elas são utilizadas “pelo grupo ou pelo indivíduo nas relações sociais de modo a preservar certos interesses em jogo”; e, (4) as identidades são discursivas, elas envolvem “um conjunto de

representações, ideologias e estigmas que são narrados e imaginados:”. (RONSINI, 2007, p.66).

Finalizando o embasamento teórico, acredita-se que o pensamento de Lipovetsky (2001, p. 68-70) é taxativo ao afirmar ser difícil contestar que “a mídia exerce um poder social em matéria de transformações dos modos de vida, dos gostos e dos comportamentos”. Para o autor francês, a dinâmica individualista dos comportamentos e dos modos de vida de nossa época tem a mídia como uma de suas forças. Seus veículos espalham no corpo social as regras “da felicidade e do consumo privados, da liberdade individual, do lazer e das viagens e do prazer erótico: a realização íntima e a satisfação individual tornam-se ideais de massa exaustivamente valorizados”. Ao assim proceder, favorecendo uma “cultura relacional”, a mídia dissolve as “forças das tradições e das barreiras de classe, das morais rigoristas e das grandes ideologias políticas”. Impõe-se viver conforme as próprias vontades, aqui e agora, acionando “a emancipação dos indivíduos em relação às autoridades e às coerções identitárias”.

2.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MÍDIA/TIZAÇÃO: UMA NOVA RELAÇÃO

Este trabalho parte da perspectiva cultural de R. Williams (2011) ao afirmar que a televisão, desde que se tornou uma forma social popular, começou a discutir-se na análise da identificação da causa e efeito da sua influência sobre a mudança social e cultural. Williams salienta que “*Un sector del estudio de los efectos de la televisión debe, pues, entenderse como una ideología: una manera de interpretar el cambio general a través de una causa desplazada y abstracta*” (2011, p. 153). Para estudar as representações sociais telejornalísticas, devemos ter em conta o princípio metodológico reformulado de Lasswell de “quem diz o quê, como, para quem, com que efeito e com que propósito?”. Tomando em consideração o princípio anterior, acredita-se que no telejornalismo há uma emergência do sujeito na estrutura da intencionalidade do processo de socialização, ou seja, ao reconstruir o processo social e cultural real na comunicação e na interação, Williams se afasta do conceito tradicional de socialização como um processo comum a qualquer sociedade, indiferente e independentemente da empresa que está sendo analisada, ao contrário do que ele representa, a partir dessa abordagem devem ser estudadas formas de intencionalidade social pela qual uma sociedade socializa, controla e comunica. Esta perspectiva envolve estudar a ação real antes de sua aparente influência, ou seja, não estudar a violência, o crime, mas as

reações das massas através das representações como a ideologia que as orientam. Por esse motivo, as representações sociais têm efeitos relacionados a intenções reais, as que se distinguem das intenções declaradas.

Mas as práticas reais e suas confusões implícitas fazem supor que “*para la televisión la violencia es emocionante*”, mas não explica a estranha relação entre o fato de que a “*sociedade desalienta la violència*” e o fato de que o maior sistema de comunicações sociais “*la represente de manera constante*” (WILLIAMS, 2011, p.158). Portanto, a conclusão faz supor que: as organizações da televisão estão fora da estrutura social normal?

A realidade sobre o controle e a propriedade dos meios de comunicação são centrais para concluir razoavelmente que “*esta sociedad promueve la conducta violenta; la conducta violenta aparece constantemente representada e informada em la televisión, que es su principal sistema de comunicaciones*” (WILLIAMS, 2011, p. 158-159) mas nenhuma das duas suposições são razoáveis, pelo que é necessário dirigir a atenção para o sistema cultural que está tratando de conceber-se através de certos atores que operam nas dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, religiosas e comunicacionais, é dizer, desde a ideologia.

Considerando a posição de Moscovici (2002), uma representação torna-se social quando contribui para a formação e orientação de comportamentos e comunicações sociais, permitindo de que as representações compartilhadas por um grupo de atores mais ou menos extensa, sejam o quadro de referência para as conversações diárias, desde que o seu sustento seja uma visão compartilhada da realidade, onde o sentido interativo dessa realidade é construído, negociado, reinterpretado, instituído e instituinte. As representações sociais permitem compreender a sociedade não como uma entidade homogênea, mas composta de vários campos socioculturais, de onde emergem os grupos que imprimem uma ideologia, normas, valores e interesses comuns que de alguma forma diferem de outros conglomerados sociais, compostos por atores portadores de uma experiência de vida e de um "estar no mundo" próprio, condicionados pelas emoções, afetos, desafetos, códigos, símbolos, normas, motivações, rejeições, etc.

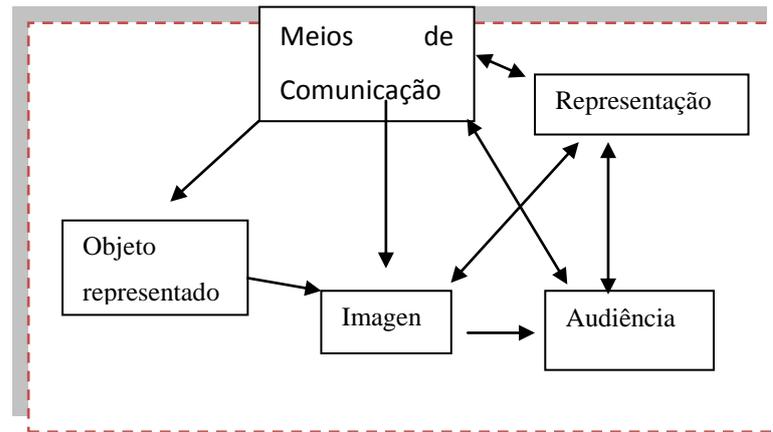
Entre as dimensões que fazem parte de uma representação social, encontra-se a informação, ou seja, quais conhecimentos tem uma pessoa, um grupo, com respeito a um fenômeno social, não só quanto à quantidade, mas à qualidade de informação, se se trata de preconceito, estereótipo ou não. Deve considerar-se que a informação não age

sozinha, mas está mediatizada pelas cercanias grupais, pelas pertencias sociais e de identidades midiáticas. Não foge destas dimensões, o conjunto de atitudes, opiniões, crenças, imagens, valores, normas que estão presentes em uma mesma representação social, portanto, relacionadas com as ideologias, por isso é necessário aceder à ideologia subjacente à representação social. Na maioria das vezes, esse acesso à ideologia está obstruído pelo mito. Em definitiva, a representação social para analisar “*como un grupo social*” “*ve*”, “*interpreta*”, “*da sentido*” (RODRÍGUEZ SALAZAR, 2007, p 157), deve fazê-lo desde suas vivências e experiências individuais e coletivas, isto é, a representação social está conectada com a biografia do sujeito social.

Deve-se considerar que nas representações sociais busca-se entender os modos de conhecimento e os processos simbólicos em relação com a conduta. Uma condição inerente aos estudos de representação social é a identificação do contexto social em que as pessoas que fazem as representações sociais estão inseridas, assim, tenta-se detectar a ideologia, as normas e valores dos indivíduos, instituições e grupos de filiação e referência. Enfatiza-se no coletivo e na compreensão da realidade social a partir de sua construção social, já que são dois elementos centrais na teoria de Moscovici. Com esta abordagem, Moscovici transcende o esquema diádico, pelo qual sujeito (S) e objeto (O) interagem, passando a um esquema triádico onde os outros sujeitos também interagem, afetando a relação sujeito-objeto.

Se bem, o modelo triádico de Moscovici dá supremacia à relação sujeito – grupo, porque este último é mediador do processo de conhecimento, possibilitando a construção do significado, este projeto hipotetiza que o meio de comunicação, em seu papel de alter, como construtor da realidade social, é significativo. Se bem a teoria das representações sociais reconhece que a realidade social impõe aos sujeitos às condições de sua interpretação, não significa remeter-se a um determinismo, mas sim implica que as matrizes sócio-estruturais e o entramado material em que estão imersas as pessoas, definem sua leitura da realidade social, suas chaves interpretativas. Acreditamos que para estudar e entender as representações sociais se deve acrescentar ao modelo triádico o efeito da imagem no sentido do espectador, pelo que o modelo ficaria assim.

Figura 1 - Modelo mediatizado das representações sociais



Fonte: Elaboração própria

Segundo Muniz Sodré (2002) a mídia é compreendida não apenas como um dispositivo técnico, mas como um fluxo comunicacional acoplado a um dispositivo, de tal forma que a sua lógica de funcionamento pode tornar-se uma ambiência. Portanto, o meio, continuando como a análise da Figura 1, subentende a articulação de uma tecnologia de comunicação com diferentes práticas, tanto no sentido da recepção como da produção. Um meio diz respeito a um dispositivo que serve a uma relação de comunicação, para a qual serão investidas operações de produção e recepção, constituindo o campo midiático, um dos diferentes campos sociais, entendendo este como:

[...] uma instituição dotada de legitimidade indiscutível, publicamente reconhecida e respeitada pelo conjunto da sociedade, para criar, impor, manter, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores, assim como um conjunto de regras adequadas ao respeito desses valores, num determinado domínio específico da experiência (RODRÍGUES, 2000, p.193).

A especificidade deste campo é o discurso, e, portanto, a disputa de sentido é uma de suas funções principais, também, através dos dispositivos de representação, reflete como um espelho, os diferentes domínios da experiência, condicionando a realidade. Um dos efeitos mais manifestos de sanções do campo midiático é o da privação da visibilidade pública ou a sua sobreexposição negativa que tem como consequência, em ambos os casos, a perda da existência social. Pelo processo de mediatização, as lógicas do campo da mídia exercem influências sobre os demais campos que conformam o espaço social.

Conforme Muniz Sodré (2002), a imagem do objeto representado que opera como espelho midiático não somente é reflexo, mas implica em uma nova forma de vida, um novo espaço e, portanto, outros parâmetros para a constituição das identidades pessoais e coletivas, modificando a própria realidade vivida. Este *bios* virtual, que são as tecnologias comunicacionais, se identificam como dispositivos geradores de real, com ambiência própria, ao invés de meros canais de informação.

Continuando com a análise da Figura 1, não devemos pensar que o fenômeno da midiáticação é um esquema que aponta a um simples processo linear de causa e efeito, contrariamente, é mais complexo e tal como indica a seta que vai da imagem à audiência e as duplas setas da representação a imagem e a audiência, pode-se notar um processo de feedback, ou seja, os meios afetam a relação entre os indivíduos, os quais não são passivos, já que repercutem na relação com os meios através da demanda, de seus interesses e essa interação conforma novas sociabilidades, mais flexíveis e menos enraizadas, mas, nem por isso, necessariamente menos intensas ou mobilizadoras, ou seja, dinamizadora do social.

É impossível entender este modelo sem esclarecer que nos momentos atuais, está-se passando da massa às redes, através da “audienciação”, é dizer, a massmediatização gerou uma audiência massiva nas sociedades, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Ser audiência hoje significa para os atores sociais, segundo G. Orozco Gómez (2008), pelo menos três coisas:

[...] uma transformação substancial de sua estruturação. Sua coesão e divisões estatutárias tradicionais, antes definidas por critérios como gênero, idade, classe social e etnia, ou por critérios mais situacionais, como tipo e lugar de trabalho, nível educacional, orientação política ou religiosa, cada vez mais são definidas dentro de uma espiral de mediações que faz extrapolar seus limites, privilegiando o critério universal de segmentação midiática (“diga-me o que vê e escutas e te direi o que gostas e sentes”) e, logo, o de segmentação tecnológica (“diga-me onde navegas e com que conversas e saberei como estás e que és”). Estes critérios, ao mesmo tempo que inauguram segmentos a partir de interações midiáticas e informacionais específicas, enfatizam o jogo de subjetividades e de modos de percepção e reconhecimento, localizados no âmbito do simbólico (sempre tecnificado)” (OROZCO GOMEZ, 2008, p. 90).

Assinala ainda Orozco Gomez que audiência também comporta modificar:

O vínculo fundamental entre os atores sociais, por um lado, com o seu ambiente e com os acontecimentos e fontes tradicionais de informação: bairro, amigos, família, companheiros de trabalho ou de jogo, e, por outro, com as fontes institucionalizadas, como o governo ou a iniciativa privada. As janelas das casas vão sendo substituídas pelas telas dos televisores e dos computadores [...] Os encontros pessoais diminuem, e aumentam os contatos virtuais e as experiências vicárias (a través das telas e a tecnologia). Mas,

sobretudo, a participação possível dos sujeitos se traduz e se reduz a meras exclamações ou reclamações ao acaso, ou em compulsivos zappings (2008, p. 91).

A mediação videotecnológica, segundo Orozco Gomez, apoia-se nas “virtudes” implícitas que a televisão possui como meio, de instantaneidade, verossimilhança e alta fidelidade, conferindo veracidade à evidência visual, ao mesmo tempo em que a colocam na frente dos próprios olhos do telespectador, ancorando sua naturalização e legitimidade em sua ancestral (e bíblica) confiança no que vê. A mediação interativa oferece a sensação que a audiência já não se comporte como um mero consumidor ou receptor, pois se passa de um paradigma receptor-consumidor ao de receptor-emissor, é um *prosumidor*, um consumidor que pode ser produtor. Por último, afirma Orozco Gomez que:

[...]..audiência transtorna também os limites espaço-temporais do intercâmbio societário e deslocaliza ao mesmo tempo, a participação real dos atores. Sem um claro sentido do lugar (MEYROWITZ, 1985), as audiências não só se encontram à deriva, como também suas ancoragens no real se tornam difusas, movediças, bastante imprevisíveis, o que provoca um processo inflacionário de dispersão-reencontro com ligações momentâneas a “não lugares” que deslocalizam e tornam móvel sua reinserção no devir cotidiano (OROZCO GOMEZ, 2008, p. 92).

Portanto, se impôs a cultura da imagem, e quem tem a última palavra são os sujeitos-audiência, e seus olhos: “se vejo na tela, acredito, é verídico, se não vejo, posso duvidar, desconfiar” (OROZCO GOMEZ, 2008, p.96). Isto acarreta como consequência a instalação do simulado, é dizer, “quando a ficção faz às vezes de real, quando tudo acontece como se não houvesse outra realidade além da imagem” (AUGÉ, 2008, p. 114).

Acredita-se que seja relevante para entender este modelo o conceito de formas simbólicas elaborado por Thompson (2002), o que consiste em:

Ações, objetos e expressões significativas de vários tipos - em relação aos contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados no qual e através do qual são produzidas, transmitidas e recebidas tais formas simbólicas. (THOMPSON, 2002, p. 203, tradução nossa).²³

As formas simbólicas são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo e dizem alguma coisa de algo, e estão presentes como códigos, convenções e/ou regras, na produção por um lado e na interpretação dada pela audiência

²³ No original: “*Las acciones, los objetos y las expresiones significativos de diversos tipos – en relación con los contextos y procesos históricamente específicos y estructurados socialmente en los cuales, y por medio de los cuales, se producen, transmiten y reciben tales formas simbólicas*”.

por outro lado. De um lado se faz referência a regras de codificação e por outro, de regras de decodificação, ou seja, que uma forma simbólica codificada de acordo com certas regras ou convenções, pode ser decodificada de acordo com outras regras ou convenções. Portanto, uma imagem pode ser interpretada como um ato de resistência ou como uma ameaça à ordem social. Enfatiza-se em que as formas simbólicas sempre estão inseridas em contextos e processos sócios históricos específicos, nos quais e por meio dos quais, se produzem e recebem. Assim, a maneira como a audiência interpreta um discurso, um texto, a percepção destes como discursos e o peso atribuído, estão condicionados pelo fato de que essas palavras são expressas por um indivíduo - neste caso o jornalista - em um cenário - o telejornal - e são transmitidas por um meio específico - a televisão - mas adquirem sentido em quanto são associados aos contextos sociais, institucionais e processos nos quais se expressa, transmite e recebe o discurso, analisando, dessa forma, os tipos de autoridade, as relações de poder, os tipos de recursos mobilizados pelos sujeitos e agentes, em cenários espaço-temporais específicos.

Deve-se assinalar que o processo de recepção não é um processo passivo de assimilação, ao contrário, é um processo criativo de interpretação e valoração no qual, o significado das representações sociais traduzidas em formas simbólicas, é constituído e reconstituído ativamente. Os indivíduos não absorvem de maneira passiva as representações sociais, ao contrário, dão a elas um sentido ativo e criador, produzindo um significado no mesmo momento da recepção.

Os indivíduos, continuando com a perspectiva de Thompson, ao receber e interpretar as formas simbólicas, participam em um processo permanente de constituição e reconstituição do significado reproduzindo os contextos sociais, trazendo como consequência a valoração contextualizada da forma simbólica perante as representações sociais, pois é a audiência quem, ao receber a notícia, assina-lhe certo grau de valor simbólico, que pode revelar-se em protestos, manifestações nas redes sociais, ou no voto em uma eleição ou plebiscito, entrando em conflito as diversas avaliações simbólicas, porque as representações também são contextualizadas.

Este trabalho entende que a ideologia e as representações sociais são conceitos próximos, pois o que as distingue em princípio é que a ideologia possui um caráter acentuado de fixação, mas essa característica pode encontrar-se nas representações sociais, através de lastros duradouros e mais permanentes e que permanecem em forma subterrânea, como é o fenômeno dos menores infratores. Como salienta Guareschi

(2000), as formas simbólicas (palavras, conceitos, imagens, etc.) são empregadas para criar ou reproduzir relações assimétricas. Através da linguagem, criam-se diferentes conotações para determinadas realidades que são colocadas como superiores ou inferiores, conforme os interesses das pessoas em questão. Nesse sentido, Moscovici é muito claro ao afirmar que “nesses casos mostram-se as relações entre as estratégias da ideologia e os significados de palavras, onde uma ideologia tenta transformar-se numa representação social, numa parte da cultura” (MOSCOVICI, 1998, P. 379).

Portanto, no momento da codificação/decodificação no processo comunicativo, é possível afirmar que a comunicação entre as elites que produzem os conteúdos audiovisuais e a audiência, constitui uma modalidade de comunicação sistematicamente distorcida.

Esta distorção ou mal-entendido surge precisamente pela falta de equivalência entre os polos do intercâmbio comunicativo. A mensagem para produzir um efeito deve ser percebida como um discurso com sentido e decodificado com um significado, e no caso do menor infrator, o efeito é persuadir através de consequências perceptivas, emocionais, cognitivas, comportamentais e ideológicas.

Este efeito é mais eficaz no significado quando este significado se apoia em uma realidade social que já é rotineira pelo processo de hábito e sedimentação que formam parte da ordem social dominante, legitimando alguns atos e sancionando negativamente outros. Acredita-se que a relação entre significado da mensagem do emissor e receptor é mais bem compreendida quando o receptor percebe na mensagem televisiva um código relativamente independente do código dominante ao associar tal mensagem ao código profissional, já que este aplica critérios e operações próprias (tanto técnica como prática), no entanto, continua operando dentro da hegemonia do código dominante. Ou seja, que a decisão de intervir para fazer com que os códigos hegemônicos resultem mais efetivos para a maioria da audiência, não é uma questão tecnicamente neutral, ao contrário, é plenamente política e, portanto, ideológica.

2.6.1 Breve cartografia dos meios de comunicação no Uruguai

A vida cotidiana se apresenta de forma evidente. Ela está ali construída sobre um conjunto de objetivações intersubjetivas que configura o “senso comum”. Movimentamo-nos nessa *suprema realidad* (BERGER; LUCKMANN, 1979, p. 33) devido a uma ordem reconhecida, compartilhada e experimentada através dos sentidos,

parte importante nos dias de hoje, são incorporadas através dos meios de comunicação. Portanto, na atualidade, a construção social da realidade na vida cotidiana é produzida mediante a informação que se obtém pelos meios de comunicação de massa. Como afirma Sánchez Villela (1997, p. 58), *“ellos no son meros espejos, sino que fabrican versiones del mundo que pasan a integrar los marcos cognitivos compartidos que circulan en la cotidianidad.”*

Dessa maneira, a televisão, como meio de comunicação predominante, colabora na geração ou reafirmação de estereótipos, papéis e tipificações, é dizer, sua narrativa, no sentido das imagens vistas, a informação verbal recebida, outorga elementos para a construção da intersubjetividade e, portanto, integrando a cotidianidade, e se bem, considera-se que o receptor não aceita passivamente esses fluxos comunicacionais, acredita-se que tem uma influência para a construção de sentidos, ou seja, sobre eles se conversa e se discute no mundo da vida cotidiana.

No Uruguai, a possibilidade de que a televisão coloque em circulação códigos e tipificações que passam a formar parte da comunicação cotidiana e, por tal motivo, construtores de uma visão da realidade, é forte se considerarmos a acessibilidade aos meios de comunicação por parte da população uruguaia. O acesso ao rádio e televisão é quase universal, uma vez que mais de 90 por cento dos domicílios possuem estes aparelhos, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística do Uruguai.

Tabela 1. Lares que possuem equipes de televisão e PC, 2005/2012, em mil e a população que abrange.

Anos/%	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Aparato TV %	720 92.4%	939 91.0%	945 91.6%	966 93.4%	1.006 94.4%	1122 95.2%	139 96.1%	199 97.0%
Aparato PC %	172 22.1%	252 24.4%	291 28.2%	366 35.3%	505 47.6%	630 53.4%	711 60.0%	722 63.7%

Fonte: Instituto Nacional de Estadística do Uruguai

Os canais privados têm aumentado nos últimos anos o número de noticiários diários, chegando a um total de quatro noticiários por dia (manhã, meio-dia, horário nobre das 19 e 20 horas e tarde da noite, aproximadamente após a meia noite).

Os programas de notícias em canais privados atingem os mais altos níveis de audiência de toda a programação. Os principais canais privados difundem diariamente

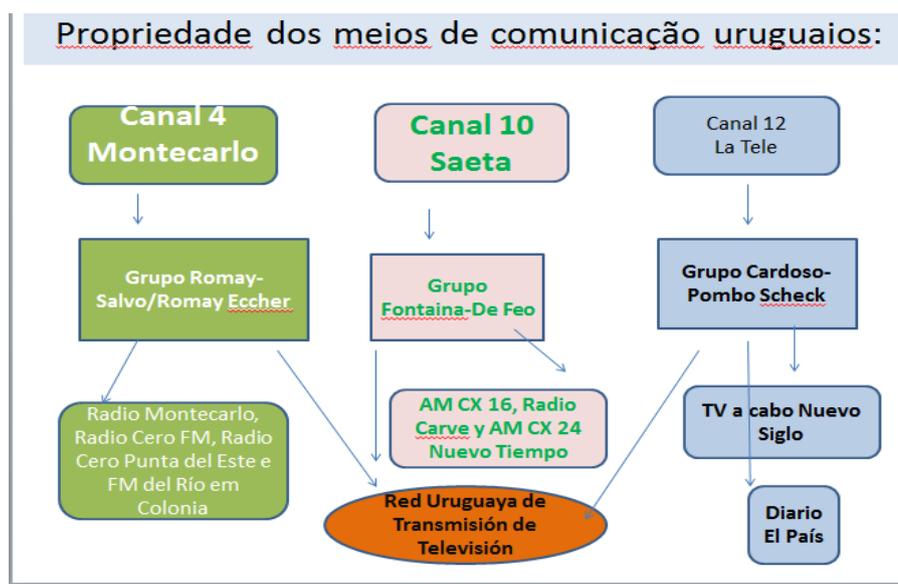
quatro programas de notícias com uma média de cinco horas de notícias por dia. A maior audiência se concentra nos noticiários das 19 horas segundo dados de 2013 elaborados pela empresa consultora *Equipos Mori*.

Os temas não são tratados da mesma maneira nos meios de comunicação uruguaios. Entre os temas qualificados como delicados e sensíveis se encontram os seguintes: população minoritária - afrodescendente; violência doméstica e de gênero; questões relacionadas com as crianças e jovens também são difíceis de abordar, em particular acontecimentos de violência e crime.

A televisão é o principal meio pelo qual os consumidores têm acesso às notícias, e como se pode apreciar na Figura 2, as estações de televisão são abertas, portanto, há uma maior abrangência, mas também, e em forma conjunta e complementar, há uma privatização da comunicação, já que são todas pertencentes a grupos particulares que monopolizam a informação.

A liderança entre as várias estações tem vindo a mudar de um canal para outro, não definindo um líder natural durante o período 2003-2014, no entanto, entre os anos 2007 e 2013, o Canal 12, La Tele, teve uma liderança importante em comparação com outros canais. Entre os operadores privados, Canal 10 tem a menor quota de mercado. O canal público, por outro lado, tem mostrado um nível muito mais baixo de público em comparação com os canais privados.

Figura 2 - Propriedade dos meios de comunicação uruguaios



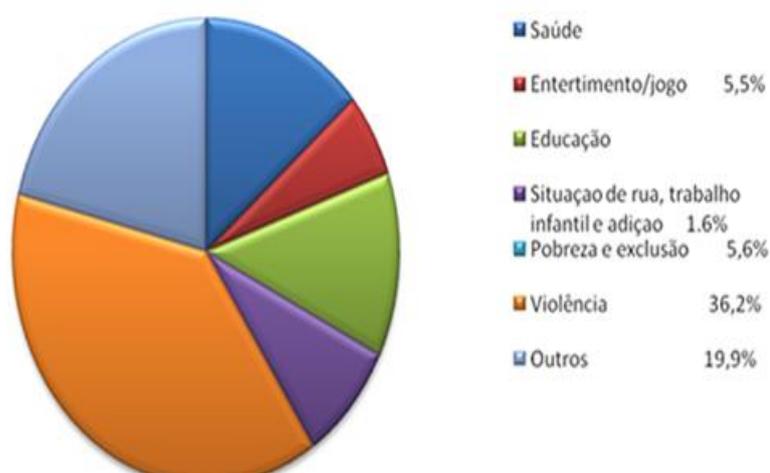
Fonte: RosarioRadakovich, et al. 2013.

Os principais canais privados difundem diariamente quatro programas de notícias com uma média de cinco horas de notícias por dia.

Esteban Perroni²⁴ de Informe Data/Media afirma que as mesmas reportagens se repetem várias vezes ao dia para que atinjam os telespectadores que consomem programas de notícias em outras estações. Aldo Silva e Fernando Vilar, apresentadores dos noticiários dos Canais 12 e 4 respectivamente, dizem perceber um enorme apetite do público por consumir notícias. Vilar afirma: *“Pensaba que un programa noticioso de media hora era suficiente. Sin embargo, los noticieros toman una hora completa, o incluso una hora y media o dos, y los televidentes continúan viéndolos”*²⁵

Tomando em consideração o agendamento que os meios de comunicação fazem da infância e adolescência, podemos observar na Figura 3 que, em 2007, a imprensa, tanto escrita como televisiva, trata o assunto de forma que o tema que ocupa o maior espaço na mídia é o referido à violência, fazendo do menor a ameaça pública e o monstro perigoso. Em 2009, a cobertura da imprensa em questões relacionadas com adolescentes foram 7393 artigos (RADAKOVICH, et al, 2013, p. 50). A representação social, “menor violento” é a que predomina associando a figura do adolescente com o crime, pelo que reafirma a construção de sentido que devem aplicar-se sobre o seu corpo, mecanismos e dispositivos de controle e repressão.

Figura 3: Agendamento dos meios de comunicação sobre a infância e adolescência/2007 no Uruguai:



Fonte: Vilela Sánchez, em Viscardi e Ribeiro, 2011

²⁴Entrevista com Esteban Perroni, “El país de los noticieros”, Jornal El País, 23 de abril de 2009, p. 26

²⁵Entrevista com Esteban Perroni, “El país de los noticieros”, Jornal El País, 23 de abril de 2009, p. 26

Sánchez Vilela destaca que a maior quantidade de notícias vinculada à minoridade infratora se refere aos homicídios (30 por cento), seguidas dos delitos contra as pessoas (24 por cento) (VISCARDI; BARBERO, 2010, p. 204-206).

A notícia é apresentada, na maioria dos eventos, mostrando o menor infrator como agressor. Esta situação aprofunda as representações sociais quando a audiência se enfrenta a um enunciado midiático que utiliza para referir-se aos menores infratores expressões como: assassino, armado, autor de homicídio, baixo medidas de segurança, da Colônia Berro, delinquentes, drogado, monstro, perigoso, que não estuda nem trabalha, reincidente, violento, possível culpado, culpado (VISCARDI; BARBERO, 2010, p. 216). As percepções ocorrem a partir de uma espécie de lente deformadora que age como ideologia a través dessa fala.

Neste mesmo sentido, assinala Muniz Sodré (2002), que a forma em que o ato violento é exibido revela uma tentativa de trabalhar, banalizando o trágico na vida cotidiana atual.

O desastre, a agressão, a monstrosidade dramatizada, discursivamente encenificadas funcionam como objeto fóbico capaz de circunscrever essa representação específica de ansiedade generalizada em virtude da destruição social. (MORIGI, et al., p- 99, tradução nossa).²⁶

Nesse jogo comunicativo constante, a mídia – aqui entendida na forma televisiva – é protagonista na construção de sentidos, influenciando posições e opiniões sobre os mais diversos assuntos.

Por outro lado, ancorando-se no pensamento de Habermas (1988, p. 22-26), deve-se ter em conta que, no ato de fala, o agente se dirige pelo menos a outro com o objetivo de chegar a um entendimento sobre algo no mundo, portanto, ao assumir a insegurança como um ato de fala, o estudo foca-se nas dobras, nos pagueados subjetivos do medo ao crime, o que faz parte de uma “hegemonia conservadora” pela qual os meios de comunicação são um dos principais fatores de produção e reprodução de sentido da *insegurança* ao insinuar afastar-se da alteridade do outro perigoso produzindo como efeito, a permanência da mesma sem referência externa.

²⁶ No original: “*El desastre, la agresión, la monstrosidad teatralizada, discursivamente encenificados funcionan como objeto fóbico capaz de circunscribir aquella representación específica de la angustia generalizada en vista de la destrucción social*”.

Para finalizar esta seção do trabalho, acredita-se que é relevante retomar o objeto de estudo da comunicação, conferir se ele se encontra disponível aos nossos sentidos. Assim, surge a primeira objeção, pois os objetos não se encontram aí, já recortados, ao contrário, os objetos do mundo são recortados por nossa percepção, por nosso interesse, por nossa compreensão, por nossos valores, ou seja, o indivíduo se aproxima à realidade que é infinita e intensa, recortando-a, através de uma operação axiológica.

Este trabalho adota o critério pelo qual reconhece que a comunicação é um processo social básico de produção e de divisão de sentido, através da materialização de formas simbólicas, mas construídas e visibilizadas pelo próprio processo de comunicação. Esta construção e visibilidade das formas simbólicas, segundo Veiga França (2001), ganharam um novo significado ao transformar-se a cultura de massas em cultura midiática. Por outro lado, Mata (1999) reconhece a centralidade que adquiriram os meios de comunicação na vida cotidiana como fontes de informação e entretenimento, como fontes de construção de imaginação coletiva entendida como espaços nacionais de identidade, de época, geracionais ao partilhar algumas histórias, mas também o desenho de regras do dizer, constituindo porta-vozes legitimados e ouvintes atentos; líderes e liderados. Assim, eles foram estrategicamente tematizando diferentes áreas do real, através de tecnologias e meios de produção e transmissão de informações, áreas que poderiam muito bem ser definidas como extensão ou multiplicação. Dessa maneira, destaca Mata, os meios alcançavam aonde a interação pessoal e a influência não chegavam. Assim o massivo, impõe-se como forma cultural dominante, mas mediante uma visão instrumental.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Como se conhece? O que significa conhecer? São as duas questões filosóficas, epistemológicas e metodológicas que orientaram este capítulo, sem desconhecer que encerram muitas respostas, incomensuráveis, contraditórias. A primeira operação de conhecer significa apreensão e compreensão, dois procedimentos distintos. Conhecer supõe a presença de sujeitos, como também a de um objeto ou problema que precisa ser compreendido, igualmente o uso de instrumentos de apreensão. Mediante esta atividade, se constrói uma representação do já conhecido, que já não é mais o objeto inicial, mas sim uma construção do sujeito como resultado da relação estabelecida entre sujeito e objeto, no momento em que o sujeito se aproximou ao objeto, já o modificou, não é o mesmo, sofreu uma alteração no momento do recorte da realidade feito pelo sujeito cognoscente.

Como expressa Veiga França (2001), conhecer é uma tensão entre o objeto empírico e o modelo de apreensão, portanto, conhecer seria olhar a realidade e deixar falar nosso objeto, mas conhecer também significa apreender o mundo através de nossos esquemas de conhecimento, identificar no novo a permanência de algo já existente ou reconhecido. Acredito que é o momento de refletir, estabelecendo que se bem conhecemos através de nossas vivências, também através de vários processos mediadores, entre os que se encontram o conhecimento científico, mas também encontra-se a mediação da mídia.

Referir-se à mediação midiática é falar em comunicação, é falar em um aspeto da comunicação: da imagem e da palavra. As duas devem ser legitimadas, não podem ser mostradas por qualquer um, como também não podem ser ditas por qualquer sujeito, individual ou coletivo, as duas constroem verdade, saber e poder e não todos os sujeitos têm essa capacidade discursiva de construir a realidade social como representação.

A marca distintiva do telejornalismo seria a sua competência em mostrar os fatos do mundo, ou seja, expor imagens do mundo, particularmente, aquelas capturadas pelas câmeras, como, por exemplo, as tratadas neste trabalho. A competência da capacidade do telejornal de falar do real fundamenta-se na crença da imagem como fragmento ou condensação do mundo. É como se no telejornalismo, a visibilidade fosse uma decorrência das imagens técnicas. No entanto, ao fazer uma leitura atenta dos acontecimentos tratados neste trabalho, observa-se que a força das imagens é relativa, pois todo o peso está na palavra ao conformar a notícia. O modo como as mídias

organizam suas narrativas, inserindo-se no cotidiano, revela um modo peculiar de como estas produzem uma imagem do mundo.

Afinal, como imagens dos acontecimentos, as notícias enquadram um real possível, apresentando uma superfície dos acontecimentos, ocultando aquilo que seu enquadre não alcança (MOUILLAUD, 2002, p.37). Desta forma, o telejornalismo condiciona o que pode ser mostrado e o que deve ser visto, pois no mesmo movimento em que promove uma imagem do acontecimento, ocultam-se todas as demais faces possíveis. Portanto, o telejornalismo, convertido em um dispositivo produtor de realidades discursivas, cujo propósito

[...] é a apresentação dos acontecimentos do mundo, não traz certamente a realidade bruta, mas, antes, imagens cujo real é da ordem do efeito, isto é, dependem da validação, por parte do leitor, do reenvio que fazem aos seus referentes (LEAL; VALLE, 2009, p. 140).

Foi realizada uma análise de alguns acontecimentos apresentados em telejornais uruguaios sobre o tema violência vinculados à adolescência e juventude, tentando estabelecer as representações sociais que os meios construíram sobre os adolescentes infratores.

Segundo Elizabeth Bastos Duarte (2010), o telejornal é um dos produtos televisuais que, atendendo às diferentes lógicas e demandas econômicas, culturais e sociais, consideram as características do público disponível nos diferentes horários e dias de semana e variáveis como sexo, faixa etária e nível cultural; gostos e preferências do público-alvo. Neste sentido, a serialidade do telejornal opera com dois eixos temporais: o horizontal, ao operar sobre a programação enquanto periodicidade e reiteração, e o vertical, que responde à inserção da emissão de um programa no fluxo da grade diária de uma emissora em horário definido. Assim, trabalharemos com os telejornais nacionais do canal 4 *Montecarlo*, do canal 10 *Saetae*, do canal 12 *La Tele* de televisão. O jornal *Telenoche* e o jornal *Teledoce* são transmitidos de segunda-feira a domingo das 19h às 20h30min e das 20h às 21h30min, respectivamente. Por sua vez, o canal 10, apresenta o telejornal *Subrayado* o qual é transmitido de segunda a sexta e logo, aos domingos, no horário das 19h às 20h30min, todos de televisão aberta, privados e transmitidos desde Montevideú.

O trabalho pretende ter acesso ao significado das representações midiáticas transmitidas no telejornal, que envolvam adolescentes, mergulhando nos aspectos emotivos e ideológicos, tratando assim, de compreender como se produz a construção

das representações sociais. A título de exemplo, considerar-se-á o acontecimento em que três adolescentes entre 16 e 17 anos de idade, em um assalto ocorrido no dia 12 de maio de 2012, mataram Gastón Hernández, em momentos que trabalhava em uma cervejaria muito conhecida no Uruguai.

Fruto de uma forte seleção, a dimensão da notícia televisiva é limitada por exigência de tempo, espaço a ser ocupado no fluxo audiovisual. Oferecida em pacotes informativos, a informação jornalística na televisão é constituída por fragmentos da realidade, cuja lógica de montagem seria definida pela organização de um texto com características que remetem à oralidade. Para se constituir em um desses fragmentos, um fato deveria ser marcado por uma forte unicidade, ou ser componente de uma grande narrativa, ter impacto passional muito forte ou ainda ser apresentado de forma muito espetacular, parâmetros que definiriam os quatro critérios de noticiabilidade em televisão.

Em referência ao gênero midiático, em tanto sistema de regras e convenções que reproduzem formas de representações sociais, este trabalho centrou-se, por um lado, no gênero do telejornalismo como estratégia de comunicabilidade, assumindo-o como uma forma cultural e uma instituição social e, pelo lado mais específico, o que corresponde ao acontecimento noticiário pela sua inserção na vida cotidiana, já que é um espaço “*privilegiado de configuración de sentidos compartidos*” (MARONNA; SÁNCHEZ VILELA, 2004, p. 26).

Como afirma Martín-Barbero:

O gênero não é algo que passa ao texto, mas algo que passa pelo texto... O gênero é uma estratégia de comunicação, ligada profundamente aos vários universos culturais. O gênero não é só uma estratégia de produção, de escritura, é tanto ou mais uma estratégia de leitura. (MARTIN-BARBERO, 1995, p. 64)

O telejornalismo é uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação. Para Williams (1997, p. 22), as instituições são um dos três aspectos de todo processo cultural, junto com as tradições e as formações. Ali, os meios de comunicação aparecem, junto com a família, a escola, a igreja, certas comunidades e locais de trabalho, como instituições que exercem poderosas pressões sobre o modo de vida, “ensinam, confirmam e, na maioria dos casos, finalmente, impõem significados, valores e atividades”.

É pertinente assinalar que os programas jornalísticos televisivos contam com apresentadores ou âncoras, comentaristas, correspondentes e repórteres. Sem dúvida, em qualquer formato de programa jornalístico na televisão, o apresentador é a figura central, aquele que representa a “cara” do programa e que constrói a ligação entre o telespectador, os outros jornalistas que fazem o programa e as fontes. Assim, para compreender o modo de endereçamento, é fundamental analisar quem são os apresentadores, como se posicionam diante das câmeras e, portanto, como se posicionam para o telespectador.

Mas o modo de endereçamento diz respeito também aos vínculos que cada um dos mediadores (âncoras, comentaristas, correspondentes, repórteres) estabelece com o telespectador no interior do programa e, ao longo da sua história dentro do campo, à familiaridade que constrói através da veiculação diária/semanal do programa, à credibilidade que constrói no interior do campo midiático e que “carrega” para o programa, ao modo como os programas constroem a credibilidade dos seus profissionais e legitimam os papéis por eles desempenhados. A noção de performance, tal como utilizada no teatro, pode se mostrar um importante recurso descritivo para este operador analítico. A noção põe em relevo o caráter interpretativo do desempenho dos atores, dos mediadores televisivos: o ator representa a partir de seu próprio corpo, de suas próprias características, mas ele desempenha um papel. A performance do mediador é um aspecto central dos modos de endereçamento dos programas de telejornal.

Também consideramos como pressuposto que quem produz uma notícia deverá ter em conta não apenas uma orientação em relação ao acontecimento, mas também uma orientação em relação ao receptor. Esta “orientação para o receptor” é o modo de endereçamento e é ele que provê grande parte do apelo de um programa para os telespectadores (Cf. HARTLEY, 2001, p. 88).

Os telejornais uruguaios adotam, entre os modelos assinalados por Machado (2000, p. 108), o modelo centralizado e opinativo na medida em que o âncora tem poderes de decidir sobre as vozes que entram e saem, permanecendo a fonte principal de organização dos enunciados. Em sua constituição, o gênero telejornal reúne diferentes formatos para a apresentação da notícia - nota, nota coberta, entrevistas, enquete, comentário, crônica e indicadores, como no caso da previsão meteorológica- (CURADO, 2002), no entanto, a reportagem parece ser o formato a concentrar as maiores potencialidades de linguagem do programa. Nosso conhecimento do mundo,

como as apreciações sobre diferentes dimensões da vida em sociedade, é dado, em grande medida, pelo conjunto do material jornalístico que se recebe diariamente e que alimenta, em forma de estereótipo, a imaginação coletiva.

3.1 TELEJORNALISMO: A QUE FAZEMOS REFERÊNCIA?

Este trabalho parte da afirmação que o caráter narrativo da televisão está ancorado na fragmentação. O discurso televisivo caracteriza-se pela mistura de fragmentos pertencentes a gêneros, estilos e materiais heterogêneos, como uma espécie de *collage*, onde cada segmento se relaciona com o conjunto, adquirindo sentido pela concepção global.

Esta fragmentação televisiva é um fenômeno relacionado com a cultura contemporânea, ao ponto tal que a pós-modernidade, no final do século XX, desarticula um pouco mais o panorama do disperso, do heterogêneo e múltiplo e o ser humano contemporâneo vive submerso em uma realidade heterogênea e fragmentária em oposição ao modo monolítico e compacto, próprio de décadas anteriores.

Acredita-se que a sociedade uruguaia se acomoda à seguinte caracterização, aumentando a distância social entre os incluídos e os excluídos:

As mudanças civilizatórias da época marcam o aprofundamento de uma pulsão individualizadora como traço que caracteriza as sociedades contemporâneas incorporando novas arestas na construção da subjetividade. O impulso para escrever uma "própria biografia" representa tanto um conjunto de novas oportunidades e direitos como a fonte de profunda ansiedade que vai além do sentido das instituições e reduzem o seu impacto configurador nas pessoas. Ao mesmo tempo, a compulsão consumista permanece como a principal fonte de integração e desenvolvimento de identidades e da maneira que assegura a reprodução de um modelo de desenvolvimento econômico que amplifica as frustrações, baseando-se em uma dialética que apregoa expectativas universais exacerbadas de consumo ao tempo que deve segmentá-las, restringindo o acesso às satisfações. Uma das principais consequências desses impulsos consumistas individualistas e compulsões é a amplificação das tensões e incertezas ao viver em um mundo "sem limites" na produção de subjetividade e de consumo. Trajetórias vitais sobrecarregadas na procura de um bem-estar baseado na posse de bens supérfluos e necessariamente efêmeros, que não são acolhidas por um desenho das instituições em declínio e comunidades inexistentes (MORÁS, 2012, p. 10, tradução nossa).²⁷

²⁷ No original: "Los cambios civilizatorios de la época marcan la profundización de una pulsión individualizadora como rasgo que caracteriza las sociedades contemporáneas incorporando nuevas aristas en la construcción de la subjetividad. El impulso a escribir una "biografía propia" representa tanto un conjunto de nuevas oportunidades y derechos como la fuente de profundas ansiedades que desborda el sentido de las instituciones y reducen su impacto configurador de las personas. Al mismo tiempo la compulsión consumista se erige como la principal fuente de inserción y elaboración de identidades, así como la vía que asegura la reproducción de un modelo de desarrollo económico que amplifica las frustraciones, al estar basado en una dialéctica que pregon la universalización de

A diversidade e a heterogeneidade se relacionam diretamente com os produtos audiovisuais, que crescem em forma progressiva, rompendo os relatos em mil pedaços, organizando uma profusão de micro relatos, potencializados pela cultura dos três minutos que assinalou Ignatieff (1992), onde tudo se sucede a golpes curtos de atenção para passar a outra temática que, por sua vez, caracteriza-se por sua brevidade. A fragmentação do discurso é uma estratégia narrativa.

Qual é a função do telejornalismo? Uma primeira e fundamental função é a conversão em notícias de acontecimentos ocorridos, e apresentar noticiabilidade. A noticiabilidade, segundo Wolf (2001), é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos para adquirirem a existência pública das notícias. Tudo o que não adquire o estatuto de notícia é excluído e, portanto, o órgão de informação não consegue transformar em noticiabilidade, por conseguinte,

[...] não irá fazer parte dos conhecimentos do mundo adquiridos pelo público através das comunicações de massa. Pode-se dizer também que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 2001, p. 190 apud MACHADO, 2016, p. 25)²⁸.

Acredita-se que é pertinente lembrar o que Bauman (1999) diz:

Traçar claras linhas divisórias entre o normal e o anormal, o ordenado e o caótico, o sadio e o doentio, o racional e o louco é tarefa do poder. Traçar essas linhas é dominar; é a dominação que usa as máscaras da norma ou da saúde, que ora aparece como razão, ora como sanidade, ora como a lei e a ordem. (1999, p. 185 apud SILVEIRA, 2016, p. 31)²⁹.

Silveira (2016) ainda reconhece, a partir de Bauman, a emergência do olhar burocrático pelo telejornal, tendo como consequência a reificação do outro e seu mundo, conduzindo à negação da alteridade, à negação da diferença de visibilidade. O

expectativas exacerbadas de consumo al tiempo que debe segmentarlas restringiendo el acceso a los satisfactores. Una de las principales consecuencias de estas pulsiones individualistas y compulsiones consumistas es la amplificación de las tensiones e incertidumbres al vivir en un mundo “sin límites” en la producción de subjetividad y consumo. Trayectorias vitales agobiadas en la procura de un bienestar basado en la posesión de bienes superfluos y necesariamente efímeros, que no son acogidas por un diseño de instituciones en declive y comunidades inexistentes”.

²⁸ WOLF, Mauro (1989). Teorias da comunicação de massa. São Paulo: Martins Fontes apud SILVEIRA, A. C. M. Ambivalência e cobertura jornalística de periferias. In. SILVEIRA A. C. M.; GUIMARÃES, I. P. (Org.). Conexões (trans)fronteiriças: mídia, noticiabilidade e ambivalência. Foz do Iguaçu: EdUnila. 2016. p.24-43.

²⁹ BAUMAN, Zygmunt (1999). Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro: Zahar, apud SILVEIRA, A. C. M. Ambivalência e cobertura jornalística de periferias. In. SILVEIRA A. C. M.; GUIMARÃES, I. P. (Org.). Conexões (trans)fronteiriças: mídia, noticiabilidade e ambivalência. Foz do Iguaçu: EdUnila. 2016. p.24-43.

telejornalismo, ao alinhar-se tão rigidamente com a perspectiva que o setor mais conservador constrói e ponderando sobre os modos de ver o menor infrator como um outro perigoso, sugere que “está se apropriando de uma tarefa do poder ao construir juízos por meio da noticiabilidade” (SILVEIRA, 2016, p. 32), ou seja, o telejornalismo reforça o medo à ambivalência ao lutar contra a ambivalência.

Neste sentido, acreditamos que a imagem do menor infrator como um problema para a segurança na sociedade uruguaia, se bem não é uma questão que inquieta atualmente, pois se arrasta de tempos do século XIX, agora emergiu com certa virulência desde o momento em que os meios de comunicação o colocaram na agenda pública, ou seja, existe pela visibilidade midiática.

Acredita-se que os telejornais uruguaios, por apresentarem notícias acerca de uma realidade próxima de seus telespectadores, possuem atualmente um papel relevante na mídia, ao deslocar os jornais impressos e o rádio. O telejornal apresenta notícias variadas, o que lhe permite ocultar a sua linha editorial, portanto a análise enfatizará como a TV pensa o menor infrator.

Se bem estas condições de produção do discurso jornalístico têm as suas variáveis que fazem parte do contexto de construção da notícia, a qual é selecionada, classificada e editada, nos interessa o momento da distribuição, pois é o meio pelo qual determinado assunto ganha destaque no telejornal, de acordo com o seu interesse, mas também, com as expectativas do seu público, considerando-se a notícia como “uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299 apud BEZERRA DA SILVA, 2016, p. 33).³⁰

Portanto, este trabalho considera que o telejornalismo é uma prática social com a capacidade de interpretar o mundo e a realidade por meio de “recursos correspondentes a lógicas institucionalizadas e legitimadas de apreensão do cotidiano” (BEZERRA DA SILVA, 2016, p. 34), produzindo “um” conhecimento sobre a realidade, porque no processo em que o discurso jornalístico constrói a notícia, enfatiza, detalha, afirma ou apaga outros dizeres, outras vozes. Portanto, aquilo que o discurso produz, é da ordem dos efeitos do discurso, destacando-se o efeito de verdade produto do binômio foucaultiano, poder- saber.

³⁰ ALSINA, 2009, p. 299, apud BEZERRA DA SILVA, E. Meio ambiente no telejornalismo: efeitos de sentido sobre preservação no Nordeste Viver e Preservar. Porto Alegre: UFRGS. 2016

A formação discursiva elaborada por Foucault (1968) supõe uma geografia de capas ou dobras, uma espessura discursiva que se constrói em superposição de estratos que vão decantando um determinado saber-discurso, o que implica uma minuciosa escavação, a fim de visibilizar o dito e o não dito em certas representações, configurando, assim, umas determinadas atitudes discursivas.

Em *Las palabras y las cosas* (1968), o filósofo francês analisa como o saber se relaciona sob e com condições políticas, sociais e econômicas, pois segundo Foucault, perguntar-se pelas práticas discursivas significa pensar sobre as relações de poder que possibilitaram tais práticas.

As tecnologias de poder obedecem a estratégias decorrentes da aplicação de um corpus de reflexões que as sustentam, emerge de um conhecimento-saber que está incorporado no discurso e produz transformações na realidade.

Por conseguinte, não há exercício de poder se não existem discursos, instituições, leis, pautas morais que constituem o entramado que vai dando forma a essas tecnologias e que, em definitivo, produz o saudoso-doente, o normal-anormal.

Perguntar pelas práticas narrativas é buscar e encontrar uma vinculação estreita entre discurso e modos de subjetivação que estão submetidos a práticas históricas, políticas, sociais e culturais. Devemos ter em conta que toda construção histórica do sujeito implica práticas discursivas constituintes, e nesse sentido, a narrativa telejornalística é constitutiva de um sujeito, mas também recordar que os discursos, se bem constituem as práticas sociais, estão por elas constituídos.

O telejornalismo, como se salientou anteriormente, participa na construção da agenda, da realidade e dos valores que circulam socialmente. Sua autoridade descansa a partir do reconhecimento pela sociedade de sua competência para gerar confiança na veracidade da informação brindada, porque ele é elevado à categoria de “sistema experto”.

Entendemos que investigar a prática do telejornalismo relacionada às questões do menor infrator e à redução da idade de imputabilidade penal, é, antes de tudo, pensar sobre os sentidos e as representações sociais que ele constrói e que ressoarão em outros discursos que estão sendo moldados a partir de sua mediação, é contribuir com a construção de uma sociedade mais informada, mais crítica e mais reflexiva.

Como decidimos trabalhar com acontecimentos noticiados nos telejornais uruguaios que compreendam menores em situação de infração com a lei penal, adotamos como estratégia o estudo de cinco acontecimentos jornalísticos que, pela sua

significação paradigmática, acreditamos que são representativos do universo de estudo e que bem podem ser analisados pela metodologia da narração por seu impacto na sociedade uruguaia.

A opção pela análise das narrativas dos telejornais fundamenta-se nos seguintes argumentos sustentados por Maronna e Sánchez Vilela (2004, p. 28):

1. O componente narrativo está presente na televisão e em seus diferentes gêneros, entre os quais se encontra o telejornal, onde se pode perceber algo que aconteceu, que é contado por alguém e que tem um modo particular de contá-lo.
2. A atividade narrativa é uma prática contínua na vida cotidiana, tal como afirmam Maronna e Sánchez Vilela:

A narrativa como prática é uma forma de conhecimento e organização no mundo, é uma tentativa de tornar a experiência inteligível e comunicável. Neste sentido, a narrativa é um produtor de sentidos e expressa visões de mundo que legitima, em maior ou menor grau, dependendo do emissor da narrativa e seu lugar em uma dada sociedade. A repetição dos relatos não é inócua, é também uma forma de legitimação. (2004, p. 29, tradução nossa).³¹

3. As narrações escolhidas neste estudo constituem casos, são singulares, mas a narração específica sempre responderá às características particulares da cultura em que ela se manifesta, pois a singularidade reflexa o coletivo.

Neste sentido, este trabalho coincide com o posicionamento de Maronna e Sánchez Vilela (2004), ao considerar que a mídia atua ideologicamente na medida em que seus textos contêm valores, normas de comportamento e modelos indenitários.

Para entender melhor este trabalho de pesquisa, acreditamos que se deve partir do momento em que se começa a tratar o tema da violência relacionando-a ao menor infrator no Uruguai e em que medida, na atualidade, a mídia incidiu para o desenvolvimento dessa problemática, em outras palavras, tratar de reconstruir a dimensão histórica e cultural. Se bem em muitas construções culturais, as concepções que uma sociedade possui sobre a adolescência e a juventude não permanecem fixas e mantém relação com a forma pela qual esta sociedade considera outras dimensões da vida, como a família, o Estado, acredita-se que esta fixação ou transformação depende

³¹ No original: “*La narración como práctica es una forma de conocimiento y organización del mundo, es un intento de hacer inteligible y comunicable la experiencia. En este sentido la narración es productora de sentidos y expresa visiones del mundo a las que legitima, en mayor o menor grado, dependiendo del emisor de la narración y del lugar que ocupe en una determinada sociedad. La repetición de las narraciones no es inocua, es también una forma de legitimación*”.

do contexto histórico e sociocultural, pelo que a incidência da mídia, na atualidade, é um elemento a considerar para entender essa transformação.

Em 1837, a “vadiagem” dos menores já era um problema para o Chefe de Polícia e Junta Econômica-Administrativa de Montevideu (BARRÁN, 1990, p. 62). Em 1875, do total de presos em Montevideu “*um tercio eran menores de edad*” (BARRÁN, 1990, p. 102).

No início do século XXI, quando se desata a crise econômico-financeira que se começa a insistir, pelos atores sociais, políticos opositores ao governo de esquerda e meios de comunicação, no aumento do delito, relacionando-o com o jovem e o menor, associado com grupos e pessoas perigosas “*pobres que habitan ciertos barrios y asentamientos*” (PATERNAIN, 2012, p. 15).

Por outra parte, o candidato à presidência do Uruguai pelo Partido Independiente, Pablo Mieres, manifestou:

Do total da população em prisão por ter cometido um crime, apenas 5% são menores de 18 anos, e se tomarmos o subconjunto de 16 e 17 anos, esse percentual é reduzido para 3%. Estamos falando de um total de cerca de quinhentos jovens delinquentes, em comparação com mais de nove mil presos adultos (El DIÁRIO, 11/03/2013, tradução nossa).³²

No ano 2011, o Senador do Partido Colorado, Pedro Bordaberry, teve a iniciativa de promover a coleta de assinaturas para convocar a uma instância plebiscitária para reformar a Constituição Nacional com o fim de reduzir a idade de responsabilidade penal de 18 para 16 anos. Logo depois, uniu-se o setor do Herrerismo do Partido Nacional, coletando 375.000 assinaturas, possibilitando dessa maneira, plebiscitar a reforma constitucional.

Os fatores que incidiram para alcançar o número de assinaturas necessárias para convocar a instância plebiscitária foram, entre outros:

- A crise de confiança nas instituições públicas-polícia, administração de justiça-;
- A reprodução simbólica da insegurança promovida pelos meios de comunicação: a quantidade de segundos de notícias policiais nos meios televisivos envolvendo jovens e adolescentes desde 2005 (data em que assume o governo de esquerda) cresceu 100 % passando de 319.504 em 2006 a 694.306 em 2009 (PATERNAIN, 2012, p.16);

³² No original: “*Del total de la población privada de libertad por haber cometido un delito, solo el 5% son menores de 18 años, y si tomamos el subconjunto de los de 16 y 17 años ese porcentaje se reduce al 3%. Estamos hablando en total de unos quinientos menores infractores, frente a más de nueve mil presos adultos*”.

- O número de lares com ao menos um computador se incrementou significativamente entre os anos 2004 e 2012, cobrindo 63,7% da população, embora a cobertura é melhor em áreas urbanas, portanto, o acesso à informação também melhorou.

Esta dissertação, como já ficou explicitada em páginas anteriores, parte da hipótese de que a mensagem da mídia reforçou a construção da imagem do adolescente e do jovem infrator como parte de uma estratégia ideológica que tem como fim, disciplinar e colocar coletes de forças mentais em uma sociedade que, apesar de que na última década deu sinais de separação com as correntes discursivas opressoras e com seus dispositivos de normalização, atualmente encontra no adolescente e no jovem de um determinado estrato, o bode expiatório que sustentaria a construção de uma sociedade “policializada”³³ e de tolerância zero (WACQUANT, 2005).

Esta situação se agrava quando a princípio do terceiro milênio “*nos encontramos en el momento de tránsito donde el espacio y el tiempo se cruzan para producir figuras complejas de diferencia e identidad, pasado y presente, adentro y afuera, inclusión y exclusión*” (BHABHA, 2002, p. 17). No caso do Uruguai, percebe-se que o conceito de comunidade imaginada (ANDERSON, 1993) como compartilhando essa narrativa, está estilhaçado ao serem excluídos da mesma os menores em conflito com a lei penal, tanto em potências como em ato. As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é uma representação - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Esta concepção do “nós mesmos” está sendo interpelada e estilhaçada, já que esse desejo de viver em conjunto está sendo construído pela identidade de um sujeito moderno, e, portanto, com uma identidade imóvel, única e unificada, que exclui o diferente, o sujeito com identidades múltiplas, neste caso, o menor infrator, composto não de uma única, mas de várias identidades.

Por outro lado, ao tomar-se o indicador taxa de homicídio (6/100.000 habitantes), percebe-se que, apesar do Uruguai ter a taxa de violência mais baixa da América Latina, a percepção de insegurança é bastante elevada, 60 por cento, segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento (VISCARDI; BARBERO, 2010, p. 226), o que permite sustentar que o

³³ Processo pelo qual o Estado e o governo transferem para a esfera da polícia, a solução de conflitos que bem poderiam ser solucionáveis no lugar em que surgiram.

[...] modo em que se influencia e interpreta informação age sobre as representações e constitui um elemento central na construção de olhares e imagens da sociedade na formação de interpretações legitimadas e não expressão do jogo das diferenças entre os diversos atores sociais. Isso afeta o sentimento de insegurança e a construção de respostas (VISCARDI; BARBERO et al, 2010, p. 227).³⁴

Hoje, mais do que nunca, pelo desenvolvimento que alcançou a mídia, há um exercício da violência simbólica pernicioso como sugere Bourdieu (1997, p.21) mais forte nesta época em que se assiste não só uma dissolução, mas também uma dispersão do poder.

Assinala Bourdieu (1997), que a estratégia televisiva pernicioso caracteriza-se, entre outras práticas, por selecionar a informação escandalosa e/o sensacionalista, influenciando na opinião do público, manipulação da informação de tal forma que, por ela, se constrói consenso e uniformidade da opinião, apesar de que os seus conteúdos são banalizados e despolitizados, há um desvio da atenção para aquilo que promete êxito de audiência, censurando pontos importantes de realidade, a qual é parcelada, e essas parcelas não chegam ao público, havendo a priorização da emoção sobre a razão ao privilegiar o impacto da imagem sobre o conteúdo.

3.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA METODOLOGIA UTILIZADA

Esta pesquisa tem como norte metodológico as narrativas discursivas, complementada pela análise de texto, não obstante, tratar-se-á de levar em consideração a afirmação de Bourdieu – o que não significa alinhar-se com a sua perspectiva metodológica - em quanto:

Descobrir no decorrer da própria atividade científica, incessantemente confrontada com o erro, as condições nas quais é possível tirar o verdadeiro do falso, passando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento mais verdadeiro (BOURDIEU, 2004, p. 17)

É uma pesquisa qualitativa porque acreditamos que a metodologia da narrativa será adequada pelo seu caráter de corte qualitativo.

A narrativa procede etimologicamente do latim *narratio*, tratando-se da ação e efeito de narrar, ou seja, contar uma história verídica ou fictícia, e tem como personagem principal o narrador.

³⁴ No original: “modo en que se infunde e interpreta la información actúa sobre las representaciones y constituye un elemento central en la construcción de miradas e imágenes de la sociedad, en la configuración de interpretaciones legitimadas y en la expresión del juego de las diferencias entre diversos actores sociales. Ello incide en la sensación de inseguridad y en la construcción de respuestas”.

Por sua parte, o texto narrativo, é *“una cadena de acontecimientos, en relación de causa-efecto, que tiene lugar en un tiempo y un espacio”* (CARMONA; RAMÓN, 2010, p. 186).

Todo texto narrativo articula uma história, considerada como uma cadeia de acontecimentos e indivíduos implicados no relato, e um discurso, ou seja, por onde se expressa ou se comunica o conteúdo, o relato.

O relato, por sua parte, faz referência explícita ao discurso, é o enunciado atualizado, neste caso, pelo telejornal, considerado em sua totalidade, e que apresenta um começo, uma sequência temporal de acontecimentos e um final, que aparece por um sujeito empírico da enunciação, autor de um enunciado-relato e um espectador modelo capaz de atualizá-lo mediante a cooperação interpretativa.

Tendo como norte orientador o pensamento de Mason (1996), acredita-se que a pesquisa qualitativa e a perspectiva das narrativas se correspondem nos seguintes aspectos: fundamentam-se em uma posição filosófica que é amplamente interpretativa no sentido em que se interessam nas formas em que o mundo social é interpretado, compreendido, experimentado e produzido, se sustentam em métodos de análise e explicação que abrangem a compreensão da complexidade, o detalhe e o contexto. Também são compatíveis porque a sua solidez se encontra em um conhecimento que se especializa na informação da dinâmica dos processos sociais, da mudança e do contexto social, como também em sua habilidade para contestar *o como?* e *o porquê?*

Não se pode deixar de salientar que a pesquisa qualitativa valoriza a importância da construção do mundo social desde que emprega dados “naturais” para localizar as sequências interacionais - o como - nas quais se desenvolvem os significados dos participantes - o que -.

Para Marshall e Rossman (1999, p. 2-8), a pesquisa qualitativa, além de ser interpretativa, está assentada na experiência das pessoas, igualmente como as narrativas. Por tal motivo, o processo de investigação supõe a imersão na vida cotidiana da situação selecionada para estudar, e como descritiva e analítica, privilegia as palavras das pessoas e seu comportamento observável como dato primário, permitindo explorar não só a linguagem, mas também os significados culturais. (VASILACHIS DE GIALDINO, 2009, p. 25-28).

Por outro lado, a investigação qualitativa analisa o conhecimento dos atores sociais e suas práticas e leva em conta que os pontos de vista e as práticas são diferentes devido às diferentes perspectivas subjetivas e aos dissímiles conhecimentos sociais

vinculados com elas. A investigação qualitativa privilegia a profundidade sobre a extensão na interpretação das experiências vitais.

A pesquisa qualitativa se interessa pela forma em que o mundo é compreendido, experimentado e produzido, pelo contexto e pela perspectiva dos participantes, pelos seus sentidos e seus significados, por seus relatos e sua experiência vital e biográfica, tenta fazer o caso individual significativo no contexto da teoria, esta focalizada na prática real, situada.

A pesquisa qualitativa se fundamenta:

[...] na comunicação, na coleção de histórias, narrativas e descrições das experiências dos outros. Essas experiências e perspectivas subjetivas não devem, contudo, ser analisados isoladamente da organização social. (MORSE, 2005c, p. 859 apud VASILACHIS DE GIALDINO, 2009, p. 31, tradução nossa).³⁵

Como assinala Atkinson (2005), as narrativas, neste caso o telejornal, como gênero de ação e de representação verbal na vida cotidiana, devem ser consideradas como instâncias da ação social, como atos de fala ou sucessos com propriedades comuns, estruturas recorrentes, convenções culturais e gêneros reconhecíveis. As histórias apresentadas nos telejornais como fatos, ocorrências, são formas da ação social com sentido, construídas em circunstâncias concretas, cuja realização tem lugar em determinados contextos e que ocupam um lugar relevante entre as diversas formas nas que se desenvolve a vida cotidiana.

Este trabalho propõe-se compreender o contexto particular no qual os participantes atuam e a influência que tal contexto exerce sobre suas ações, como também compreender os processos pelos quais os sucessos e as ações têm lugar.

Acreditamos que a pesquisa qualitativa é especificamente relevante para o estudo das relações sociais em um momento como o atual, caracterizado por uma mudança social rápida e constante, vinculado à diversificação e à pluralidade de mundos da vida, com representações discursivas discordantes e múltiplas, de seus conflitos ligados com a mudança e/ou com a ordem social e, portanto, com a possibilidade de que determinados atores sejam motores dessa mudança, no caso concreto, a mídia televisiva e os telejornais com seus discursos e representações sociais.

³⁵ No original: “*en la comunicación, en la recolección de historias, narrativas y descripciones de las experiencias de otros. Esas experiencias y perspectivas subjetivas no deben, sin embargo, analizarse de manera aislada respecto de la organización social*”.

Também acredita-se que a investigação qualitativa, ao interessar-se pelas pessoas, por suas perspectivas subjetivas e experiências, por suas ações, interpretando-as de forma situada e colocando-as no contexto social e particular em que têm lugar, é uma ótima parceira para a metodologia das narrativas.

Esta parceria na presente pesquisa de trabalho se acrescenta desde o momento em que Silverman (2000, p. 8) robustece-a ao afirmar que a investigação qualitativa prefere a *“análisis de las palabras y de las imágenes antes que el de los números [y] privilegia los significados antes que el comportamiento”* (VASILACHIS DE GIALDINO, 2009, p. 34), permitindo experimentar o mundo de maneira similar à dos participantes, em outras palavras, caminhar com seus sapatos, tratando de manter a distância analítica a fim de analisar criticamente a situação, devendo ter presente que seus valores, crenças, desejos, expectativas, influem na percepção e na construção da realidade que estuda, por quanto é necessário guardar a máxima weberiana da neutralidade valorativa. Portanto, os pressupostos a serem mantidos têm a ver com a natureza da realidade (o ontológico), pois a realidade é construída desde os meios de comunicação, a relação do sujeito que investiga com o que está sendo estudado (o epistemológico), pois aqui se tratará de minimizar a distância entre mim como investigador e quem forma parte da minha pesquisa. O papel dos valores na investigação (o axiológico) é reconhecer a influência dos próprios valores no processo de pesquisa e, por último, o processo de investigação (o metodológico) significa trabalhar indutivamente.

Foi selecionado este método pela sua menor rigidez no planejamento, já que este vai se adequando e consolidando enquanto a pesquisa vai sendo construída. Também, porque, além de conhecer o tema, permite aprofundar as questões tratadas, a fim de clarificar os conceitos (GOULART, 1996, p. 163) e as relações entre os meios de comunicação e a representação social dos menores.

3.3 DIMENSÃO ESPAÇO-TEMPORAL DO ESTUDO

Com respeito à dimensão espacial e temporal, os casos selecionados se circunscrevem ao Uruguai, tanto a Montevideu como ao interior do país, e ocorreram entre março de 2012 a outubro de 2014. São adolescentes, menores de 18 anos de idade, que, por diferentes motivos, que não é o foco desta pesquisa, se confrontaram com a lei penal, cometendo um processo infracional com a norma jurídica mencionada e que

foram alvos de fatos no noticiário televisivo. Portanto, somente foram selecionados e incluídos neste estudo a cobertura jornalística que se ocupou da representação dos menores infratores da lei penal.

Os infratores maiores de 18 anos serão excluídos do estudo, como também aqueles menores de 12 anos, se bem o projeto constitucional a ser plebiscitado abrangia a idade de 16 anos a mais para ser considerado imputável.

O universo de estudo são as notícias de telejornais uruguaios que envolvem menores de 18 anos que, por sua ação, cometeram atos que se encontram em situação de infração com a lei penal.

Como decidimos trabalhar com fatos noticiados nos telejornais uruguaios que compreendam menores em situação de infração com a lei penal, adotamos como desenho o estudo de acontecimentos desde a narrativa como estratégia metodológica.

São abordados acontecimentos telejornalísticos que, pela sua significação paradigmática, acreditamos que são representativos do universo de estudo e que bem podem ser analisados pela metodologia narrativa pelo seu impacto na sociedade uruguaia.

Antes de apresentar os acontecimentos selecionados se deseja esclarecer que o critério de seleção partiu do interesse pelos acontecimentos em si mesmo devido **as** suas qualidades específicas, sabendo que a subjetividade e a interpretação jogam um papel central e podem enviesar a investigação, portanto, tentou-se por todos os meios ao alcance, desde o ponto de vista epistemológico, que tal situação não ocorresse.

Deve-se lembrar que para Bourdieu (1997), o princípio de seleção de notícias vem enviesado por critérios de espetacularidade e sensacionalismo e a televisão dramatiza e espetaculariza as notícias muito mais que outros meios devido ao componente icônico, mas também em função de que a informação na televisão contemporânea tenta entreter e impactar em lugar de formar melhor um cidadão (CEBRIAN, 2004).

Com respeito à espetacularização da realidade, o telejornal organiza espetacularmente a informação, utilizando certos recursos como: efeitos de som, o uso dramático da música, o tom da voz afetada ou enfática, as aproximações da câmera ao rosto dos atores da notícia, o uso da câmera subjetiva, a desaceleração das imagens. O sensacionalismo procura uma mudança nos mecanismos de recepção, trasladando o racional ao emotivo, a reflexão cede passo à impressão e à comoção.

O *corpus* de análise consiste na seleção de alguns acontecimentos cobertos pelo telejornalismo uruguaio, considerados típicos e tem em conta a possibilidade de ser uma expressão paradigmática de um problema social que pode estar ocultando outros fenômenos sociais.

Este desenho não se limitou a explorar ou a descrever o fenômeno social da minoridade infratora e sua construção pela televisão, senão que também se tentou que tenha a capacidade de captar a sua complexidade contextual e sua relação com o evento estudado. A seleção dos acontecimentos considerou as seguintes condições: que os fatos noticiados compreenderam menores de 18 anos, que ditos fatos fossem noticiados nos telejornais em seus horários nobres, que fossem apresentados como eventos infracionais da lei penal, apesar de que o fato em si não lesionara tal norma jurídica, mas devido à repercussão dada pela mídia, gerou relevância penal na população, que os contextos fossem diferentes e diversos, tanto no tempo como no espaço, a possibilidade de ser comparados analiticamente para sua melhor compreensão.

3.4 MATERIAL TELEJORNALÍSTICO E SUA CAPTURA

O material utilizado para análise considerou a captura via web dos canais de televisão uruguaio, 4 Montecarlo TV, 10 Saeta e 12 La Tele, CD e pendrive. Foi utilizado um programa de captura adequado e compatível aos formatos de vídeos que se desejava gravar para sua posterior análise. Para este trabalho, em princípio e sabendo de suas limitações, recorreremos ao programa Tube Catcher para capturar e gravar os vídeos. As notícias de interesse para esta pesquisa foram armazenadas em CD e pendrive, com vistas a permitir analisar algumas das imagens presentes nas notícias veiculadas.

Os vídeos que foram capturados e selecionados corresponderam a notícias policiais uruguaias que envolveram adolescentes. Classificamos os vídeos como dados primários porque a implicância do observador como selecionador dos casos é de máxima importância e como dados secundários se relacionaram com jornais que formam parte dos grupos operadores dos meios de comunicação no Uruguai.

O *corpus* foi formado pelas gravações do telejornal Subrayado do Canal 10, do telejornal Telenoche, do Canal 4-Montecarlo TV e do Teledoce, do Canal 12, La Tele, todos de Montevideo, no período compreendido entre 2012 e outubro de 2014. São programas de informação diária, exibidos de segunda a sexta-feira e domingo, no caso do telejornal Subrayado, e de segunda-feira a domingo, no caso dos telejornais

Telenoche e Teledoce. Os programas começavam todos às 19 horas prolongando-se por 1 hora e meia.

Pretendeu-se observar e analisar as representações sociais referidas ao menor infrator e que remetem à constituição identitária do menor.

O seguinte passo foi a transcrição dos fatos de telejornais relacionados com representações sociais dos menores infratores, elencando todos os elementos: texto, arte gráfica, tipos de imagens utilizadas, posições da câmera.

Interessa salientar que na seleção do *corpus* tivemos excessivo cuidado que o mesmo permitisse capturar e processar digitalmente todos os dados com um alto grau de qualidade, deixando claro que o software não pode analisar os dados em lugar do pesquisador, ainda que possa interpor algumas limitações.

O estudo foi organizado em três etapas:

1. A pré-análise, consistente na definição de objetivos, hipóteses e na escolha do *corpus* submetido à investigação. Nesta etapa, procedeu-se simultaneamente à coleta de dados, seleção dos acontecimentos. Este período teve o propósito de quantificar a presença de representações de menores em infração com a lei penal nos telejornais uruguaios. Isto nos permitiu passar do “quanto” ao “que” e ao “como”, é dizer, à exploração das representações sociais, considerando a relevância do acontecimento em relação ao horário de emissão, a qualidade dos temas e repercussões no contexto sociocultural, em termos de reações em nível institucional, como partidos políticos, governo, educativas, etc.

A partir da exploração extensiva, foram selecionados os acontecimentos que envolvem menores em infração com a lei penal de acordo com os seguintes critérios:

- Gravidade segundo o telejornal;
- Repercussões na opinião pública;
- Espaço e tempo destinado pela mídia.

2. A exploração do material, caracterizada pela sua organização, com leituras sucessivas, com a finalidade de organizar os temas encontrados com um olhar atento dos casos, priorizando-se os seguintes tópicos:

- Uma notícia referida a um acontecimento concreto que envolva menores;
- Um mesmo acontecimento seguido ao longo do tempo;

3. A interpretação referencial dos dados e resultados, articulando-os com os propósitos que foram constituídos.

Devemos acrescentar que a análise narratológica se concentra em duas dimensões: história e discurso. Com referência à primeira, a história tem a ver com os acontecimentos (fatos) e personagens, ou seja, “o que acontece a quem”. Por sua vez, o discurso refere a como a história é apresentada, como é comunicada, existe um narrador que relata a história e um destinatário. Nesta dimensão o importante é como o narrador dá a conhecer ao destinatário o acontecimento, tanto no referido às palavras como à imagem. Aqui interessa saber o “como se conta”, a atenção está posta sobre o ponto de vista, é dizer, analisa a relação entre o narrador e os acontecimentos narrados e sua representação, já que os mesmos acontecimentos podem adquirir diferentes significações de acordo a posição do narrador.

É importante saber que perspectiva adota o narrador com respeito ao mundo narrado, é dizer, se adota o estatuto de personagem ou somente narra desde fora, em outros termos, o apresentador se apropria da história, adotando uma postura narrativa heterodiegético ou homodiegético, é dizer, conta a história em terceira pessoa, desde o exterior, ou está dentro da história, protagonizando-a ao usar a primeira pessoa do singular, narrando desde um ponto de vista subjetivo e parcializado ao afirmar, ou adota as duas perspectivas. Estas categorias do narrador estão vinculadas com atributos de subjetividade e de objetividade e, portanto, com o grau de confiabilidade implícito na leitura que cada gênero propõe.

Outro elemento a ter em conta na função narrativa da televisão e neste caso concreto, no telejornal, é o uso da câmera. O uso de distintos tipos de planos dá a pauta de exterioridade ou interioridade do ponto de vista, pois os fechamentos, os enquadramentos enfatizam no emocional e no subjetivo.

Segundo Maronna e Sánchez Vilela (2004) o mundo narrado pode desenvolver-se diretamente através dos personagens em forma de representação (drama) ou mediante as vozes dos narradores (crônica). O primeiro supõe apresentar a ação ou as palavras dos personagens diretamente à audiência (estilo direto), é o modo privilegiado na ficção televisiva e o modo narrativo tem a voz do narrador como intermediária do acontecimento (estilo indireto), é o modo que sobressai no telejornal.

O estudo de todos os itens mencionados possibilitou a identificação das representações sociais sobre a minoridade infratora que circulam na mídia uruguaia, quais são os modelos de identidade que são visibilizados.

Quadro 1: *Corpus* de análise

Reportagens	Emissora e canal	Data de exibição	Síntese da reportagem	Link
A-Assassinato do empregado da Pizzaria La Pasiva.	Canal 12 Telejornal Teledoce	13/05/12	Gastón Hernández, trabalhador da pizzaria La Pasiva de Montevideu é assassinado em um assalto.	< https://www.youtube.com/watch?v=aocZULSmHjU >
B- Possíveis menores homicidas são presos	Canal 10 Saeta Telejornal Subrayado	16/05/12	Detém os presuntos homicidas onde se encontram três menores de idade.	< https://www.youtube.com/watch?v=-PvNVgkGGYc >
C-Menores assassinam uma cachorrinha 1.30	Canal 10 Saeta Telejornal Subrayado	16/10/11	O telejornal captura um vídeo subido a redes sociais onde mostra a morte de uma cachorra a pauladas por três menores na cidade de Nueva Palmira, departamento de Colonia-Uruguai.	https://www.youtube.com/watch?v=BuZDyVcwWzM
D-Entrevista realizada ao Ministro do Interior do Uruguai Sr.Bonomi Duracao: 1.32	Canal 10 Saeta Telejornal Subrayado	11/2011	O Ministro Bonomi fala dos limites que uma sociedade pode suportar: <i>la muerte del perro a palos traspasó los límites.</i>	https://www.youtube.com/watch?v=ckCz21FyJ_g
E. <i>Marcha en Nueva Palmira por la muerte de la perrita, pidiendo justicia.</i> Duracao: 1.24”	Video em redes sociais, mostrando ativistas manifestando por justiça.	20/11/11	Vídeo que circulou nas redes sociais, mostra ativistas manifestando com cartazes pedindo justiça, após que o acontecimento fosse noticiado pelo telejornal.	https://www.youtube.com/watch?v=7SaZ2koZvqs
F. Jovem envolto na <i>matanza de perra</i> , morre. Duracao 1.24”.	Telejornal Subrayado Canal 10, Saeta.	16/11/12	Dá a conhecer a morte do jovem que esteve envolvido na morte da cachorrinha	https://www.youtube.com/watch?v=MMiY4FyOZZI&spfreload=10
G. <i>Liceales atacan a policía por muerte de adolescente rapiñero.</i> Duração: 0.57	Telejornal Subrayado Canal 10, Saeta.	15/06/12	Estudantes do Secundário agredem policial feminina na frente do Instituto de Educação-Liceo 19, Montevideu-,em vingança de um adolescente amigo morto ao querer assaltar um armazém.	https://www.youtube.com/watch?v=zq1U7gfvqcY
H. <i>Almacenero que mató a delincuente quedó en libertad.</i> Duração: 1.25	Telejornal Subrayado Canal 10, Saeta.	02/06/13	Dono de armazém que matou a um menor delinquente, foi liberado pela Justiça.	https://www.youtube.com/watch?v=fJKQ_3f87WA

Fonte: Elaboração do autor

Quadro 2 – Análise da reportagem A (1ª parte)

Tempo	Transcrição do texto	Descrição das imagens	Reprodução frame	Argumento
2” a 11”	<p><i>Legenda: Gastón Hernández, 34 años, trabajador de pizzería, asesinado en labor.</i></p> <p><i>Cabeça:</i></p> <p><i>Apresentadora Un saludo para todas las mamás en su día, aunque claro, algunas no hayan pasado muy bien.</i></p> <p><i>Apresentador: Exacto, estamos todos conmovidos por el asesinato del trabajador de La Pasiva, hecho ocurrido este fin de semana y... indudablemente y claro, por el día de la madre no podemos dejar de pensar que Gastón Hernández tenía 34 años y padre de cinco hijos no, Uno se puede imaginar lo que es el entorno familiar.</i></p>	Telejornal Teledoce: entre bastidores do acontecimento em La Pasiva	 <p>Gastón Hernández, 34 años, trabajador de pizzería, asesinado en labor</p>	Referem-se ao dia das mães para espetacularizar o acontecimento
0.23” a 0.26”	<p><i>Cabeça Apresentador: Uno trata de explicarse que fue lo que ocurrió, porque lo asesinaron, en la forma en que lo mataron este fin de semana en La Pasiva.</i></p>	Os gestos do apresentador complementam a verbaização.	 <p>Gastón Hernández, 34 años, trabajador de pizzería, asesinado en labor</p>	O apresentador se remite ao sentido comum em forma de themata.

Fonte do autor

Tempo	Transcrição do texto	Descrição das imagens	Reprodução frame	Argumento
35” a 44”	<i>Passagem: Presentador: Los delincuentes entraron, uno de ellos pidió una bebida, y sin mediar palabras, vamos a ver a continuación, son imágenes muy fuertes, son imágenes conmovedoras. Sin mediar palabras, le pegaron un balazo y lo mataron. (fez gesto de impotência) Fue así.</i>	O apresentador faz um gesto com a boca de resignação		O apresentador faz um gesto como de resignação com os lábios e com as mãos, apontando para frente, objetiva o acontecimento com a afirmação “ <i>fue así</i> ”. As palavras do apresentador constroem uma realidade que tipifica o atuar dos jovens, produzindo na audiência um sentido e um significado que mimetiza a situação ali mostrada.
45” A 1’	<i>Off 1. El empleado de la Pasiva, identificado como Gastón Hernández de 34 años había comenzado a trabajar hacía tres meses. Era padre de cinco hijos, dos de ellos, las mellizas de ocho meses</i>	O repórter se remete a descrever a vítima e se utiliza a imagem do comércio		Ao descrever a identidade da vítima, a reportagem recorre a ancoragem e a emotividade do espectador.

Quadro 3 - Análise da reportagem B

Tempo	Transcrição do texto	Descrição das imagens	Reprodução frame	Argumento
7" a 17"	<p>Off: <i>Policías de Investigación de la Jefatura de Policía de Montevideo, detuvieron esta mañana a cuatro jóvenes por el asalto de La Pasiva.</i></p> <p><i>Los detenidos son tres menores y un mayor de 19 años de edad.</i></p>	<p>As imagens transmitem o momento em que os detentos são levados a depor na justiça.</p>		<p>Nota-se que a câmera não é neutra.</p>
0.20" A 0.51"	<p>Off... <i>dieron muerte a Hernández de 34 años quién se desempeñaba como planchero en La Pasiva. El fallecido hacía tres meses que trabajaba en el lugar y era padre de cinco hijos, de 9, 7, 4 años y mellizas de 8 meses.</i></p>			<p>A reportagem assinala o singular ao referir-se ao matador “<i>Entre los menores, según la policía, está el menor que disparó y mató a Gastón Hernández,</i>”, seguidamente utiliza o verbo em terceira pessoa do plural “<i>dieron muerte</i>”. Logo faz referência às particularidades e singularidades da vítima “<i>era padre de cinco hijos, de 9, 7, 4 años y mellizas de 8 meses.</i>”</p>

Fonte do autor

Quadro 4. Análise da reportagem C.

Tempo	Transcrição do texto	Descrição das imagens	Reprodução frame	Argumento
1” a 27”	<i>Off. Las imágenes pertenecen a un vídeo subido a internet. (...) 2 menores, de 13 y 15 años matan a palazos a un perro hasta causarle la muerte.</i>	O telejornal captura um vídeo subido a redes sociais onde mostra a morte de uma cadela a pauladas por três menores na cidade de Nueva Palmira, departamento de Colonia-Uruguai		As imagens pertencem ao vídeo subido a internet e mostra como dois adolescentes de 13 e 15 anos, batem em um cão até causar-lhe a morte.
0.31” a 1.30”	<i>Off: los adolescentes le atan el hocico y tratan de introducirlo en una bolsa y comenzaron a pegarle con una maderita. Se escuchan los gritos del animal agonizando. Encerramento El caso pasó a la Justicia.</i>	Mostra dois adolescentes batendo em um cão. A repórter faz questão em dizer que o animal tinha apenas um ano de idade e que enquanto agonizava, gritava.		<i>Dois menores, vestindo roupa de verão, camiseta e short, em uma casa abandonada, batem em uma cadela sem dono, de um ano de idade. O caso passou a Justiça.</i>

Fonte: do autor com bases nas fontes referidas.

Quadro 5: Análise da reportagem D: Declarações do Ministro do Interior, Eduardo Bonomi.

Tempo	Transcrição do texto	Descrição das imagens	Reprodução frame	Argumento
1” a 20”	Ministro do Interior Sr. Bonomi: <i>Lo que sucedió es una muestra de cómo en esta sociedad estamos pasando todos los límites y vamos a una forma de convivencia que esta signado por ese traspasar los límites.</i>	O Ministro do Interior, Sr. Bonomi, abordado por vários repórteres fala sobre os limites traspassados pelos menores em referência a morte do cão.		O Ministro Bonomi, com um tom crítico, reflexiona sob a atitude dos menores, criticando a convivência social.
0.31” a 1.32”	Ministro do Interior, Sr. Bonomi: <i>entonces si todos traspasamos los límites no se puede después reclamar que uno no los traspase y otros los traspase, tendríamos que empezar por tener un criterio mucho más ético de como se manejan las cosas, entonces reclamarles a los demás ese criterio ético y esa forma de hacer las cosas, porque para mi lo que sucedió, es lamentable en Colonia y como se maneja el tema, porque muchas veces planteando que se quiere evitar, la difusión tan profusa y tan comentada, anunciando esto yo no lo quiero hacer, lo voy hacer, ojo, y lo muestra, ayuda a que se siga pasando los límites.</i>	Bonomi, olhando de soslaio para os repórteres, faz duras críticas, desde a ética, a atitudes “difussionistas” dos jornalistas.		O Ministro critica como a mídia abordou a notícia, difundindo em forma profusa, comentada, colaborando com que os limites continuem sendo perpassados.

Fonte do autor

Quadro 6: Análise da reportagem E. Ativistas em N. Palmira pedem justiça pela morte do cão.

Tempo	Transcrição do texto	Descrição das imagens	Reprodução frame	Argumento
1” a 1.24”	Pessoas e ativistas levando cartazes, reclamam por justiça pela morte da cadela, após que o acontecimento fosse noticiado pela mídia	Pessoas, homens e mulheres, manifestam em Nueva Palmira portando cartazes com as consignas de <i>Por um Uruguay sin maltrato animal e Justicia.</i>		Nota-se a movimentação de ativistas em Nueva Palmira logo que a mídia difundiu a morte da cadela.

Fonte do autor

Quadro 7: Análise da reportagem F. Jovem envolto na morte da cadela morre.

Tempo	Transcrição do texto	Descrição das imagens	Reprodução frame	Argumento
1'' a 1.24''	<p><i>Off: Kevin fue señalado como uno de los tres autores de la matanza a palos de una perra en Nueva Palmira el 12 de noviembre del año pasado. La justicia lo había involucrado en el hecho que fue ampliamente difundido a través de las redes sociales, generando una fuerte indignación por la alarma pública que generó este caso. Miles de personas, (...) pidieron una condena social del caso y divulgaron los nombres de los jóvenes, alentando castigos severos en las redes sociales. Un año después, el joven de 15 años falleció. (...) El padre del joven (...) contó que su hijo recibió varias amenazas en el último año y que no había presentado descompensaciones hasta que volvió a ver el tema en los medios. Esta semana a través de Facebook comenzó a circular un afiche en el que figuraban las fotos y nombres de los implicados (...) bajo el lema No olvidamos ni perdonamos.</i></p>	<p>A reportagem começa mostrando as imagens da morte do animal, logo imagens de arquivo com mobilizações em protesto pelo caso, ato seguido mostra o Sanatório privado Médica Uruguaya onde esteve internado o menor, o que significa que pertencia a uma família acomodada. Por último mostra as fotografias dos menores implicados na caso com a legenda: <i>No olvidamos ni perdonamos.</i></p>		<p>A mídia insistiu em apresentar as mobilizações e as fotografias dos menores como também a legenda. A matéria se remete ao passado, ao presente e ao futuro.</p> <p>Faz referência a que o fato gerou alarma pública, indignação, e que o jovem tinha sido alvo de ameaças.</p>

Fonte do auto

Quadro 8: Análise da reportagem G: Estudantes de secundária agriem policial pela morte de um adolescente amigo, ladrão
 Fonte: do autor em base as fontes referidas.

Tempo	Transcrição do texto	Descrição das imagens	Reprodução frame	Argumento
1'' a 18''	G. Telejornal Subrayado Canal10 Saeta Liceales atacan a policia por muerte de adolescente rapiñero. 15 de junho de 2012	A reportagem começa focando na frente do Instituto Secundário, ressaltando o escudo nacional		Estudantes do Secundário agriem policial feminina na frente do Instituto de Educação - Liceo 19, Montevideu-, em vingança de um adolescente amigo morto ao querer furtar um armazém.
21'' A 57''	As imagens mostram um corpo com uma capa por cima, supostamente, do adolescente morto.		 	

Quadro 9: Comerciante que matou um adolescente de 16 anos em um roubo, foi liberado pelo juiz.

Tempo	Transcrição do texto	Descrição das imagens	Reprodução frame	Argumento
1“ a 11”	<i>La jueza dejó en libertad al almacenero de 40 años que mató al adolescente de 16 años cuando éste intentó robar su almacén.</i>	O telejornal mostra a sede do edifício judicial, onde se observa o escudo e a bandeira uruguaia.		
.21” A .30”	<i>Allegados a la familia dijeron que es la sexta vez que el almacén es rapiñado por delincuentes de la zona.</i>	Mostra o armazém com grades nas aberturas.		
1.05” a 1.25”	<i>La ventana del comercio evidencia el intercambio de disparos. El menor de 16 años fue abatido por el comerciante y los otros tres lograron escapar.</i>	Mostra um orifício na janela presumivelmente feito no enfrentamento com armas de fogo.		

Fonte

do

autor

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Prosseguimos agora com a análise dos elementos selecionados para reflexão acerca da apropriação do telejornal com vistas à construção das representações do menor infrator no conjunto de reportagens selecionadas para o estudo. Apresentaremos elementos constitutivos da textualidade das matérias, buscando articular esse material com o referencial teórico apresentado anteriormente.

4.1 ASSASSINATO DO EMPREGADO DA PIZZARIA LA PASIVA

A reportagem A foi realizada pelo telejornal *Teledoce*, do Canal 12, *La Tele* no dia 13 de maio de 2012. Em referência ao código icônico, o plano é, primeiramente, um plano geral quando mostra os dois apresentadores, um homem franqueado por uma mulher, e seguidamente, um *close-up*, centrado no rosto do apresentador, o plano se traslada para um meio curto (PMC), pois vai acompanhado de um alto conteúdo dramático e emotivo pela expressividade do apresentador. Conforme se pode recordar dos quadros anteriores:

Passagem: Apresentador: ...no podemos dejar de pensar que Gastón Hernández tenía 34 años y padre de cinco hijos no, Uno se puede imaginar lo que es el entorno familiar.

Cabeça: Apresentador: Uno trata de explicarse que fue lo que ocurrió, porque lo asesinaron, en la forma en que lo mataron este fin de semana en La Pasiva.

Passagem: Apresentador: ...vamos a ver a continuación, son imágenes muy fuertes, son imágenes conmovedoras, (fez gesto de impotência) Fue así.

Off.1. El empleado de la Pasiva, identificado como Gastón Hernández de 34 años había comenzado a trabajar hacia tres meses. Era padre de cinco hijos, dos de ellos, las mellizas de ocho meses³⁶

Trata-se de uma reportagem que no gênero telejornalístico encaixa na referente a *notas cobertas* (BRAIGHI, 2013), pois é um relato, que se bem não é objetivo do acontecimento, dispõe de informação visual relativa ao assalto e assassinato de um

³⁶ Passagem: Apresentador: ... não podemos deixar de pensar que Gaston Hernandez tinha 34 anos e era pai de cinco filhos, não. Não se pode imaginar o que é o ambiente familiar.

Cabeça: Apresentador: A gente tenta explicar o que aconteceu, porque ele foi morto, na forma como ele foi morto neste fim de semana em La Pasiva.

Passagem: Apresentador: ... veremos a seguir, são imagens muito fortes, são imagens comoventes (fez gesto de impotência). Foi assim.

Off.1. O empregado da Passiva, identificado como Gaston Hernandez de 34 anos tinha começado a trabalhar há três meses. Ele era o pai de cinco filhos, dois deles, as gêmeas de oito meses. (A tradução é minha).

trabalhador. Em referência ao assunto tratado, é matéria quente, classifica-se em factual, pois requer divulgação imediata, não só pela atualidade, mas também pelo impacto sobre o público.

A cabeça, correspondente ao *lead*, é lida pelos apresentadores ao vivo e está formada pelo plano geral, mostrando os dois apresentadores que dialogam como se estivessem, segundo Goffman (1981), na região posterior, onde habitualmente se preparam para a interação de máxima formalidade, são espaços “entre bastidores”, onde o diálogo se torna mais relaxado. “*Apresentadora: Un saludo para todas las mamás en su día, aunque claro, algunas no hayan pasado muy bien.*”

A continuação, o apresentador - homem - entra em cena com uma linguagem mais formal, há um fechamento sob o rosto do apresentador, há um *close-up*, simbolizando uma mudança de tratamento ao telespectador. Apela à emotividade ao fazer referência às características do trabalhador, idade, pai e família. O apresentador se apropria da história, adotando uma postura narrativa por momentos *heterodiegético* e em outros momentos *homodiegético*, é dizer, conta a história em terceira pessoa, desde o exterior, mas, por momentos, também está dentro da história, protagonizando-a ao usar a primeira pessoa do singular, narrando desde um ponto de vista subjetivo e parcializado ao afirmar: Apresentador: “*Uno trata de explicarse que fue lo que ocurrió, porque lo asesinaron, em la forma en que lo mataron este fin de semana en La Pasiva.*”

O apresentador se remete ao sentido comum em forma de *themata*, conceito que em páginas posteriores se abordará. A comunicação verbal vai acompanhada da transmissão de informação através dos movimentos corporais, com gestos e expressões faciais. Há um significado conotativo ao apelar para uma carga emotiva com sentido, compartilhada e interpretada de forma similar pela sociedade uruguaia. Isto é possível porque, segundo Guimelli (2004), a função primordial das representações sociais é a interpretação da realidade, relacionando-se com esta através da criação de símbolos e significados. Aprofunda-se esta relação desde o momento que o apresentador vincula o fato com o contexto social em que as pessoas que fazem as representações sociais estão inseridas, portanto se detecta a ideologia, as normas e valores dos indivíduos, instituições e grupos de filiação e referência. Enfatiza-se no coletivo e na compreensão da realidade social a partir de sua construção social, ao apresentador recorrer à frase “*Uno se puede imaginar lo que es el entorno familiar.*”

Aqui nota-se a vinculação com o processo de objetivação, no sentido que a dor causada na família do trabalhador assassinado pode ser apreendida na medida em que a

objetivação está incrustada, alojada e edificada em um saber comum, compartilhado por um grupo ou uma coletividade. Em definitiva, é “...reproducir un concepto en una imagen” (JODELET, 1993, p. 35).

Simultaneamente, as câmeras do estúdio fecham a imagem em primeiro plano no apresentador, para criar um grau maior de intimidade e ratificar a promessa e o pacto com a audiência.

As imagens marcam e limitam a narração, o motivo se encontra em que as imagens são a base do êxito da televisão, são o que a gente lembra logo de ter visto uma boa matéria ou notícia televisiva. Nesse sentido, lembramos que “*Si las palabras del periodista no acompañan a la imagen o luchan contra ella, el texto informativo pasará desapercibido*” (OLIVA; SITJÀ, 1999, p. 127).

Nota-se que há uma relação entre a voz em *off* ½ e as imagens, cujo efeito é manter a atenção do público. Sempre que as imagens vão unidas ao texto e não resultam forçadas, a mente as codifica rotineiramente e deste modo se facilita a retenção do conteúdo verbal recopilado simultaneamente.

O anterior se observa notoriamente quando a reportagem focaliza, mediante círculos, os corpos dos assaltantes e do trabalhador ferido, produzindo maior atenção por parte de telespectador.

Percebe-se que aqui a relação *off* e imagem tem uma ordem lógica de maneira que cumpre com as expectativas do espectador, pois em *off* nota-se que se refere a determinadas pessoas, que, ao mesmo tempo, as imagens mostram essas pessoas e não outras, portanto, a forma em que o ato violento é exibido revela uma tentativa de trabalhar, banalizando o trágico na vida cotidiana atual (SODRÉ, 2002), mas também e, em forma complementar, a agressividade é mostrada como parte de uma teatralidade monstruosa, “*discursivamente escenificados funcionan(do) como objeto fóbico capaz de circunscribir aquella representación específica de la angustia generalizada en vista de la destrucción social*” (MORIGI, et al, 2005, p. 99, grifo do autor).

Conforme Sá (1998, p. 69-71), é explícito ao referir-se à objetivação, ele a toma como exigência original quanto aos processos formadores das representações, bastante atenuada atualmente, no sentido que a pesquisa deve ser feita, porque talvez seja mais viável evidenciá-la nos meios de comunicação de massa, já que, além de constituírem fontes de formação das representações na contemporaneidade, é especialmente na televisão que “melhor se configura a tendência à concretização das ideias em imagens” (1998, p. 71).

Além disto, salienta Jodelet (1993), que através do processo de ancoragem,

A representação e seu objeto estão enraizados na sociedade, ou seja, há uma integração cognitiva ao quadro de referência conhecido pelos sujeitos e, por sua vez, as representações tornaram-se ferramentas socialmente úteis para a comunicação e compreensão. Simplifique-mos, ancorar uma representação é conectar as suas raízes no espaço e no contexto social, ou seja, vinculá-lo, enraizá-lo aos seus valores, crenças, costumes preexistentes ao grupo social de onde a representação social saiu, articulando, em cada representação feita por um grupo social, o novo com o velho. (JODELET, 1993, p. 381, tradução nossa).³⁷

Deve-se adicionar que a ancoragem aporta ao sujeito a certeza de pertencer a um grupo e, porém, de encontrar seu lugar, portanto as representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligados à inserção social dos sujeitos e grupos intermediados por relações sociais que “organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (SÁ, 1998, p. 75), ou seja, a ancoragem se encontra diretamente relacionada à classe social que atua em um campo social, o que permite afirmar o proposto por Doise, W. et al (1995 apud SÁ, 1998, p. 76)³⁸ que “nós não compramos um jornal (não vemos um telejornal), mas um princípio gerador de tomadas de posição”. Pela ancoragem, a reportagem coloca aos delinquentes à margem da sociedade.

O aspecto anteriormente assinalado evidencia-se na afirmação do apresentador *Fue así*, e que dá passo ao vídeo tape. Com a frase “foi assim”, o apresentador naturaliza a realidade, remete-se ao senso comum pendurado com prendedores de roupa, tematizando-o e ao mesmo tempo, objetivando-o. O apresentador faz um gesto como de resignação com os lábios e com as mãos, apontando para frente, objetiva o acontecimento com a afirmação “*fue así*”.

As palavras do apresentador constroem uma realidade que tipifica o atuar dos jovens, produzindo na audiência um sentido e um significado que mimetiza a situação ali mostrada, ao mesmo tempo coisifica a realidade ao estabelecer e sustentar, ao representar um estado de coisas, que é histórico e transitório, como se fosse permanente, natural, *ahistórico*. O apresentador ao retratar o acontecimento como coisa, naturaliza-o,

³⁷ No original: “*la representación y su objeto se enraízan en la sociedad, o sea, hay una integración cognitiva al marco de referencia conocido por los sujetos y a su vez, las representaciones se convierten en instrumentos socialmente útiles para la comunicación y la comprensión. Simplifiquemos, anclar una representación consiste en conectarla a sus raíces en el espacio y en el contexto social, es decir, vincularlo, enraizarlo a sus valores, creencias, costumbres preexistentes al grupo social de donde la representación social salió, articulando, en cada representación realizada por un grupo social, lo nuevo con lo antiguo*”.

³⁸ DOISE, W. et al (1995) In SÁ. C. P. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 1998.

encobrendo seu carácter social e histórico, tratando a ação dos adolescentes como um resultado inevitável, devido as suas características naturais.

A imagem que ilustra o acontecimento se ergue em garantia da verdade, como sustento da objetividade jornalística. A imagem-acontecimento *fue así* diz “isto passou”, mostra-se como prova e testemunha por indexicalidade da realidade de seu objeto, alimentando a crença de que algo é real pelo simples fato de ser focalizado pela câmera. Esse caráter de indexicalidade outorga valor de transcrição da realidade.

De acordo com R. Barthes (1982), a imagem-acontecimento, igual que a fotografia, “*no puedo negar nunca que la cosa ha estado allí. Hay una doble posición conjunta de realidad y de pasado*” (apud DUBOIS, 1986, p. 45)³⁹.

O indício do assassinato somente assinala o que ocorreu mas não afirma, portanto, ao não alcançar a reprodução da realidade deve despertar-se

[...] a urgência da procura de sentido. Esta é a função da mensagem emitida pelo jornalista acompanhando a imagem. Assim, eles combinam as duas estratégias de dominação da realidade: reprodução e comentário (SANCHEZ VILELA, 1997, p. 62, tradução nossa).⁴⁰

Na imagem móvel, o analógico não se limita somente ao espaço, também abarca o tempo. O espectador recebe o desenvolvimento do acontecimento, mesmo quando se trata de um sucesso passado, como no caso do assassinato do trabalhador. O movimento de ataque que sugere insegurança, tem um efeito atualizador sobre o espectador, “*intensificando así la función de prueba de la imagen*” (SÁNCHEZ VILELA, p. 66), provocando um impacto emocional no espectador, e ao mesmo tempo, intranquilizador, porque o acontecimento era apresentado como não concluído, propondo a virtualidade presente da violência através da mensagem “como aconteceu com ele, pode suceder comigo”, portanto não se diluía o efeito do passado.

Boa parte da comunicação interpessoal não se dá apenas pela fala, mas, sobretudo, por meio dos gestos. Desta forma, os movimentos corporais configuram-se como uma estratégia discursiva que transforma o objeto corpo em linguagem. Assim, no jornalismo como na publicidade, a figurativização do corpo é um elemento central

³⁹ Barthes, R. (1982) DUBOIS, Philippe, El acto fotográfico. De la Representación a la Recepción, Barcelona: Paidós Comunicación, 1986, p. 45.

⁴⁰ No original: “*la urgencia de la búsqueda de sentido. Esa es la función del mensaje que emite el periodista acompañando a la imagen. Se combinan así las dos estrategias de dominación de la realidad: la reproducción y el comentario*”

devido à importância que a imagem possui na linguagem televisiva. Pode-se observar que o apresentador mostra-se irritado com alguns fatos na maneira de dar ênfase a determinadas notícias ou em comentários emitidos por ele, além de tentar mostrar aos telespectadores que ele também se indigna com os problemas sociais:

Off.1. El empleado de la Pasiva, identificado como Gastón Hernández de 34 años había comenzado a trabajar hacía tres meses. Era padre de cinco hijos, dos de ellos, las mellizas de ocho meses

Ao descrever a identidade da vítima, a reportagem recorre à ancoragem, à objetividade e, ao mesmo tempo, também, à emotividade do espectador. Os adolescentes, nos acontecimentos selecionados para este estudo, são representados como um ente cuja personalidade se apresenta como rebelde, desordeiro e criminoso. A idéia de uma pessoa em condições peculiares de desenvolvimento e, por isso, circunstancialmente em conflito com a lei, parece não se adequar ao imaginário social e jurídico que se construiu em relação ao adolescente.

Sua forma de vestir, com bonés com a aba achatada ou jaqueta com capuz como pretendendo ocultar o rosto, calças de cintura baixa e folgada ou bermudas shorts, tênis de marca como forma de distinção, carregando armas de fogo na mão ou algum outro objeto, junto a movimentos violentos e agressivos, constroem um processo de objetivação que caracteriza o adolescente infrator como portador de características negativas, já que, desde o ponto de vista da estratificação social, é representado como pertencente à classe social pobre apesar de que jamais fazem referência a sua origem social como aos seus familiares. “Dessa forma, o adolescente vira ‘papel’, ou melhor, ‘processo’ e no processo se torna ‘réu’, ‘delinqüente’, ‘criminoso’” (M.L. SILVA, 2005).

Sintetizando, a objetivação é o processo pelo qual a informação se transforma e conecta a uma imagem-representação e a ancoragem é o processo pelo qual se atualiza a objetivação. Esta atualização é social já que supõe enraizamento cultural, político, econômico, social e ideológico, mas em benefício de um grupo, aquele grupo hegemônico em algumas destas dimensões, ou seja, que se produziu uma “conversão” com respeito ao pensamento de origem.

Deve-se lembrar que as representações sociais estão "socialmente determinadas" (RODRIGUEZ; GARCIA, 2007, p 52) e, portanto, desempenham um papel fundamental: a posição social e ideológica daqueles que a usam, o que nos leva a crer

que as práticas sociais que são externalizadas através de comportamentos desejáveis, facilitam a comunicação entre os membros, proporcionando-lhes um código com o qual nomeiam e classificam aspectos do mundo da vida uma vez que é guiada por sistemas de comunicação que são parte de um sistema cultural e social, que sempre está apoiado por um grupo de indivíduos que expressam aspectos emocionais que estão ligados as diferentes posições sociais e suas distintas práticas sociais, como liberal, autoritário, conservador, reacionárias, conformista, etc.

Acreditamos que o apresentador ocupa este lugar por sua posição social e ideológica, e, portanto, produz sentido. Por exemplo, expressões como: *“fue así”, “baja de la edad de imputabilidad”, “enrejamiento como salida a la inseguridad”, “dispositivo saturación”, “que los militares patrullen”, “no voy a delinquir más”, “Uno trata de explicarse que fue lo que ocurrió, porque lo asesinaron, en la forma en que lo mataron”*⁴¹ só podem ser entendidas na medida em que estão ligadas a sistemas de filiação, de habitus de classe, poder e meios de comunicação que transmitem e reproduzem no conteúdo de suas mensagens, modelos sociais, estereótipos, destinadas a assegurar a ordem social através de um esquema de controle social. Estas formas simbólicas produzem sentidos.

Já a análise da ideologia trata das maneiras como esses sentidos são utilizados para produzir e reproduzir certas relações de poder. Nos termos formulados por Thompson (1995), que diz ter dela uma concepção crítica, ideologia são “as maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas”, ou nas palavras mais categóricas do próprio autor, “relações de dominação”. “Ideologia – segue Thompson –, falando de uma maneira mais ampla e ao mesmo tempo categórica, é sentido a serviço do poder” (p. 16). Este conceito se refere aos “usos sociais das formas simbólicas”, ou seja, ao questionamento sobre como “as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas” (THOMPSON, 1995, p. 18).

Deve-se levar em consideração que “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos” (ORLANDI, 2001, p. 29-30), mas os

⁴¹ “assim foi”, “redução da idade de responsabilidade criminal”, “gradeamento como saída para a inseguridad”, “dispositivo saturação”, “a patrulha militar”, “Eu não vou cometer crimes de novo”, “Um tenta explicar o que foi que aconteceu, porque ele foi morto, e como ele foi morto”. (A tradução é minha).

sentidos também se encontram nas condições de produção que incluem o contexto sócio histórico, ideológico e em relação à memória, ou seja que deve existir uma correspondência entre o pensamento social - as representações- e as práticas sociais da população estudada, ao que se adiciona a “relevância cultural” (SÁ, 1998, p. 50) em termos de práticas socioculturais.

Seguidamente, passamos a analisar a reportagem em *off* 2: O repórter descreve o assalto e o homicídio, ancorando-se nas imagens capturadas pelas câmeras de segurança do local, fazendo alusão às identidades dos assaltantes, salientando a palavra “jóvenes”, categorizando, homogeneizando, estereotipando e construindo um *enclasmiento*⁴². Uma primeira análise da poética do telejornal pode ser denominada como objetivista, ou seja, que pretende mostrar-se objetiva e imparcial e tem por função neutralizar ou atenuar ao máximo a condição político-social que oculta toda enunciação. Segundo Sandino Núñez (2010, p. 156/157), vive-se em uma *cultura-cámara*, onde prevalece o olho como sentido primordial. O olho é o único sentido que separa, mantém distância do objeto percebido, portanto, é o mais apto para exercer o domínio. Assim, o sujeito é um olho, ou melhor, uma câmera: um simples dispositivo de registro do mundo, dos objetos.

Mas o olho não se vê a si mesmo, não reflete sobre si próprio. A câmera é um dispositivo de registrar e mostrar, mas não de intervenção, não deve julgar, não deve interpretar, mas neste acontecimento narrado a câmera está exposta.

Parece real "já não se refere a “não parece ser filmado”. A equação se inverte radicalmente: é real porque é, ou parece filmado. (...) O espectador assiste agora a uma espécie de realismo de segundo grau: não é a neutralidade expositiva da cámara mas sua efetividade descontrolada e histórica que me faz confiar na autenticidade do que é mostrado. (SANDINO NÚÑEZ, 2010, p. 156-157).⁴³

Nas palavras de Veronese e Guareschi (2006, p. 88, grifo dos autores), “ao realizar a análise sócio-histórica, reconstituímos as condições sociais de produção, circulação e recepção das formas simbólicas”. É a isso que Thompson (1995, p. 363), chama de “contextualização social das formas simbólicas”, sua ancoragem sócio-

⁴²Segundo P. Bourdieu (2012) podemos dizer que é a força que organiza e reconstrói junto com a distinção de classe, o domínio do campo linguístico, como um espaço social em conflito. A apropriação desigual dos atributos (capital econômico , simbólico , cultural e social) , é o *enclasmiento*, a classificação de posições , por onde se manifestam diferentes gostos. Dependendo da posição social que uma pessoa tem na sociedade, haverá um *enclasmiento* frente a outros da mesma sociedade.

⁴³ No original: “Parece real” ya no remite a ‘no parece filmado’. La ecuación se invierte en forma radical: es real porque es, o parece filmado. (...) el espectador assiste ahora a una especie de realismo de segundo grado: no es la neutralidad expositiva de la cámara sino su afectividad descontrolada e histórica lo que me hace confiar en la autenticidad de lo que se muestra”.

histórica, sem a qual qualquer análise da construção de sentidos na vida social fica à deriva. Na dimensão analítica sócio-histórica, contempla-se, a um só tempo, “tanto uma interpretação dos padrões de significado incorporados pelos sujeitos como uma análise das implicações de poder e conflitos a eles subjacentes, através da atenção aos modos de operação da ideologia” (VERONESE; GUARESCHI, 2006, p. 88).

4.2 POLICÍAS DE INVESTIGACIONES DE LA JEFATURA DE POLÍCIA DE MONTEVIDEO, DETUVIERON ESTA MAÑANA A CUATRO JÓVENES POR EL ASALTO DE LA PASIVA

A análise da reportagem B registra a atividade policial e a detenção dos menores. Ela foi realizada pela repórter Carolina García de Subrayado, Canal 10.

Off: Policías de Investigaciones de la Jefatura de Policía de Montevideo, detuvieron esta mañana a cuatro jóvenes por el asalto de La Pasiva. Los detenidos son tres menores y un mayor de 19 años de edad. Entre los menores, según la policía, está el menor que disparó y mató a Gastón Hernández, el trabajador de la Pasiva muerto en el robo...dieron muerte a Hernández de 34 años quién se desempeñada como planchero en La Pasiva. El fallecido hacía tres meses que trabajaba en el lugar y era padre de cinco hijos, de 9, 7, 4 años y mellizas de 8 meses.⁴⁴

As imagens transmitem o momento em que os detentos são levados a depor na justiça. Primeiramente, a reportagem assinala o singular ao referir-se ao matador “*Entre los menores, según la policía, está el menor que disparó y mató a Gastón Hernández,*”, seguidamente, utiliza o verbo em terceira pessoa do plural “*dieron muerte*”. Logo faz referência às particularidades e singularidades da vítima “*era padre de cinco hijos, de 9, 7, 4 años y mellizas de 8 meses.*”

Acreditamos que o enunciado é muito claro ao tratar de *enclassar* aos menores como monstros perigosos, ao referir-se que entre os menores, segundo a polícia, encontrava-se o menor matador e, logo, na fala “*dieron muerte*”, a categoria menor é abrangente, sem distinção alguma. Há uma tematização que facilita a comunicação com a audiência ao classificar os menores como assaltantes e assassinos confrontando-os

⁴⁴ Off: Policía de Investigaciones da delegacia de Montevideu, prendeu, nesta manhã, quatro jovens pelo assalto de La Pasiva.

Os detidos são três menores e mais um de 19 anos de idade. Entre os menores, segundo a polícia, está o menor que atirou e matou a Gaston Hernandez, o trabalhador da Pasiva morto em o assalto ... Mataram Hernandez, de 34 anos que se desempenhava atendendo no mostrador da Pasiva. O falecido trabalhou por três meses no local e era pai de cinco filhos, 9, 7, 4 anos e gêmeas de 8 meses. (A tradução é minha).

com o trabalhador morto, proporcionando um código com o qual os telespectadores nomeiam e classificam aspectos do mundo da vida.

4.3 MENORES MATAM A PAULADAS UMA CADELINHA

As imagens mostradas no telejornal na reportagem C pertencem a um vídeo que foi obtido na internet, mais precisamente, da rede social Facebook, de onde foram capturadas. Observa-se que duas pessoas, com vestimenta de verão (camiseta e short) tentam colocar um cão em um saco. Ato seguido, começam a maltratar o animal com um pedaço de madeira, até imobilizá-lo, outra pessoa registra o crime de maus tratos. O quadro 4 sintetiza o acontecimento.

A reportagem, toda em *off*, como é explicado no quadro 4, informa que são dois menores de idade, de 13 e 15 anos, que matam um cão a pauladas. A repórter faz questão de estabelecer que se tratava de uma “*perrita de apenas um año*”, recorrendo ao sexo, talvez pela sua condição de reprodutora e pela idade, em certa forma, fazendo uma simetria com o ser humano. O acontecimento ocorre na pequena cidade de Nueva Palmira, com apenas 9.857 habitantes (INE, 2011) localizada no departamento de Colônia-Uruguai, ao noroeste, e a 100 quilômetros da cidade capital, *Colonia del Sacramento*.

É uma reportagem que no gênero telejornalístico encaixa na referente a notas cobertas (BRAIGHI, 2013), pois é uma crônica, que trata de transmitir uma perspectiva objetiva do acontecimento, dispõe de informação visual relativa à morte de um animal por parte de dois menores de idade. Em referência ao assunto tratado, é matéria quente e se classifica em factual, pois requer divulgação imediata, não só pela atualidade, mas também pelo impacto sobre o público.

A notícia trata de sensibilizar o espectador ao dizer que “*se escuchan los gritos del animal agonizando*”, remetendo-se à emotividade, à piedade e ao monstruoso. O discurso construído ao redor dos menores se alinha ao conceito de anormal foucaultiano, entendendo por normalização, ao estabelecimento de medidas, hierarquias e regulações em torno da ideia de uma norma de distribuição estadística, dentro de uma população determinada, a ideia do juízo baseado no que é normal e anormal, é dizer, que classifica as pessoas em função de seu grau de adaptação a um padrão.

O meio de comunicação não ficou desligado dessa rede carcerária, ao contrário, foi incluído através de seu discurso de controle e disciplinamento, geralmente

mostrando qual é a conduta desejada em contraposição com a conduta que comete a infração, portanto, limita a conduta, decidindo o que é aceitável, de acordo com a ideologia da classe social dominante. É um poder sutil que funciona internamente no transgressor e consolida as categorias de normalidade em detrimento das outras.

Esta relação fica clara no discurso sodreriano do poder panóptico em referência à televisão, pois esta reflete a problemática da violência como efeito de poder, um fenômeno social. O telespectador, não mais envolvido numa situação de diálogo, está numa situação que privilegia uma atitude de voyeurismo, e o poder, aí, torna a ressaltar-se como um poder panóptico invertido. Esse poder panóptico, tecnoburocrático, refere-se a um poder disciplinar, que, para Sodré, atingiria com a televisão o seu “mais bem acabado momento técnico na comunica o social” (SODRÉ, 1977, p. 17).

Essa abstrac o operacional do código tele tecnológica estaria justamente nessa forma de media o da mensagem, consequência da conversão de falante/ouvinte para emissor/receptor, o que caracteriza fonte de poder da ideologia.

Essa ideologia, cuja fonte de poder está na força de “abstrair o sujeito que fala e substituí-lo logicamente por outros sujeitos ou categorias (quadros de pensamento) também substituíveis” (SODRÉ, 1983, p.182), implica dissolu o da socialidade tradicional, onde, aí sim, acontece a troca simbólica, operam as representa es sociais mediante os processos de tematiza o, objetiva o e ancoragem. Com a tevê, porém, temos uma simula o das formas simbólicas de origem, cujo efeito modernizante do meio técnico tem a ver com essa abstrac o do poder panóptico: “a forma de poder exercido pela tevê decorre de sua absoluta abstrac o com respeito   situa o concreta e real da comunica o humana. Nesta abstrac o baseia-se o controle social do diálogo” (SODRÉ, 1977, p. 22).

Mas, para Sodré, essa “absoluta abstrac o” não   flagrada pelo telespectador. Dirigida ao núcleo familiar, a televisão “fala” a linguagem coloquial. Um monólogo controlável, um efeito de poder na dimensão da linguagem, sem apresentar-se como tal, pois interpela a consciência do sujeito como se dividisse com ela o espaço familiar: “a tevê escamoteia, através do envolvimento familiar, a sua condi o de veículo eletr nico vinculado a um sistema produtor de mensagens cujo verdadeiro estatuto   o da expropria o da palavra do público” (SODRÉ, 1977, p. 59).

Para concluir, este trabalho considera que administrar “a informa o   um modo de organizar, [...] o espaço social contemporâneo. Isto implica dissolu o da socialidade

tradicional, hibridação de formas sociais convenientes e montagem de novos dispositivos de controle” (SODRÉ, 1992, p. 80).

Nota-se uma conexão com a *themata* ao salientar a condição do animal - sem dono, fêmea, muito nova, grita enquanto agoniza - contrastando com a dos menores-três, maltratam, e eles gritavam eufóricos. É um acúmulo de informações que estão acompanhadas de crenças e atitudes.

Por outro lado, observa-se a conexão com o processo de objetivação no momento em que o telejornal se remete ao senso comum, compartilhado por uma coletividade ao reproduzir um vídeo exposto em forma pública por pessoas que consideravam que não tinham feito algo errado e que pudesse alcançar graves consequências para suas vidas.

Segundo Jodelet (1993), o processo de objetivação permite que o objeto possa ser apreendido na medida em que aquela está incrustada, alojada e edificada em um saber comum, compartilhado por um grupo ou uma coletividade, em definitiva, é reproduzir um conceito em uma imagem o que fica bastante explícito na matéria apresentada, já que se configura “a concretização das ideias em imagens” (SÁ, 1998, p. 71).

Além disso, pelo processo de ancoragem, salienta Jodelet (1993), que as representações sociais e seu objeto se enraízam na sociedade de forma que as representações se convertem em instrumentos úteis, tanto para a comunicação como para a compreensão, pois ancorar as representações significa conectá-las com suas raízes no espaço e no contexto social, ou seja

[...] vinculá-lo, enraizá-lo aos seus valores, crenças, costumes preexistentes ao grupo social de onde a representação social saiu, articulando, em cada representação realizada por um grupo social, o novo com o velho (JODELET, 1993, p. 381, tradução nossa).⁴⁵

Acredita-se que a notícia por meio da ancoragem, fez o vínculo com a cultura dominante do povo de Nueva Palmira ao ponto que os menores e suas famílias foram ameaçados tanto pelas redes sociais como pessoalmente.

4.4 DECLARAÇÕES DO MINISTRO DO INTERIOR

⁴⁵ No original: “vincularlo, enraizarlo a sus valores, creencias, costumbres preexistentes al grupo social de donde la representación social salió, articulando, en cada representación realizada por un grupo social, lo nuevo con lo antiguo”.

A reportagem D, sintetizada no quadro 5, na maioria dos aspectos assinalados por Maciel (1995, p. 60), encaixa-se no formato reportagem, pois se bem não cobre todos os requisitos para ser enquadrada em tal formato, há uma predominância do texto, imagens, presença do repórter e do entrevistado, faltando unicamente a presença do apresentador.

Começa com a sonora, ou seja, a entrevista realizada pelo repórter ao Ministro do Interior do Uruguai, Sr. Eduardo Bonomi, em referência à morte do animal analisado no item anterior.

O Ministro, ao discordar do comportamento dos menores, faz uma reflexão pela qual acredita que a sociedade uruguaia caminha a uma forma de convivência marcada pela aceitação da ultrapassagem dos limites.

Ato seguido, o Ministro Bonomi diz:

*[...] entonces si todos traspasamos los límites no se puede después reclamar que uno no los traspase y otros los traspase, tendríamos que empezar por tener un criterio mucho más ético de cómo se manejan las cosas, entonces reclamarles a los demás ese criterio ético y esa forma de hacer las cosas, porque para mí lo que sucedió, es lamentable en Colonia y como se maneja el tema, porque muchas veces planteando que se quiere evitar, la difusión tan profusa y tan comentada, anunciando esto yo no lo quiero hacer, lo voy hacer, ojo, y lo muestra, ayuda a que se siga pasando los límites.(TELEJORNAL SUBRAYADO, Novembro de 2011)*⁴⁶

Bonomi criticou duramente o comportamento ético da mídia ao difundir e comentar em forma constante o sucedido, pois essa atitude “difusionista” não só contribui ao aumento da estigmatização dos adolescentes, como também a atitudes imitativas por parte de outros iguais, o que altera a convivência social. O olhar de soslaio do Ministro Bonomi ao repórter é um sinal de desacordo com a forma que a mídia tratou o tema, como também de sanção moral e ética.

4.5 ATIVISTAS EM N. PALMIRA PEDEM JUSTIÇA PELA MORTE DO CÃO

O formato da matéria E pertence ao gênero jornalismo opinativo “crônica”, pois é aquele gênero que se encontra no limite entre a informação jornalística e a produção literária, que, se bem, remete-se a um acontecimento da realidade, vai além da simples

⁴⁶ Então, se todos transgrediram os limites não podem logo reclamarem que uns não os transgridam e outros sim, deveríamos começar por ter um critério muito mais ético de como as coisas são tratadas, em seguida, repreender os outros que o julgamento ético e essa forma de fazer as coisas, porque para mim o que aconteceu em Colônia, é lamentável e como a questão é tratada, porque muitas vezes pedindo para ser evitado, a divulgação tão profusa e tão comentada, anunciando que isto eu não quero fazer, eu vou fazer, olho, e o exhibe, ajuda para continuar além dos limites. (TELEJORNAL SUBRAYADO, 2011, https://www.youtube.com/watch?v=ckCz21FyJ_g) (A tradução é minha).

avaliação jornalística do real. O cronista projeta para a audiência a visão irônica que tem do acontecimento em um estilo mais livre e recorrendo à linguagem imagética.

Observam-se os ativistas levando cartazes que reclamam por justiça pela morte do animal, após que o acontecimento fosse noticiado na mídia. Os ativistas, tanto mulheres quanto homens, meninos e meninas, protestam pelas ruas de Nueva Palmira, alterando a ordem, a harmonia e a calma que caracterizam qualquer cidade pequena do interior do Uruguai. Os cartazes consignam *Por um Uruguay sin maltrato animal e Justicia*, ao mesmo tempo em que gritam cânticos, onde sobressai a frase “*se va acabar, se va acabar el maltrato animal*”, fazendo um paralelismo simbólico com momentos antes da queda da ditadura militar no Uruguai, quando parte do povo cantava “*Se va acabar, se va acabar la dictadura militar*”, referindo-se não somente à queda dos militares no governo, mas também a sua prisão, muito semelhante ao que exigem como castigo aos menores que mataram o animal.

Nota-se novamente a vinculação com o poder panóptico e normalizador da mídia ao uniformizar a conduta de pessoas, heterogêneas no seu capital cultural, econômico e social, mas ocupando homogeneamente o espaço social, e o campo simbólico, ao manifestarem nas ruas, de forma padronizada.

Por que estas duas matérias fazem parte do trabalho se a morte do animal ocorreu em outubro de 2011 e recém se soube publicamente dela em novembro desse ano, logo que a mídia capturasse o vídeo da rede social, é dizer, se está fora da dimensão temporal considerada neste trabalho?

Porque temporalmente está no limite considerado pelo trabalho, mas também porque sua repercussão vai além de novembro de 2011, pois em 2012, como faz referência na próxima matéria, morre um dos menores protagonistas do acontecimento, e seu pai faz questão de assinalar que sua recaída de saúde foi devida à retomada do acontecimento por parte da mídia.

4.6 MORRE JOVEM ENVOLVIDO NA MORTE DA CADELA

A matéria referente ao Quadro 7 - reportagem F - é uma reportagem que no gênero telejornalístico encaixa na referente a notas cobertas, (BRAIGHI, 2013) pois é uma crônica, que trata de transmitir uma perspectiva objetiva do acontecimento, dispõe de informação visual relativa à morte de um dos adolescentes que esteve envolvido no assassinato da cadelinha. Em referência ao assunto tratado, é matéria quente e se a

classifica como factual, pois requer divulgação imediata, não só pela atualidade, mas também pelo impacto sobre o público.

A matéria em *off* diz que:

Kevin fue señalado como uno de los tres autores de la matanza a palos de una perra en Nueva Palmira el 12 de noviembre del año pasado. La justicia lo había involucrado en el hecho que fue ampliamente difundido a través de las redes sociales, generando una fuerte indignación por la alarma pública que generó este caso. Miles de personas, (...) pidieron una condena social del caso y divulgaron los nombres de los jóvenes, alentando castigos severos en las redes sociales. Un año después, el joven de 15 años falleció. (...) El padre del joven (...) contó que su hijo recibió varias amenazas en el último año y que no había presentado descompensaciones hasta que volvió a ver el tema en los medios. Esta semana a través de Facebook comenzó a circular un afiche en el que figuraban las fotos y nombres de los implicados (...) bajo el lema No olvidamos ni perdonamos.⁴⁷

A reportagem começa mostrando as imagens da morte do animal, portanto há uma reiteração do acontecimento, conectando com a memória da audiência, tratando ao mesmo tempo, de reconstruir uma estrutura de sentimentos, que manifesta desprezo pelo sucedido com o animal.

A morte do adolescente fica em segundo plano desde o momento em que a matéria se centraliza na lembrança em como aconteceu a morte do animal.

A mídia insiste, logo após um ano de ter sucedido o acontecimento, com a repercussão que teve o mesmo, gerando mobilização e indignação pelo alarme público que gerou o acontecimento, não só no povo de Nueva Palmira, mas também em outras localidades tanto dentro como fora do Uruguai.

Quero salientar que o alarme público não foi gerado pelo crime, mas sim pelo tratamento feito pela mídia, apresentando os menores como monstros perigosos que deveriam ser severamente castigados.

A matéria mostra seguidamente imagens de arquivo com mobilizações em protesto pelo caso e, ato seguido, mostra o Sanatório privado Médica Uruguaya onde esteve internado o menor, o que significa que pertencia a uma família acomodada,

⁴⁷ Kevin foi designado como um dos três autores da morte de uma cadela em Nueva Palmira, em 12 de novembro do ano passado. A Justiça o tinha envolvido no fato de que foi amplamente divulgada através de redes sociais, gerando forte indignação pelo alarme público que gerou este caso. Milhares de pessoas, (...) pediram uma condenação social do caso e informou os nomes dos jovens, incentivando punições severas em redes sociais. Um ano mais tarde, o menino de 15 anos morreu. (...) O pai do jovem (...) disse que seu filho recebeu várias ameaças no ano passado e não tinha tido descompensações até que ele voltou para visualizar o tópico nos meios de comunicação. Esta semana através do Facebook começou a circular um cartaz que continha as fotos e os nomes dos envolvidos (...) sob o lema Não esquecer nem perdoar. (TELEJORNALSUBRAYADO, <https://www.youtube.com/watch?v=MMiY4FyOZl&spfreload=10>).

contrastando com as circunstâncias em que foi morto o animal, uma morte bárbara, versus uma morte civilizada.

É um típico caso de *themata*, lembrando que segundo Gerald Holton, a mesma é “*aquellos prejuicios fundamentales de una índole estable y sumamente difundida que no son diretamente resolubles ni derivables a partir de la observación y del raciocinio analítico*” (RODRÍGUEZ SALAZAR, 2007, p. 172-73) ou seja, se bem são algo que não se vê, podem ser sentidos ou inventados, colocando-os como se fossem verdade, formando parte da realidade na construção do conhecimento. Operam como “prendedores de roupa” onde está pendurado o senso comum para representar conteúdos não familiares, tornando-se uma representação para um grupo ou para uma comunidade, ao ser ancorado em uma rede de significados.

A matéria encerra mostrando os rostos dos adolescentes implicados no evento, em uma situação muito semelhante a uma caça de bruxas com a legenda: *No olvidamos ni perdonamos*.

4.7 ESTUDANTES DO SECUNDÁRIO AGRIDEM POLICIAL PELA MORTE DE UM ADOLESCENTE AMIGO QUE TENTOU ROUBAR COM VIOLÊNCIA

A matéria do Quadro 8 dada a conhecer pelo Telejornal Subrayado, Canal10 Saeta, que encaixa no formato telejornalístico nota coberta apresentando um casamento perfeito entre imagem e palavra, é objetivo e curto. A abertura da matéria situa o fato e aguça o interesse do telespectador pela notícia ao assinalar que: “*Liceales atacan a policía por muerte de adolescente rapiñero*”.⁴⁸

A reportagem começa fazendo um primeiro plano da frente do Instituto Secundário - Liceo 19, de Montevideú- ressaltando o escudo nacional uruguaio como símbolo da identidade nacional, agredida por estudantes adolescentes.

A repórter adiciona que a agressão foi realizada por vários menores na pessoa de uma policial feminina, maximizando o fato ao ser realizada contra um policial, símbolo da autoridade, da segurança, da ordem e mulher ao mesmo tempo, que simboliza a fertilidade, notando-se a tematização ao vincular a crenças, prejuízos, como ordem-desordem, segurança-insegurança, mulher-homem.

⁴⁸Rapiña é a ação de assaltar acompanhada de violência física.

O discurso mascarado da mídia expressa que não há motivos para a agressão porque a morte foi feita pela policial, agindo em sua função, contra um delinquente que estava pretendendo furtar com violência em um comércio.

É percebida a articulação com os processos de ancoragem e de objetivação ao apresentar de forma clara a dicotomia entre o significado tanto do escudo quanto da bandeira do Uruguai e o corpo do adolescente infrator morto ao apontar ao sujeito receptor a certeza de pertencer a um grupo e, porém, de encontrar seu lugar, portanto, as representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligados à inserção social dos sujeitos e grupos intermediados por relações sociais que “organizam os processos simbólicos que intervêm nessas relações” (SÁ, 1998, p. 75), ou seja, a ancoragem se encontra diretamente relacionada à classe social que atua em um campo social.

Reitera-se que a objetivação é o processo pelo qual a informação se transforma e conecta a uma imagem-representação e a ancoragem é o processo pelo qual se atualiza a objetivação. Esta atualização é social já que supõe enraizamento cultural, político, econômico, social e ideológico. Neste sentido, acredita-se que o corpo no chão entra em clara contradição com os símbolos da identidade nacional, anteriormente referidos e colaboram em que a audiência faça a conexão ao facilitar a reprodução de um conceito a uma imagem, concretizando as “ideias em imagens” (SÁ, 1998, p. 71)

Em suma, de acordo com o pensamento de Abric (RODRÍGUEZ SALAZAR, 2007, p. 166), a representação social opera como themata já que “[...] *consiste em um cuerpo de información, creencias, opiniones, y actitudes sobre un objeto dado.*”

4.8 COMERCIANTE QUE MATOU UM ADOLESCENTE DE 16 ANOS EM UM ROUBO FOI LIBERADO PELO JUIZ

A reportagem do Quadro H é uma matéria dada a conhecer pelo Telejornal Subrayado, Canal 10 Saeta, que se adequa no formato telejornalístico nota coberta, apresentando uma aliança entre imagem e palavra, se mostra como objetivo e curto. A abertura da matéria situa o fato e aguça o interesse do telespectador pela notícia ao assinalar que:

Off: La jueza dejó en libertad al almacenero de 40 años que mató al adolescente de 16 años cuando éste intentó robar su almacén.

O telejornal mostra a sede do edifício judicial, onde se observa o escudo e a bandeira uruguaia, portanto, não há motivos para deslegitimar a resolução, porque foi dada pelo órgão que administra a justiça, o juiz. O fato se objetiva ainda mais quando o repórter afirma que *“allegados a la familia dijeron que es la sexta vez que el almacén es rapiñado por delincuentes de la zona”*, mostrando o armazém com grades nas aberturas.

Em seguida a matéria diz que: *“La ventana del comercio evidencia el intercambio de disparos. El menor de 16 años fue abatido por el comerciante y los otros tres lograron escapar”*. Para reafirmar o que as palavras dizem, as imagens mostram um orifício na janela, presumivelmente feito no enfrentamento com armas de fogo.

4.9 INTERPRETAÇÃO GERAL

Depois de havermo-nos detido na materialidade narrativa do conjunto de reportagens, temos que concordar com Beatriz Becker (2005), no sentido em que os entrevistados nas reportagens do telejornal não são mostrados enquanto indivíduos, mas como tipos sociológicos que representam grupos de indivíduos:

O tratamento dado à pessoa é determinado pelo tipo a construir e nele se dissolve a pessoa. Fica-se com a impressão de perfeita harmonia entre o tipo abstrato e geral e a pessoa singular que ele aniquila. Histórias individuais só aparecem para ilustrar uma situação que está sendo narrada (BECKER, 2005, p. 72).

Acreditamos que o noticiário ocupa o lugar de delimitador de contornos normativos da sociedade uruguaia, ao informar do que está certo e errado, demarcando em suas tramas visuais e imagéticas, contornos morais, de justiça e de pertencimento, *“substituindo o espaço de instituições mais enfraquecidas nas suas representações”* (BIRD; DARDENE, 1993, p. 120), condenando ou libertando os mais diferentes atores, segundo ameacem ou não a ordem.

Constata-se como o telejornalismo assume, segundo Silveira (2016)

[...] ainda que parcialmente, o papel legislativo de discriminar para a sociedade e o papel judiciário de emitir juízos, por meio de sua ação ordenadora a partir de um discurso situado, blindado por sua localização num centro, um *“dentro”* que tenta resguardar-se do caos e da violência e que, assim procedendo, cultiva a ilusão de integração preconizada pela modernidade. (SILVEIRA, 2016, p. 39)

O mediador, no momento em que apresenta um dos acusados no seu telejornal, mostra-o já como culpado, mesmo antes dele ter sido julgado. Este tipo de relação se

coloca como um problema entre o telejornal e a justiça, pois o programa realiza um julgamento

ento virtual que, certamente, poderá interferir nos resultados dos julgamentos nos tribunais reais. Nota-se nos trechos das falas dos apresentadores o uso de expressões comuns e o uso de adjetivação e incriminação dos acusados. O uso de adjetivação reforça o caráter inquisidor tomado por eles.

O âncora, ao adjetivar os acusados e se colocar como uma autoridade no assunto tratado, posiciona-se no lugar de juiz da sociedade, substituindo ou tentando substituir as instituições do judiciário, ou assumindo o papel do próprio Estado, que controla e disciplina os desvios sociais.

Na maior parte das matérias estudadas, o personagem, despersonalizado, parece não ter a sua história narrada, mas uma história que pode adequar-se a qualquer pessoa, inclusive com quem houve e vê a história, pois o drama da pessoa-personagem representa uma ponte que a identifica.

Nas reportagens tratadas neste trabalho, salientou-se a preocupação em reduzir o personagem ao tipo, o que foi reforçado pelos recursos de imagem.

Notamos, ainda, nos acontecimentos narrados que as representações sociais são sistemas cognitivos em que é possível reconhecer a presença de estereótipos, opiniões, crenças, valores e normas que geralmente têm uma orientação atitudinal positiva ou negativa. Por sua vez, constituem-se como sistemas de códigos, valores, lógicas classificatórias, princípios interpretativos e orientadores das práticas da vida cotidiana, em tanto estabelecem os limites e as possibilidades da forma em como os sujeitos atuam no mundo. Assim, a noção da realidade social e seu processo de construção é um elemento chave para a compreensão desta teoria, implicando o estudo do senso comum, ou seja, que a partir do informado pela mídia, as pessoas, não todas ao mesmo tempo, conversam do objeto representado – neste caso, dos menores em infração com a lei penal - mas em inumeráveis e diferentes contatos interpessoais, em pequenos ou grandes grupos, no bar, na rua, na casa, no bairro, no chat, no *Facebook*, cobrindo diferentes categorias socioculturais, idade, sexo, ocupação, partido político, capital educativo, etc. Neste sentido, não se deve esquecer que as representações sociais são “alguma coisa que emerge das práticas em vigor na sociedade e na cultural e que as alimenta, perpetuando-as ou contribuindo para a sua própria transformação” (SÁ, 1998, p. 50).

Segundo a categorização elaborada por Thompson (2002), referente a como opera a Ideologia, estamos em condições de afirmar que nos acontecimentos narrados aquela opera mediante uma estratégia de fragmentação e de expurgação do outro.⁴⁹

Estamos dentro do “espaço ideológico propriamente dito no momento em que este conteúdo [...] é funcional a alguma relação de dominação social (“poder”, “exploração”) de maneira intrinsecamente não transparente: para ser eficaz, a lógica de legitimação da relação de dominação tem que permanecer oculta (ŽIŽEK, 2003, p.13-14).

A representação social pode ser entendida a partir de dois pontos de vista diferentes, com diferentes consequências sobre a situação social. Pode ser compreendida como um processo pelo qual a realidade, em que diferentes atores com experiências de vida e trajetórias biográficas diferentes envolvidas, é construída, portanto, a consequência social deriva em que a representação estará sempre em constante fluxo e acomodação, dependendo de como os vários atores influenciam na sua construção, em como eles se posicionam no espaço social, em quem ganhou na "luta" de interesses. Neste sentido, é visto como uma ação, *“um movimiento de apropiación de la realidad a través de un proceso mental”* (VALENCIA ABUNDIZ, 2007, p. 55), mas em um contexto de produção coletiva, tendo como meio de transmissão as comunicações partilhadas. Assim, a partir deste ponto de vista, é um conhecimento produzido socialmente que tem uma abordagem pragmática, prática, com o objetivo de construir uma realidade comum a um conglomerado social.

Por outro lado, as representações sociais podem ser vistas como um produto, como uma realidade imutável, inalterável, onde as crenças, valores e ideias compartilhadas por um grupo, por membros de uma instituição, por integrantes de uma sociedade, fortalecem-se porque eles também, não somente participam, senão que

⁴⁹ Cf. Thompson: *“las relaciones de dominación se pueden mantener no al unificar a los individuos en una colectividad, sino al fragmentar a aquellos individuos y grupos que podrían ser capaces de organizar un desafío efectivo a los grupos dominantes, o al orientar las fuerzas de una oposición potencial hacia un objetivo que se proyecta como maligno, dañino o amenazador. Aquí, la estrategia típica de construcción simbólica es la diferenciación, es decir, el hecho de enfatizar las distinciones, diferencias y divisiones que hay entre los grupos e individuos las características que los desunen e impiden que se constituyan en un desafío efectivo para las relaciones existentes o en un participante efectivo en el ejercicio del poder. Otra estrategia pertinente se puede describir como la expurgación del otro. Lo anterior implica la construcción, dentro o fuera, de un enemigo que se retrata como maligno, dañino o amenazador, y ante el cual se convoca a los individuos para que se opongan a él o lo expurquen. Esta estrategia se traslapa a menudo con estrategias orientadas hacia la unificación, puesto que se trata al enemigo como un desafío o una amenaza frente a la cual se deben unir los individuos”* (THOMPSON, 2002, p. 98).

pertencem a um estrato social semelhante. Neste sentido, o aspecto cultural define as categorias básicas de temas dos sujeitos e as sedimenta, determinando segundo aspectos sociais, econômicos, familiares, espaciais, entre outros.

As consequências são diferentes, dependendo dos critérios que se priorizem ao conceber as representações. Desde um padrão, as representações estarão constantemente a ser redefinidas, dependendo dos interesses enfrentados, enquanto, por outro lado, as representações fazem parte de uma realidade dada, anterior ao sujeito que a representa. No entanto, as representações, independente do critério escolhido, representam sempre algo, um conceito, uma imagem, neste caso, o menor infrator, mas não como uma mera reprodução, já que, embora essa imagem representada seja uma entidade dada, o sujeito a constrói a partir do seu "lócus", desde sua simbologia, e, portanto, colabora na sua criação.

Se bem a representação social é uma forma compartilhada de conhecimento socialmente elaborado, alega-se ao mesmo tempo em que, nem todos os atores têm a mesma incidência nem a mesma intensidade na sua construção, porque existe uma geometria do poder (WOODWARD, 1999, p 9), isto é, uma distribuição irregular nas decisões.

O que se quer salientar é que a intervenção do social é dada de várias formas, a partir do contexto e desde o *locus* a partir do qual se localizam e conversam pessoas e grupos, pela comunicação estabelecida entre os seus diferentes membros, *“por las formas de aprehensión que les brinda su bagaje cultural, por los códigos, valores e ideologías ligadas a posiciones o pertinências sociales específicas”* (JODELET, 1984 apud GUNTHER, 2002, p. 18), a este respeito, nas representações sociais, mas também nas identidades encontradas na resposta a quem sou eu?

Finalizando a análise e adentrando o trabalho interpretativo, este estudo é coincidente com Moscovici em que se devem construir as representações sociais, desde que se entendam estas como um:

[...] sistema de valores, idéias e práticas que têm uma dupla função: em primeiro lugar, para estabelecer uma ordem que permite que os indivíduos a orientar-se no seu mundo social e material e dominá-lo; e em segundo lugar, permitir a comunicação entre os membros de uma comunidade, proporcionando-lhes um código para o intercâmbio social e um código para nomear e classificar de forma inequívoca os vários aspectos de seu mundo e sua história individual e em grupo. (GARCÉS, 2013, p. 3, tradução noss).⁵⁰

⁵⁰ No original: “[...] sistema de valores, ideas y prácticas que tienen una doble función: en primer lugar, establecer un orden que permita a los individuos orientarse en su mundo social y material y dominarlo; y en segundo término, permitir la comunicación entre los miembros de una comunidad, aportándoles un

Essa ordem que se instala, traduz a posição e a escala de valores de um indivíduo ou de uma comunidade que se alteram na medida em que são trocadas as formas de ver e suas relações com o mundo, portanto tendem a influenciar-se reciprocamente. Portanto, estes sistemas simbólicos são constantemente removidos, transmissíveis entre as gerações, moldados e fundidos no mesmo universo que permite ao sujeito comum "estar ao corrente", "não ser ignorante" do que o seu círculo coletivo constrói como "visão de mundo".

O importante desta experiência é acumular conhecimento de forma tal que o sujeito o integre a um *“cuadro coherente de lo real o deslizarse em um lenguaje que permita hablar de lo que habla todo el mundo”* (MOSCOVICI, 2002, p. 27). Assim, a familiaridade com o real permite preencher as lacunas que emergem entre o que se sabe e o que é observado e, dar sentido à realidade, uma vez que ligamos este sentido de uma representação social, neste caso, ao menor infrator, com base em uma imagem que pode ser tendenciosa, acrítica e com visões fechadas. Ao estudar as representações sociais, reconhecemos as maneiras pelas quais o grupo se pensa em relação com os objetos que o afeta (JODELET, 1989, p. 31-61), neste caso, o menor infrator é a sua representação televisiva, já que o senso comum é composto por valores, estereótipos, normas, orientações negativas ou positivas, que colaboram na definição e tipificação do objeto.

Quando as representações sociais do menor infrator são negativas é porque o grupo o sente assim devido a uma série de relações e articulações do objeto menor infrator com outros objetos que já estão no universo do grupo, como os meios de comunicação, dos quais toma propriedades e, por sua vez, penetra as suas, para tornar-se própria, familiar e natural, convertendo-se em um equivalente dos objetos aos quais estão ligados pelos vínculos já estabelecidos.

Portanto, a ideologia punitiva em contra do outro/adolescente que subjaz no conjunto da sociedade, é reproduzida pelos meios de comunicação, dado que estes descontextualizam a informação, isolando os fatos, deixando de lado o processo que leva os adolescentes a ter conflito com a lei.

Como diz Morás:

Esta superexposição na mídia que aumentou significativamente nos últimos dois anos, além de re-categorizar o adolescente, só ajuda a solidificar uma

código para el intercambio social y un código para denominar y clasificar de manera inequívoca los distintos aspectos de su mundo y de su historia individual y grupal”.

ideologia unívoca, monolítica, parece que é expresso por uma lei divina, uma ordem natural característica da Idade Média. Por isso significa ajustar a "solução para o problema", como a incapacidade de escapar da jaula de ferro, e, naturalmente, sublinhar as condições naturais de algumas almas humanas que nascem com características apropriadas para atender as barras (MORÁS, 2012, p.8, grifo do autor, tradução nossa).⁵¹

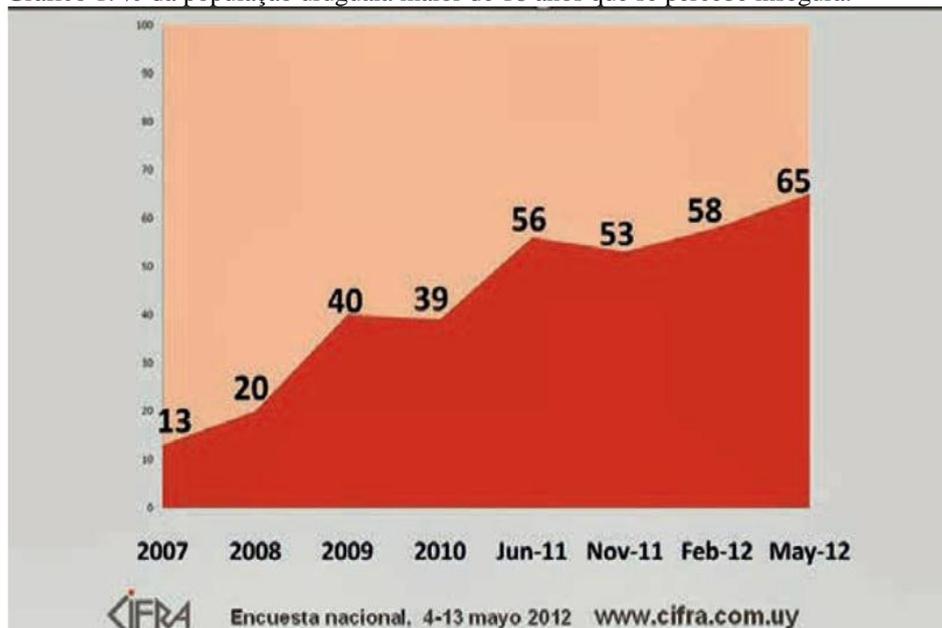
Fica claramente evidenciado nos acontecimentos analisados que há um princípio de continuidade, ou seja, de ancoragem, ao tornar o novo contíguo com o velho através de comparações com realidades pré-existentes, ao rememorar os “valores perdidos”, os símbolos da “pátria”, a “autoridade do policial não reconhecida pelos adolescentes”, o “trabalhador vs. assaltante”.

É compreensível, logo da análise dos acontecimentos, porque 65 por cento da população uruguaia maior de 18 anos se percebe insegura como o demonstra o gráfico 1 da consultora CIFRA (2014, p. 218), pois, como afirma Paulo Vaz (2009), um componente fundamental da disputa em torno da credibilidade e poder persuasivo das mensagens é a autoridade de quem fala, ou seja o porta-voz da emissora: o âncora e o repórter.

Mais uma vez, a campanha do SIM parece ter usado a construção midiática da realidade para constituir a credibilidade de seus diagnósticos e prognósticos. A argumentação prescinde de qualquer dado numérico, basta apoiar-se no que aparece na mídia, ou seja, que há uma “constituição da audiência como vítima virtual”. Neste sentido, as estratégias de generalização dos fatos noticiados deslocaram-se igualmente da identificação com o agressor, como alguém sujeito às mesmas paixões e motivações que nós, à identificação com a vítima, isto é, “o que aconteceu a ela poderia ter acontecido comigo, apenas circunstâncias aleatórias o impediram”. Portanto, a indignação da vítima virtual corresponde à frustração das expectativas de consumo e prazer numa sociedade predominantemente “individualista” e “hedonista”.

⁵¹ No original: “*Esta sobreexposición en los medios de comunicación - que aumentó significativamente en los dos últimos años-, aparte de re-categorizar al adolescente, solo contribuye a solidificar una ideología unívoca, monolítica, que parece se desprendiera de una ley divina, de un orden natural característico del Medioevo. Con esto los medios encuadran la «solución al problema» como la imposibilidad de escapar a la jaula de hierro, y por supuesto, remarcan las condiciones naturales de algunas almas humanas que nacen con características adecuadas para adaptarse a los barrotes*”.

Gráfico 1: % da população uruguaia maior de 18 anos que se percebe insegura.



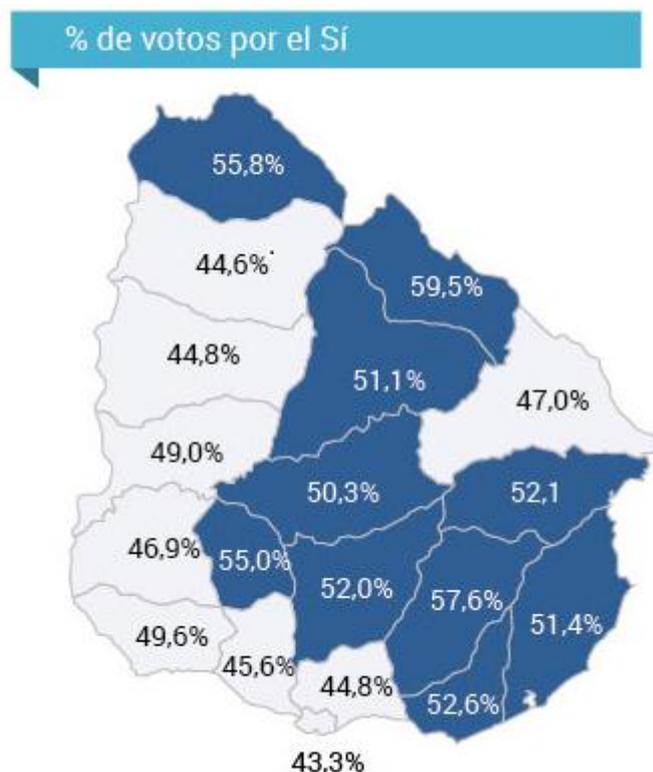
Fonte: Plan Uruguay 2015-2020.

Por outro lado, a themata permite examinar, através das relações entre representações e comunicação, a forma como o passado constantemente reemerge no presente. As categorias que exemplificam a themata no presente trabalho são: adolescente não estudante/trabalhador, assaltante/trabalhador, policial/delinquente, vida/morte, normal/anormal, disciplinado/não disciplinado, livre/encerrado, presente/passado.

Depreende-se da análise dos acontecimentos, no seu conjunto que os telejornais difundiram versões parciais e não equilibradas dos acontecimentos. A categoria de ancoragem que predomina é ideologia e representações e narrativas punitivas.

Para finalizar a análise dos acontecimentos, este trabalho pretende observar o resultado da instância plebiscitária a efeitos de tratar de compreender o comportamento eleitoral do cidadão e da cidadã uruguaia, para tal tarefa, o trabalho fundamentar-se-á no mapa que aparece na figura 4.

Figura 4: Resultado do plebiscito sobre a reforma constitucional para a diminuição da idade penal no Uruguai. Somente votos Sim em %.



Fonte: Jornal El Observador. 17 de novembro de 2014. <http://www.elobservador.com.uy/si-la-baja-gano-lugares-menos-delitos-menores-n292220>

Pode observar-se que nos 10 departamentos onde o *Sí a la baja* obteve mais do 50 por cento dos votos, os menores cometeram 39 furtos acompanhados de violência física e dois homicídios em 2013. Esses valores representam somente 11 por cento da totalidade dos furtos com violência física e 14 por cento dos homicídios cometidos por adolescentes, segundo dados processados pelo Ministério do Interior.

Nos departamentos de *Artigas, Durazno, Flores, Florida, Lavalleja, Maldonado, Rocha, Rivera, Tacuarembó y Treinta y Tres* a aprovação do *Sí a la baja* superou 50 por cento dos votos, embora a incidência dos menores infratores na insegurança dos territórios mencionados fosse menor.

O plebiscito, para ser aprovado, deveria obter a maioria absoluta e alcançou o 47 por cento do total de votos em todo o país. O maior apoio ao *Si a la baja* se concentrou no departamento fronteiriço de Rivera, onde o plebiscito alcançou o 59,5 por cento, porém, em 2013, a Justiça de Rivera condenou somente a dois menores pelo delito de assalto e nenhum por homicídio.

A reforma constitucional proposta entre outros, por Pedro Bordaberry, candidato a presidente do país pelo partido Colorado, e apoiada pelo setor do partido Nacional liderado por Luis Lacalle Pou e movimentos sociais pertencentes a classes sociais acomodadas, indicava que os menores de 16 e 17 anos que cometessem delitos graves como homicídio, assalto, estupro e sequestro, fossem punidos com as mesmas penalidades que os adultos.

Nos departamentos de Montevideu e Canelones, que fazem parte da região metropolitana, onde se concentra 64 por cento e 12,8 por cento dos homicídios e 61 por cento e 13,4 por cento dos assaltos, o plebiscito obteve 43 por cento e 44,8 por cento, respectivamente.

Este trabalho está em condições de afirmar que a percepção de insegurança dos cidadãos que exigiram um endurecimento das penalidades aos menores infratores, não coincide com a realidade de seus departamentos, portanto, uma das explicações concentra-se na incidência da mídia em colaborar na construção do menor infrator como mostro perigoso, agindo mediante a ideologia.

A teoria das representações sociais, necessariamente faz referência à ideologia. As formas simbólicas, a partir das quais as pessoas constroem sentidos e sua percepção da realidade, são concebidas sob “condições sociais e históricas específicas” (THOMPSON, 1995, p. 365), é dizer, em uma temporalidade e em uma espacialidade ancorada a determinadas redes de relações políticas, econômicas, filosóficas, culturais e comunicacionais. Em definitivo, deleva sentidos ocultos, mas também propõe sentidos viáveis, portanto, são as maneiras como o sentido serve, não só para estabelecer, mas também, para sustentar relações assimétricas de poder.

Acreditamos relevante e, portanto, insiste-se na afirmação de que os efeitos de sentidos que se produzem com as representações sociais, não acontecem no vácuo, ao contrário, estão ligadas e condicionadas a certas condições históricas, políticas, econômicas, filosóficas, sociais, culturais, tecnológicas, portanto, é relevante para compreender as representações do menor infrator, entender que as margens do texto também o constituem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho está em condições de afirmar e coincidir com Sawaia (2001) quando aponta que a identidade oculta negociações de sentido, processos de diferenciação, hierarquização das diferenças e, por conseguinte, regulação das relações de poder, tanto em uma posição de resistência à dominação, ou reforçando-a. Nesta negociação de sentido, ao reconhecer no Outro um semelhante, conferimos os mesmos atributos de humanidade que encontramos em nós, caso contrário, não o reconhecemos como um semelhante. No caso dos excluídos da sociedade do consumo, na representação social construída pela mídia televisiva, reconhece-o como diferente, como desigual, como inferior e como um desconhecido que gera temor. Ou seja, não são portadores da mesma humanidade que reconheço em mim e nos meus iguais. Segundo Leser de Mello (2001, p. 135) são, por definição, portadores de características desabonadoras, de traços de caráter indesejáveis, de um potencial de violência que os torna pouco humanos.

Ainda, como podemos observar até aqui, há uma eficácia da generalização da notícia, pois um procedimento para relatá-la, é valer-se de uma retórica de generalização que cumpre aqui o papel de justificar a notícia como tal, isto é, sua relevância, pertinência e oportunidade: o objetivo da “denúncia” é apontar um “responsável” que já é pressuposto antes do evento. A retórica de generalização dominante hoje nos noticiários de crime real tem como efeito mais evidente: eximir o leitor/espectador de qualquer responsabilidade por este, é a desumanização do criminoso. Isto é, a caracterização monstruosa do “agressor”. Assim, este personagem, tal como configurado pela mídia, é, sobretudo, um “outro” irreduzível, um algo diferente de nós mesmos- e não alguém, como nós.

A “vítima virtual” se tornou o foco narrativo subjacente da maioria das notícias de crime – em detrimento do criminoso e das vítimas reais, o ponto de vista a partir do qual o crime é informado ao público e sua narrativa elaborada. Este mecanismo de generalização permite a mobilização de uma resposta afetiva forte que, por si só, justifica a notícia: “poderia ter acontecido comigo”.

Produz-se, portanto, uma perigosa estranheza dos estranhos, é dizer, “O Outro” classificado como estranho é um portador inato de incerteza. Precisamente os estranhos irritam, desagradam, envergonham porque eles tendem, pela sua própria presença, a ofuscar e eclipsar a nitidez das linhas fronteiriças classificatórias que organizam o

mundo em que eu vivo, e, portanto, tendem a questionar radicalmente o entendimento mútuo que o “Eu” tem com o “outro”.

Acredita-se que o objetivo geral, investigar os significados e representações que circulam nos telejornais uruguaios em torno da temática da violência envolvendo o menor infrator, foi alcançado, como também os objetivos específicos que foram propostos, pois se caracterizou o contexto histórico sociocultural do Uruguai onde a problemática do menor infrator está inserido; identificaram-se os atos de violência cometidos pelos jovens que são destacados nas coberturas dos telejornais uruguaios; analisou-se como são construídas as identidades dos jovens infratores nas narrativas dos telejornais e, timidamente, identificaram-se as estratégias de comunicação utilizadas pelos telejornais para noticiar os atos de violências cometidos pelos jovens.

Complementando os conceitos analisados até aqui, acreditamos que o impacto orientador que contém as representações sociais televisivas sobre a produção, construção e a visibilidade que parte da população uruguia faz do menor infrator é evidente na atitude tomada por estas pessoas ao remeter-se a uma ideia de imagem que funciona como modelo social, focalizando dita orientação como global, relacionado ao objeto da representação social, neste caso, o menor infrator.

Esta atitude orientadora da representação social se percebe nas palavras usadas pelo jornalista ao informar o assalto e o resultado do mesmo, um empregado morto e, mais tarde, entatiza-se essa atitude quando o telejornal anuncia que os agressores eram menores e o que atirou, também era menor de idade.

Portanto, acredita-se que há uma relação entre a informação transmitida pelo telejornal e as crenças, opiniões e atitudes referente ao endurecimento da punição do menor infrator, operando essas representações como *themata*, é dizer, como prejuízos estáveis e disseminados que, se bem não se vê, sim se sente ou se inventa e que se coloca como se fosse verdade, formando parte da realidade na construção do conhecimento. Estas são questões que por sua persistência têm um poder gerador porque estão ligadas à memória coletiva e a língua, promovendo o desenvolvimento de conteúdos reais. Geralmente, é associada e apoia-se em um pensamento e consciência prática e pressupõe uma atitude natural, não consciente da ação, porque são pressupostos que se assumem como evidentes na cultura do grupo e são projetados metaforicamente na vida cotidiana, entendemos uma coisa em termos de outra, como *“los asaltantes asesinaron al trabajador”*, pois pensa-se que a imagem, assim como a linguagem, relaciona sujeitos e sentidos que se afetam mutuamente, não somente pela

língua, mas sim pela história, porque são sujeitos historicamente situados, tanto na constituição como na produção de sentidos, uns são situados como assaltantes e assassinos e o outro como trabalhador ferido e, posteriormente, morto.

Observa-se que um dos sustentos da objetividade jornalística do telejornal é a imagem-acontecimento, a estratégia de que “a imagem o diz, não eu” é parte de um tecido da objetividade jornalística à que os telejornais fazem alusão. Outro caso que reforça o valor de prova da imagem é o constituído pelo vídeo amador de observadores casuais revelado na morte da cachorrinha.

Nota-se que a objetividade também está assegurada pela confiabilidade do condutor do telejornal, sua voz transmite uma visão da realidade instalando-se como a versão legítima, acompanhada por seus rasgos faciais e sua roupa sóbria o que colabora na sustentação dessa objetividade. Por último, acreditamos que, se bem há um papel ativo do telespectador, resulta bastante evidente que existe uma leitura da imagem que o telejornal propõe, configurando uma versão do mundo que se instala como verdadeira.

Percebe-se que, em todas as matérias apresentadas, as representações sociais estão vinculadas a um tipo de estratégia ideológica, seja esta de legitimação, unificação, fragmentação ou coisificação.

Acredita-se que a legitimação fica evidente no proceder do dono do armazém ao matar o adolescente, protegendo não só sua vida, mas também a sua propriedade, seus bens materiais, já que sustenta e afirma uma relação de dominação, baseada em uma estratégia típica de construção simbólica que é a racionalização, pela qual um produtor de uma forma simbólica constrói uma cadeia de raciocínios que buscam defender, justificar um conjunto de instituições sociais, persuadindo a audiência de que o matador deve ser defendido, portanto, o proceder do juiz é correto e é justo.

Esta estratégia de legitimação, mas em sua forma típica de universalização, fica associada a *“arreglos institucionales que sirven a los intereses de algunos individuos se representan como si sirvieran a los intereses de todos”* (THOMPSON, 2002, p. 93), notando-se com clareza na agressão à policial feminina, agressão que estava sendo repudiada simbolicamente pela tradição, mediante os elementos culturais da identidade nacional, como pretendem ser o escudo e a bandeira nacional, unificando, simbolizando a unidade, mas também, sem considerar as diferenças e as divisões existentes na sociedade uruguaia.

Outra estratégia pela qual opera a ideologia é a fragmentação, evidenciada no tratamento dos menores na notícia do assassinato do empregado da Pizzaria La Pasiva,

por um lado, e, por outro lado, no tratamento dos menores na notícia referente à morte do animal na cidade de Nueva Palmira, enfatizando nas características que os diferencia, os desune, expurgando ao outro, construindo um inimigo retratado como maligno, ameaçador, contra o qual se convoca para que o expurquem.

Fica evidenciado nos acontecimentos analisados, como foi assinalado anteriormente, que há um princípio de continuidade, ou seja, de ancoragem, ao tornar o novo contíguo com o velho através de comparações com realidades pré-existentes, ao rememorar os “valores perdidos”, os símbolos da “pátria”, a “autoridade do policial não reconhecida por os adolescentes”, o “trabalhador vs. assaltante”. A ancoragem aporta ao sujeito a seguridade de pertencer a um grupo e, porém, de encontrar seu lugar, portanto as representações sociais são princípios geradores de tomadas de posição ligados a inserção social dos sujeitos e grupos intermediados por relações sociais, e neste caso, a inserção social para o menor infrator é difícil já que deve superar o obstáculo que supõe as representações sociais construídas pela mídia.

A representação social, “menor violento” foi a que predominou associando a figura do adolescente com o crime, pelo que reafirma a construção de sentido que devem aplicar-se sobre o seu corpo, mecanismos e dispositivos de controle e repressão.

Este estudo estabeleceu como hipótese central e questionou em que medida a mídia, entre outros fatores, contribui para construir a identidade do menor infrator como um monstro perigoso. Partimos da hipótese que a mensagem da mídia reforçou a construção da imagem do adolescente e do jovem infrator como parte de uma estratégia ideológica que tem como fim, disciplinar e colocar coletes de forças mentais em uma sociedade que, apesar de que na última década deu sinais de separação com as correntes discursivas opressoras e com seus dispositivos de normalização, atualmente encontra no adolescente e no jovem de um determinado estrato, o bode expiatório que sustentaria a construção de uma sociedade “policializada” e de tolerância zero.

O trabalho pretendeu colocar em evidência que a forma em que são narrados os fatos, as presenças e as ausências, além das intenções, tem consequências nas representações sociais da adolescência configurados nos meios, colaboram na consolidação de estereótipos ou na visibilidade de uma nova ideia da adolescência, sustentada em um reconhecimento negativo do adolescente como sujeito de direito.

Por outro lado, este trabalho se alinha ao conceito sustentado por Thompson em que se deve deixar de lado a tendência a interpretar o carácter ideológico da comunicação de massa em termos dos *“rasgos o funciones de las instituciones de los*

médios y de las características de los mensajes de los medios” (2002, p. 388) porque é um tratamento deficiente, pois dá como certo que as mensagens difundidas pelas instituições midiáticas têm, em virtude da organização dessas instituições ou das características das mensagens mesmas, um efeito dado quando os indivíduos as recepcionam, apropriando-se delas em sua vida diária.

Salientamos que não se pode afirmar que os indivíduos que recepcionam as mensagens da mídia, sejam impulsados a atuar de maneira imitativa e conformista, aderem-se à ordem social, colaborando a reproduzir as ações e as mensagens que supostamente as impulsam.

Este enfoque deve ser reorientado e substituído por outro que considere a contextualização e os processos específicos em que as mensagens produzidas e difundidas pelas instituições midiáticas são apropriadas pelos indivíduos que as recebem, ou seja, deve-se ter em conta a interação mediada tecnicamente, pois como toda forma simbólica, estes produtos passam a ser ideológicos, na medida em que servem para estabelecer e sustentar relações de dominação em circunstâncias sócio históricas particulares.

Insiste-se nos seguintes aspectos da investigação:

- em primeiro lugar, as pessoas contam com outros saberes e outras referências culturais não mediáticas para pensar e construir sua percepção do mundo;
- em segundo lugar, os meios não são entidades isoladas que operam sobre as sociedades e os sujeitos, ao contrário, fazem parte, mantendo uma relação de circularidade e, portanto, são uma ferramenta para conhecer quais representações sociais estão presentes na sociedade uruguaia.

Confiamos que uma das perguntas que iniciou este trabalho, ou seja, em que medida a narrativa dos meios de comunicação colaborou na construção das representações do jovem infrator como um problema para a sociedade, foi devidamente contrastada através da análise dos acontecimentos. Preferimos dizer contrastada antes que verificada com o fim de deixar aberta a possibilidade de sua futura falseabilidade, mas, até o momento, o suposto foi capaz de mostrar a sua validade.

É oportuno assinalar que a questão que sobressaiu no fundo daquelas problematizações, fez referência ao modo em que, nas representações que se produziram e circularam na mídia, a fala do adolescente infrator foi ouvida, em outros termos, acreditamos que houve uma construção subalterna do outro-menor infrator, já que o outro-menor infrator é um ser incompleto.

A consciência deste outro e a sua fala foram silenciadas, não somente pelos discursos da mídia, mas também pelos distintos atores, tanto singulares como coletivos. O subalterno foi expropriado em sua subjetividade rebelde em aras de abstrações construídas desde fora, desde a mídia. Sua identidade foi reduzida a uma forma incompleta pelas representações midiáticas, propondo-a como universal.

Porque o menor infrator é subalterno? Porque ele não pode intervir no conhecimento de si próprio, de sua identidade, neste caso é a mídia que fala não por ele, mas sim dele.

Um aspecto que se observa como constante no tratamento dos acontecimentos trabalhados e referidos ao menor infrator pelo telejornal é o relacionado à violência acompanhado de, praticamente, uma nula contextualização das situações, pois, nos casos tratados, deu para perceber que se registrou o evidente, o visível, faltando uma postura mais investigativa que explicasse a violência da minoridade e que fosse além do narrador “marco”, é dizer, sabe praticamente o mesmo que os sujeitos envolvidos.

Acreditamos que o comportamento do adolescente infrator da lei penal dada a conhecer pela mídia, se aproxima a cenas *underground*, ou seja, de despojamento e comportamento desesperançado, a sua sociabilidade, segundo a mídia, está à margem dos circuitos normais, e quando interagem com o outro, o fazem violentamente. Dessa forma a mídia da entender que os conflitos já não se manifestam no plano das relações de produção, mas no plano das identidades, e a perspectiva dos grupos dominantes, econômica e simbolicamente, os percebem como violentos, desordeiros, vagabundos e drogados, suavizando o comportamento do menor infrator como mecanismo de resistência e de submissão à ideologia hegemônica tal como é denunciada pela murga Agarrate Catalina⁵² na canção *La violencia*, campeã no carnaval do Uruguai em 2011 quando diz:

[...] Minha vida é um inferno, meu pai é vigarista, minha mãe é uma puta, você me manda para a cadeia e eu te mando para a gaveta. Eu sou o erro da sociedade, sou o plano perfeito que deu errado. Eu venho do despejo que este sistema deixou de lado, as forças do mercado me transformaram em funcional (MURGA AGARRATA CATALINA, 2011, tradução nossa)⁵³.

⁵²A murga é um gênero coral-teatral-musical uruguaio que no carnaval se caracteriza por criticar a sociedade.

⁵³No original *Mi vida es un infierno, mi padre es chorro, mi madre es puta, vos me mandás la yuta y yo te mando para el cajón. Yo soy el error de la sociedad, soy el plan perfecto, que ha salido mal. Vengo del basurero que este sistema dejó al costado, las leyes del mercado me convirtieron en funcional* <https://www.youtube.com/watch?v=iHBuC4n2STE>

Por último, o resultado do plebiscito sugere que os telejornais tiveram uma influência direta, embora não exclusiva, sobre o voto dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. A indústria cultural/ Televisão, consciência e industrial cultural. In: COHN, G. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural: o Iluminismo como mistificação de massas. In: **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALEXANDRE, M. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Revista Comum**, Rio de Janeiro, RJ. v. 10, n. 23, p. 122-138, julh/dez. 2004. Disponível em: <<http://www.facha.edu.br/publicações/comum/comum23/artigo7.pdf>> . Acesso em: 4/07/2016.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: F.C.E., 1993.
- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147. São Paulo: Autores Associados. Fundação Carlos Chagas. Novembro/ 2002.
- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 739-766, set./dez. 2009.
- AUGÉ, M. Sobre modernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, D. (Org.) **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad. 2008.
- BARRÁN, J. P. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**: la cultura “bárbara” (1800-1860). Montevideu: Banda Oriental, 1990a.
- _____. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**: el disciplinamiento (1860-1920). Montevideu: Banda Oriental, 1990b.
- BARTHES, R. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BAUMAN, Z. **La sociedad líquida**. Argentina: F.C.E. 2007.
- _____. **Modernidad líquida**. Buenos Aires: F.C.E., 2009.
- _____. **Identidad**. Buenos Aires: Losada. 2010.
- BECKER, B. **A linguagem do Telejornal** – Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. **La construcción social de la realidad**. Argentina. Amorrortu. 1979.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Tratado de Sociología do conhecimento. Petrópolis: Vozes. 1994.
- BEZERRA DA SILVA, E. **Meio ambiente no telejornalismo**: efeitos de sentido sobre preservação no Nordeste Viver e Preservar. Porto Alegre: UFRGS. 2016
- BIRD, S. E.; DARDENNE, R. W. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, N. (Org.) **Jornalismo, questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.
- BOURDIEU, P. **La distinción**. Criterios y bases sociales del gusto. Buenos Aires: Alfaguara. 2012.
- _____. **Sobre la televisión**. Barcelona: Anagrama. 1997.
- BRAIGHI, A. A. **Análise de telejornais**. Um modelo de exame da apresentação e estrutura de noticiários televisivos. Rio de Janeiro: E-Papers. 2013.
- CALDAS, P. C. Televisão e Poder na leitura de Muniz Sodré. **Contemporânea**, Salvador, N 10, 2008.

- CALDEIRINHA, D.; ALBERNAZ, E. *Mídia e Segurança Pública: um balanço*. 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública. Ministério da Justiça. **Mídia e Segurança Pública**. Brasília: Cadernos Temáticos da CONSEG. N. 1. Ano 1. Brasília DF.2009.
- CAMPIONE, D. **Para leer a Gramsci**. Buenos Aires: Centro cultural de la Cooperación Floreal Gorini. 2007
- CARMONA, R. **Cómo se comenta un texto fílmico**. Madri: Cátedra, 2010.
- CASTELLS, M. **El poder de la identidad**. México: Siglo XXI, 1998.
- CASTEL, R. **La metamorfosis de la cuestión social**. Barcelona:Paidós. 2009.
- CASTRO, P. Comunicação e polifunconalidade da linguagem – Revisitando as modalidades comunicativas para análise de material textual. In Silva Paredes Moreira, A. org. **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. UFPB. João Pessoa: EdUFPB 2005.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CEBRIÁN HERREROS, M. **La información en televisión**. Obsesión mercantil y política. Barcelona: Gedisa. 2004.
- CEPAL **Panorama Social de América Latina**. Santiago de Chile: UNFPA. 2006
- CURADO, O. **A Notícia na TV: o dia a dia de que faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro. 2002.
- DIAS, A. S. **A redução da idade penal no jornalismo de referencia brasileiro: uma análise dos sentidos sobre segurança pública**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre. 2016. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132820/000984923.pdf?sequence=1> Acesso em 18/05/2016.
- DUARTE, E. B. **Televisão: desafios teórico-metodológicos**. In: BRAGA, J. L. LOPES, M. I. V. de; MARTINO, L.C. (Org.) **Pesquisa empírica em Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.
- DUBET, F. **Repensar la Justicia Social**. Buenos Aires. S. XXI, 2011.
- DUBOIS, Philippe, **El acto fotográfico**. De la Representación a la Recepción, Barcelona: Paidós Comunicación, 1986.
- ECO, U. **Tevê: a transparência perdida**. In: ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.182-204.
- ESCOSTEGUY, A. C. **Cartografias dos estudos culturais**. Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Las palabras y las cosas**.Argentina. Siglo XXI. 1968.
- _____. **¿Por qué hay que estudiar el poder?** La cuestión del sujeto. Materiales de sociología crítica. Madri: La Piqueta, 1986.
- FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação: a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L; FRANÇA, V. **Teorias da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GALEANO, E. **El libro de los abrazos**. Buenos Aires. S. XXI. 1996.
- GARCÉS, A. Representaciones sociales de migrantes peruanos sobre su proceso de integración en la ciudad de Santiago de Chile. **Polis. Revista Latinoamericana**. Santiago. Nro. 35. 2013, disponível em: <http://polis.revues.org/9351>
- GIDDENS, A. **Modernidad e identidad del yo**. Barcelona: Península 1991.
- GILROY, P. **Estudios culturales y comunicación**. Buenos Aires: Paidós 1996.

- GOFFMAN, E. **La presentación de la persona en la vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu, 1981.
- GORDILLO, I. **Manual de narrativa televisiva**. Madri: Síntesis, 2009.
- GUARESCHI, P. Representações sociais e ideologia. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, Ed. Esp., 2000. p.33-46.
- GUNTHER, E.G. **Las representaciones sociales**. Buenos Aires: UBA, 2002
- HABERMAS, J. **Pensamiento postmetafísico**. México: Taurus Humanidades, 2000
- _____. La sociología intersubjetiva de la comunicación en el mundo de la vida. In: FERNÁNDEZ, M. (Comp.). **Nombres del pensamiento social**. Miradas contemporáneas sobre el mundo que viene. Buenos Aires: Del Signo, 2004.
- HALL, S. et al. **Da ideologia**, Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- _____. A produção social das notícias: o mugging nos media, in TRAQUINA, N. (Org.) **Jornalismo**. questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-48.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG/UNESCO, 2003.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HANNIGAN, J. Environmental Sociology. A Social Constructionist Perspective. New York: Routledge, 2002 In BEZERRA DA SILVA, E. **Meio ambiente no telejornalismo: efeitos de sentido sobre preservação no Nordeste Viver e Preservar**. Porto Alegre: UFRGS. 2016
- HARRIS, M. **Teorías sobre la cultura en la era posmoderna**. Barcelona: Crítica, 1989.
- IBÁÑEZ, T. **Ideologías de la vida cotidiana**. Barcelona: Sendai. 1988.
- _____. La construcción del conocimiento desde una perspectiva socioconstruccionista. In: MONTER, M. (Coord.). **Conocimiento, realidad e ideología**. Caracas: AVEPSO. 1994.
- JAMESON, F.; ZIZEK, S. **Estudios culturales**. Reflexiones sobre el multiculturalismo. Buenos Aires: Paidós. 1998.
- JODELET, D. **Representações sociais**. Rio de Janeiro: UFRJ-Faculdade de Educação, 1993. p.31-61.
- JUNQUEIRA, J. **Telejornalismo e violência: o processo de construção e desconstrução da cidadania em notícias sobre criminalidade**. UFG: 2013
<https://mestrado.fic.ufg.br/up/76/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_JuianaJunqueira.pdf>
Acesso em 5 set 2015.
- KESSLER, G. **El sentimiento de inseguridad**. Sociología del temor al delito Argentina: Siglo XXI, 2009.
- LACOLLA, Liliana. Representaciones sociales: una manera de entender las ideas de nuestros alumnos. **Revista ierRed:Revista Electrónica de la Red de Investigación Educativa**. Vol. 1 Nro. 3 (Julio-Diciembre 2005) Disponible em <http://revista.iered.org>>. ISSN 1794-8061.
Acesso em 5/7/2015.
- LEAL, B. S.; VALLE, F. P. Informação e imagem no telejornal: reflexões sobre um regime visibilidade. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo: v.32, n.1, p. 129-145, jan./jun. 2009.
- LESER DE MELLO, Silvia. A Violência Urbana e a exclusão dos jovens In SAWAIA, B. (Org.) **As artimanhas da exclusão**. Análise psicossocial e ética da desigualdade sócial. Petrópolis: Vozes. 2001.

- LISSOVSKY, M.; VAZ, P. Mídia e segurança pública: o jogo dos descontentes. In 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública. Ministério da Justiça. **Mídia e Segurança Pública**. Brasília: Cadernos Temáticos da CONSEG. N. 1. Ano 1. Brasília. DF. 2009.
- MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Secac, 2000.
- MORAES, D. (Org.) **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad. 2008.
- MANCIBO, D. **Globalização, cultura e subjetividade**: discussão a partir dos meios de comunicação de massa. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n3/a08v18n3.pdf>. Acesso em 5/09/2015>. Acesso em 15 out 2016.
- MARONNA, M. e SANCHEZ VILELA, R. Conhecer para intervir: infância, violência e mídia. In: MORIGI, V. J.; ROSA, R.; MEURER, F. (Org.). **Mídia e representações da infância**: narrativas contemporâneas. Porto Alegre: Champagnat, 2007. p. 15-73.
- MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. de (Org.) **A sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- MARTÍN –BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-68.
- MATA, M. C. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación**. Lima, 1999.
- MORÁS, LUIS EDUARDO. Los hijos del estado y crisis del modelo de protección-control de menores en Uruguay. Montevideo: Serpaj. Outubro de 2012.
- MORIGI, V. et al. La visibilidad de la infancia y la violencia en los medios brasileños. **Revista Oficios terrestres**, La Plata, 2005. Ano XI, n. 17.
- MORLEY, D. **Televisión, audiencias y estudios culturales**, Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- MOSCOVICI, S. **La representación social**: un concepto perdido. In: MOSCOVICI, S. **El Psicoanálisis, su imagen y su público**. Buenos Aires: Huemul, 1979.
- MOUILLAUD, M. A informação ou parte da sombra. In: PORTO, S. D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: EUnB, 2002. p. 37-47.
- MURGA AGARRATE CATALINA. La violencia. Montevideo: 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iHBuC4n2STE>
- NUÑEZ, S. **Prohibido Pensar**. Montevideo: HUM. 2010.
- NUÑEZ, S. **ZoonPolitikon/homo economicus**. Revista de Ensayos n. 1. Montevideo: HUM. 2014
- OLIVA, L.; SITJÀ, X.: **Las noticias en televisión**. Madri: IORTV, 1999.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas SP: Pontes, 2001.
- OROZCO GÓMES, G. Corrientes de investigación para el estudio de recepción de medios. In: _____. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Guadalajara, México: 2000.
- OROZCO GÓMES, G. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, D. (org.) **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad. 2008.

- PATERNAIN, R. La inseguridad em Uruguay: perspectivas e interpretaciones. In RIELLA, A. (Coord.) **El Uruguay desde la sociología**. Montevideo: Departamento de Sociología. F.CC.SS. 2010. V.10.
- PATERNOSTRO, V. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Braziliense, 1987.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. EniOrlandi et al. Campinas: EdUNICAMP, 1988.
- PÉREZ NAVARRO, Á. **La edición en video** de noticias para televisión. Gandia: Universidad Politécnica de Valencia. 2012.
- PLAN **Uruguay_2015-2020**_disponível em file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/Plan_Uruguay_2015_-_2020_.pdf Acesso em 18 de maio de 2015.
- RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e Violência: o desafio brasileiro na cobertura sobre violência, criminalidade e segurança pública**. In 1ª Conferência Nacional de Segurança Pública. Ministério da Justiça. **Mídia e Segurança Pública**. Brasília: Cadernos Temáticos da CONSEG. 2009.
- ROCHA FLORES F. **Do problema das identidades na pós-modernidade**. UFSM. Santa Maria, RS, Brasil: 2011. PDF. Acesso 18/09/2015.
- RODRIGUES, A. D. Experiência, modernidade e campo dos media . In: RODRIGUES, MOURA, NEIVA et Al. **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Teresina: Revan, 2000.
- RODRÍGUEZ SALAZAR, T. e GARCÍA CURIEL, M.de L. (Coord.) (2007) **Representaciones sociales: Teoría e investigación**. Guadalajara, México: Universidad de Guadalajara, 2007.
- RODRÍGUEZ WANGÜEMERT, Carmen y otros. **Prensa y construcción social de la imagen de menores con medidas judiciales**. Tenerife. España. Universidad de la Laguna. Julio 2010.
- RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de sentido**. Consumo, mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- ROSSEL, Cecilia e GELBER, Denisse. **Trayectorias juveniles desiguales: volviendo a las anclas estructurales**. Uruguay: Agosto de 2012. Disponível em http://www.inju.gub.uy/innovaportal/file/20523/1/cecilia_rossel_y_denisse_gelber.pdf.
- SÁ. C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 1998.
- SÁNCHEZ VILELA, R. **La verdad en imágenes**. Prisma. Montevideo: UCUDAL. Nro. 9. 1997.
- SANTIAGO, S. **O narrador pós-moderno**. In: SANTIAGO, S. (Org.). **Nas malhas da letra: ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p.44-60.
- SARLO, B. **Escenas de la vida posmoderna**. Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina. Buenos Aires: Planeta, 2011
- SAWAIA, B. (Org.) **As artimanhas da exclusão**. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes. 2001.
- SEN, A. 1999. **Desarrollo y libertad**. Buenos Aires: Planeta. 1999.
- SERRANO, P. **La comunicación jibarizada**. Cómo la tecnología ha cambiado nuestras mentes. Barcelona: Península. 2013.
- SHEARING, C.; WOOD, J. **Pensar la seguridad**. Barcelona: Gedisa, 2011.
- SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes. 2000.
- SILVA, M.L. **Estatuto da Criança e do Adolescente e o Código de Menores: descontinuidades e continuidades**. In: Serviço Social e Sociedade. Ano XXVI, nº 83, p. 30-48. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVEIRA, A. C. M. Representações midiáticas: reflexão sobre o estatuto representacional das mídias. In: SILVEIRA et al. **Comunicação Midiática**. Santa Maria: FACOS-UFSM. 2002.

SILVEIRA, A. C. M. **Asombros identitários**. Representación y virtualización en los medios. Madri/Berlim: EAE/Verlag, 2015.

SILVEIRA, A. C. M. Ambivalência e cobertura jornalística de periferias. In: SILVEIRA A. C. M.; GUIMARÃES, I. P. (Org.). **Conexões (trans)fronteiriças**: mídia, noticiabilidade e ambivalência. Foz do Iguaçu: EdUnila. 2016. p.24-43.

SODRÉ, M.O **campo identitário em claros e escuros**: Identidade, povo e mídia no Brasil Petrópolis: Vozes. 1999.

_____. **Sociedade, Mídia e Violência**, Porto Alegre: Sulina 2002.

_____. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, D. (org.) **Sociedade Midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad. 2008.

_____. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON, J. B. **A crítica da Indústria Cultural**. In: **Ideologia e cultura moderna**. Teoria Social Crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **Ideologia e cultura moderna**.teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995.

_____. **Ideología y cultura moderna**. teoría social crítica en la era de la comunicación de masas. México: Universidad Autónoma Metropolitana Xochimilco. 2002

UFSM. **Manual de Dissertações e Teses** da UFSM. Estrutura e apresentação. Santa Maria: Ed. UFSM. 2015.

URRESTI, M. Las cuatro pantallas y las generaciones jóvenes. In: ARTOPOULOS, A. (Comp) **La sociedad de las cuatro pantallas**. Una mirada latinoamericana Barcelona. Barcelona: Ariel. 2011.

VAN DIJK, T A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004.

VASILACHIS DE GIALDINO, I. **Estrategias de investigación cualitativa**. Barcelona: Gedisa. 2006.

VERON, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

VERONESE, M. V; GUARESCHI, P. A Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais**, São Leopoldo, V. 42, n. 2, p. 85-93, 2006.

VISCARDI, N.; BARBERO, M. Políticas para menores infractores en Uruguay. Tendencias sociales e institucionales en base al papel desempeñado por el Poder Judicial, la Policía y la Prensa. **Revista O público e o privado**. N. 15. 2010.

VISCARDI, N.; BARBERO, M.;CHMIEL, F.;CORREA, N. Acerca de las tendencias punitivas en Uruguay: Policía, justicia y prensa en la construcción social de los fenómenos de violencia y juventud. In: **El Uruguay desde la Sociología**. VIII 8ª Reunión Anual de Investigadores del Departamento de Sociología El trabajo y sus transformaciones Desigualdad y políticas sociales. El orden social y los conflictos Sociedad, desarrollo e integración regional Departamento de Sociología. Montevideo: CBA Imprenta Editorial, 2010

WACQUANT, L. Castigar a los parias urbanos. **Revista Oficios terrestres**. Comunicación y violencia, La Plata, 2005. Año XI, N. 17.

_____. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo. 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.

_____ **Television:** technology and cultural form. Londres: Routledge, 1997.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e diferença.** A perspectiva dos Estudos culturais 1^a. D. Petrópolis, R.J.: Vozes.1999.

ŽIŽEK, S. **El sublime objeto de la ideología.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.